

**LUCAS MARINHO MOURÃO**

**O MEIO RURAL SUL-MATO-GROSSENSE NA TELEVISÃO LOCAL:  
a produção jornalística do programa MS Rural**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
CAMPO GRANDE  
2013**

**LUCAS MARINHO MOURÃO**

**O MEIO RURAL SUL-MATO-GROSSENSE NA TELEVISÃO LOCAL:  
a produção jornalística do programa MS Rural**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Professora Dra. Daniela Cristiane Ota

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
CAMPO GRANDE  
2013**

**LUCAS MARINHO MOURÃO**

**O MEIO RURAL SUL-MATO-GROSSENSE  
NA TELEVISÃO LOCAL:**  
a produção jornalística do programa MS Rural

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “O meio rural sul-mato-grossense na televisão local: a produção jornalística do programa MS Rural”, elaborada por Lucas Marinho Mourão, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela Cristiane Ota  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Temer  
Universidade Federal de Goiás - UFG

***AO MEU PAI, que me ensinou o gosto pela leitura.***  
*Seu exemplo foi essencial para que eu me apaixonasse por essa  
ferramenta tão essencial no estudo da área de Humanas.*

***A MINHA MÃE, que me ensinou a ter disciplina.***  
*Sem ela, o curso de mestrado e a vida acadêmica não seriam possíveis.*

***Aos dois,***  
*pelo esforço que fizeram para que eu e minha irmã tivéssemos uma boa educação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pelas condições dadas para se cursar um mestrado.

A minha orientadora, Professora Dra. Daniela Ota, que sabiamente me instruiu nos melhores caminhos da pesquisa acadêmica.

A Capes, pelo financiamento durante o mestrado.

A todos que contribuíram de alguma maneira com essa dissertação: colegas de mestrado, professores do Programa de Pós Graduação em Comunicação.

Aos meus queridos sogros, pelo incentivo, investimento e apoio.

E principalmente a minha esposa, Letícia da Costa e Silva, pelo seu companheirismo e auxílio. Seu bom exemplo como mestranda também contribuiu muito.

*Nunca mais haverá no mundo um ano tão bom.  
Pode até haver anos melhores,  
mas jamais será a mesma coisa.  
Parecia que a terra  
estava explodindo em beleza.*

*E nós todos acordávamos cantando,  
muito antes do sol raiar,  
passávamos o dia trabalhando e cantando  
e logo depois do pôr-do-sol desmaiávamos  
em qualquer canto  
e adormecíamos, contentes da vida.*

*Até me esqueci da escola,  
a coisa que mais gostava.  
Todos se esqueceram de tudo.  
Agora dava gosto trabalhar.*

*Os pés de milho cresciam desembestados,  
lançavam pendões e espigas imensas.  
Os pés de feijão explodiam as vagens  
do nosso sustento,  
num abrir e fechar de olhos.  
Toda a plantação parecia nos compreender,  
parecia compartilhar de um destino comum,  
uma festa comum, feito gente.  
O mundo era verde.*

**Antônio Torres**  
**- Por Um Pé de Feijão**

## RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de pesquisar como o meio rural é divulgado pela mídia televisiva do Mato Grosso do Sul. Como objeto de estudo foi analisado o programa MS Rural, da TV Morena. A pesquisa mostra-se relevante, pois o Jornalismo Rural no Estado é uma editoria forte, tendo em vista que uma de suas principais atividades econômicas é o agronegócio, divulgando informações que afetam toda população, direta ou indiretamente envolvida. A Análise de Conteúdo usada como metodologia nesta pesquisa considerou a mídia como um local onde se retrata a realidade social por meio da notícia. Assim, o apanhado deste trabalho destaca o conteúdo jornalístico que o MS Rural tem noticiado e como o programa divulga o meio rural sul-mato-grossense.

**Palavras-Chave:** Análise de Conteúdo. Telejornalismo. Jornalismo Rural. MS Rural.

## ABSTRACT

This dissertation researches how the countryside is portrayed by the television media of Mato Grosso do Sul. As the object of study was analyzed the MS Rural, TV Morena. Research shows it is relevant because the State in Rural Journalism is a strong editorial, given that its main activity is agribusiness, disseminating information affecting the entire population directly or indirectly involved. Content Analysis was used as a methodology in this research considered the media as a place where the social reality portrayed by the news. Thus, the overview of this work highlights the journalistic content that MS Rural has reported and how the program promotes the rural in Mato Grosso do Sul.

**Keys-Words:** Content Analysis. Telejournalism. Rural Journalism. MS Rural.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ordem de Exportação no Mato Grosso do Sul por Município.....	15
Quadro 2 – Ordem do PIB Agropecuário do Mato Grosso do Sul por Município.....	16
Quadro 3 – Produtos Exportados no Mato Grosso do Sul em 2012.....	16
Quadro 4 – Regiões do Mato Grosso do Sul .....	17
Quadro 5 – Principais mídias rurais no Brasil .....	33
Quadro 6- Lista de publicação científica em Ciências Agrárias .....	34
Quadro 7 - Estrutura do programa MS Rural .....	51
Quadro 8 - Histórico de apresentadores do MS Rural.....	52
Quadro 9 – Classificação por tempo.....	56
Quadro 10 – Descrição das pautas.....	56
Quadro 11 – Classificação do setor .....	57
Quadro 12 – Classificação das fontes.....	57
Quadro 13 – Tipos de Governos.....	58
Quadro 14 – Participação dos Governos .....	58
Quadro 15 - Entidades .....	59
Quadro 16 - Matérias do MS Rural analisadas.....	59
Quadro 17 – Tempo das matérias .....	61
Quadro 18 – Classificação das matérias pelo tempo .....	62
Quadro 19 - Pautas .....	63
Quadro 20 – Situação do meio rural .....	64
Quadro 21 - Entrevistados .....	67
Quadro 22 – Grupos de entrevistados.....	69
Quadro 23 – Relação com Governos .....	71
Quadro 24 – Relação com entidades .....	72
Quadro 25 – Cidades visitadas .....	73
Quadro 26 – Cidades mais citadas e assuntos .....	74
Quadro 27 – Quadro completo de análise .....	75
Quadro 28 – Classificação de texto em telejornalismo .....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem de matérias por classificação de tempo. ....	62
Gráfico 2 – Pautas mais frequentes .....	63
Gráfico 3 – Situação do meio rural.....	66
Gráfico 4- Número de matérias, por grupo. ....	70
Gráfico 5 – Número de entrevistas, por grupo. ....	71
Gráfico 6 - Interferência do Governo no setor rural.....	72
Gráfico 7- Relação com outras entidades .....	73
Gráfico 8– Cidades visitadas .....	74

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. JORNALISMO RURAL .....</b>	<b>22</b>
2.1. Jornalismo especializado .....	23
2.2. Jornalismo Rural .....	24
2.3. O meio rural nos veículos de comunicação e como objeto de estudo .....	31
2.4. A mídia sul-mato-grossense e o meio rural .....	39
<b>3. A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO NO MEIO RURAL .....</b>	<b>44</b>
3.1. A influência da televisão e do telejornalismo .....	44
3.2. TV Morena .....	47
3.3. Programa MS Rural .....	49
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>53</b>
4.1. Análise de Conteúdo .....	53
4.2. Categorias de análise do MS Rural .....	55
4.3. Análise do MS Rural .....	59
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>85</b>
1. Transcrição .....	85
2. Análise .....	86

## 1. INTRODUÇÃO

Os telejornais representam, de certa maneira, o mundo para um grupo de pessoas que não pode estar presente nos fatos. Por esse e outros motivos que sua responsabilidade perante a audiência é grande. Aos produtores cabe à missão de criar o melhor programa possível dentro das exigências e padrões jornalísticos (ética, técnica, estética) e aos pesquisadores cabe à tarefa de investigar e estudar a mídia com afinco.

Tomando esse pensamento como base, neste trabalho, buscou-se perceber a divulgação do meio rural sul-mato-grossense na televisão local. Mais especificamente no telejornal especializado mais antigo do Estado, o MS Rural. Ele foi criado em julho de 1984 pela emissora TV Morena, em Campo Grande, sendo veiculado para todo o Mato Grosso do Sul.

O programa foi analisado a partir da produção jornalística. A pesquisa identifica as vozes, os temas mais frequentes e o que o telejornal enuncia sobre o meio rural no Estado. Investiga-se o telejornal (com sua linguagem e narrativa midiática) como instrumento nas mediações do processo de construção de representações e da identidade rural no Estado.

A importância do Jornalismo Rural no Estado do Mato Grosso do Sul não pode passar despercebida. Esta editoria está em crescimento e chama cada vez mais a atenção para sua responsabilidade jornalística, divulgando informações que afetam toda população, independente de se morar no campo ou na cidade. Notícias como a venda de gado, safras<sup>1</sup> (colheitas), são informações que direta ou indiretamente afetam qualquer um. O preço, a oferta e a falta de produtos que um cidadão compra no supermercado, por exemplo, tem a situação do meio rural como influência.

É por isso que programas televisivos nacionais como Globo Rural, que informam cotações do mercado agropecuário e mostram aspectos da vida diária no campo, são exibidos em rede nacional desde 1980 e têm grande audiência. O jornalismo tem sido utilizado como canal para informar diversos públicos sobre a rotina no campo (passando por vários subtemas: vida, economia, política, tecnologia, ciência).

---

<sup>1</sup> Além da safra normal, existe ainda no meio rural o período que recebe o nome de entressafra: contempla o fim da colheita (pós-colheita) até o início do novo plantio. A plantação e colheita de culturas durante a entressafra é chamada de safrinha.

E os assuntos relativos à agropecuária ganham cada vez mais importância na mídia brasileira, por causa da realidade econômica do Brasil. O Brasil experimenta um notório crescimento no comércio internacional do agronegócio, desde os anos 1990. No início de 2010, a cada quatro produtos agropecuários em circulação no mercado internacional um era brasileiro. Previsões da Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento apontam que, até 2020, a produção do País vai representar um terço da comercialização mundial.

Historicamente, a agricultura é umas das principais bases da economia do País, desde os primórdios da colonização. Aos poucos, houve a evolução das grandes monoculturas como a cana-de-açúcar e o café. O ex-presidente Getúlio Vargas<sup>2</sup> chegou a criar a expressão: "O Brasil é o celeiro do mundo". Até o início do século XX, a agricultura no País era bem diferente da atual. Nas propriedades, de *plantation*<sup>3</sup> ou nas de subsistência, fazia-se de tudo. Além das atividades de plantio, muitas vezes bem diversificadas, eram também criados animais de produção e tração, produzidos equipamentos de transporte e insumos básicos, como fertilizantes e sementes. Diferente da realidade atual, o número de pessoas morando no campo superava os da cidade.

Com a evolução dos modos de produção no campo, os fertilizantes, agrotóxicos e máquinas tiveram necessidade de ser produzidos pelo setor industrial. Da mesma forma, o processamento, a comercialização, a distribuição e o transporte passaram a ser realizados por empresas prestadoras de serviço e pelo comércio. As fazendas se especializaram e começaram a orientar sua produção para mercados específicos. A especialização passou a ser elemento cada vez mais vital, trazendo redução nos custos de produção com vantagens na competição para os produtores rurais. Hoje, o termo agricultura refere-se mais às atividades de plantio, colheita e à produção de animais, ou seja, o 'dentro' da porteira.

A tecnologia se faz cada vez mais presente no meio agrário, em diversos setores. Os maquinários estão mais modernos, exigindo menos mão de obra no campo e necessitando de profissionais qualificados para operar as máquinas. A produção tem se intensificado e os produtos agrícolas são plantados, colhidos, armazenados e distribuídos em curtíssimo espaço de tempo. A reprodução animal também tem sido afetada pelos estudos de laboratório. Animais são geneticamente modificados com o fim de serem imunes a doenças e

---

<sup>2</sup> Mandatos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954.

<sup>3</sup> Sistema agrícola baseado em uma monocultura que na maioria das vezes usava grandes propriedades e mão-de-obra escrava.

umentarem de tamanho. Alterações genéticas são feitas também com produtos a serem plantados, para que ao nascerem, resistam a pragas e tenham maior durabilidade.

A evolução da agropecuária faz com que ela não só mantenha a subsistência, mas sustente toda a economia de um país, gerando emprego, desenvolvendo centros populacionais e acumulando riqueza. As exportações brasileiras, por exemplo, têm criado cada vez mais uma geração de fazendeiros milionários. Exemplo do que acontece no Mato Grosso do Sul.

O Brasil tem expandido cada vez mais sua presença nos mercados financeiros internacionais e nos mercados de *commodities*<sup>4</sup>. Entre os principais produtos vendidos para o exterior se destacam soja, café, álcool, suco de laranja e carnes.

Com a abundância de produtos e animais em todo o território, grandes empresas têm se despontado no cenário mundial, como a JBS<sup>5</sup> (maior empresa em processamento de proteína animal do mundo, atuando nas áreas de alimentos, couro, biodiesel, colágeno e latas) e Brasil Foods<sup>6</sup> (conglomerado brasileiro, do ramo de produtos alimentícios e proteínas animais, fusão das ações da Sadia S.A. ao capital social da Perdigão S.A.). Essa última abate cerca de 1.790 bilhões de aves por anos e mais de 10.870 milhões de suínos e bovinos. Empresas como essas fortalecem cada vez mais o País no mercado internacional.

A produção no Brasil de cereais, leguminosas e oleaginosas foi satisfatória em 2012. Em dezembro a safra desses produtos totalizou 162,1 milhões de toneladas, superior 1,2% à obtida em 2011. A área colhida em 2012 apresentou acréscimo de 0,3% frente à área colhida em 2011. O arroz, o milho e a soja são os três principais produtos deste grupo, que somados representam 91,6% da estimativa da produção e respondem por 85,1% da área colhida. O Mato Grosso lidera como maior produtor de grãos, com uma participação de 25%, seguido pelo Paraná (19,1%) e Rio Grande do Sul (11,8%). O Mato Grosso do Sul está na sexta colocação.

Segundo o Ministério da Agricultura, em 2012 no Brasil, 39,5% das exportações aconteceram graças ao agronegócio (crescimento que superou em 2% o ano de 2011). Em 2013, o Produto Interno Bruto do agronegócio brasileiro teve evolução de 3% nos quatro primeiros meses do ano em relação a igual período de 2012<sup>7</sup>. Nesse mesmo período, 18 das

---

<sup>4</sup> Do inglês, literalmente mercadoria. São habitualmente substâncias extraídas da terra e mantém geralmente um preço universal.

<sup>5</sup> Disponível em: <[www.jbs.com.br](http://www.jbs.com.br)>. Acesso em: 20 de junho 2013.

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.brf-br.com](http://www.brf-br.com)>. Acesso em: 20 de junho 2013.

<sup>7</sup> Dados da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) e do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

principais empresas exportadoras voltadas para o agronegócio venderam US\$ 24,3 bilhões ao exterior, 23% mais do que em 2012<sup>8</sup>.

A evolução da lavoura brasileira forçou gastos com importações. As quatro principais empresas importadoras de fertilizantes compraram US\$ 2,1 bilhões no ano, 17% mais do que em 2012<sup>9</sup>.

As carnes também tiveram bom desempenho, com as quatro principais empresas do setor atingindo vendas de US\$ 5,9 bilhões. Segundo o IBGE<sup>10</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no 1º trimestre de 2013, foram abatidas 8,134 milhões de cabeças de bovinos, representando aumento de 12,7% frente ao 1º trimestre de 2012. O valor arrecadado com exportação da carne bovina *in natura* foi de 1.153.289 milhões de dólares (crescimento de 26,4% em relação ao ano anterior). Rússia (29,0%), Hong Kong (18,5%), Venezuela (14,4%), foram os três principais países que importaram carne. Neste mesmo período no ranking de abates de bovinos por unidade de federação estão nos primeiros lugares: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Não é só no abate de bovinos que o Mato Grosso do Sul se destaca. O Estado está entre os maiores produtores agropecuários do País e tem na extração vegetal e na agricultura, as bases de seu desenvolvimento. Segundo a SEFOP (Secretaria de Estado de Finanças, Orçamento e Planejamento de Mato Grosso do Sul), do total de ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) arrecadado pelo Estado, 52,7% provém do comércio, 23,7% da agropecuária, 17,2% de serviços e o restante da indústria.

O Estado do Mato Grosso do Sul está localizado ao sul da Região Centro-Oeste e em sua área territorial destacam-se as vegetações de cerrado e o do Pantanal. Tem uma área aproximada de 358 mil quilômetros quadrados, 79 municípios, com uma população de 2.449.024 pessoas e densidade de 6,86 habitantes por quilômetro quadrado. A capital, Campo Grande, tem uma densidade demográfica de 97 habitantes por quilômetro quadrado<sup>11</sup>.

Entre as principais atividades do Estado destacam-se: soja, carne de vaca, milho, trigo, algodão, cana-de-açúcar. Segundo site do Governo<sup>12</sup>, o Estado possui o quarto maior rebanho bovino de corte do Brasil, correspondendo a 10,1% de todo rebanho nacional. Tem

---

<sup>8</sup> Dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

<sup>9</sup> Folha de São Paulo. Mauro Zafalon. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/columnas/vaivem>>. Acesso em: 20 de julho 2013.

<sup>10</sup> IBGE. Estatística da Produção Pecuária. Junho de 2013. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria>>. Acesso em: 8 de maio 2013.

<sup>11</sup> Uma comparação interessante pode ser feita com a cidade de São Paulo que tem densidade demográfica de 7.383 habitantes por km<sup>2</sup>.

<sup>12</sup> Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. Disponível em: <[www.ms.gov.br](http://www.ms.gov.br)>. Acesso em: 11 de maio 2013.

24 milhões de hectares de área explorada pela agropecuária: 9,8 milhões de toneladas de grãos por ano (sendo 5,3 de soja e 3,5 milhões de milho).

O último comparativo traçado pela SEMAC (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul)<sup>13</sup>, em 2010, aponta uma diferença significativa na participação dos Setores<sup>14</sup> Primário e Secundário no PIB (Produto Interno Bruto) das economias do País e do Estado. No Setor Terciário, as participações relativas estão mais próximas. As diferenças de pesos nos Setores Primário e Secundário refletem a dimensão maior já alcançada pelo parque industrial nacional, concentrado principalmente na Região Sudeste. No Brasil, 5,3% do PIB é do setor primário (setor com maior predominância na economia agropecuária). Já no Mato Grosso do Sul são 15,45%.

Segundo a SEPROTUR (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário, da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo)<sup>15</sup>, em 2012, os produtos básicos corresponderam a 63% das exportações, seguido dos produtos semimanufaturados com 32% e manufaturados com 5%. Os produtos foram exportados principalmente para os países da China (participação de 22,24%), Argentina (7,88%) e Rússia (6,86%). Dentre as empresas que mais exportam, as três principais foram: Fibria-MS, produzindo celulose (participação de 10,29%), JBS, processando proteína animal (8,71%) e Bunge, trabalhando com cadeia global de alimentos (8,44%). Os Municípios que mais exportaram em 2012 foram:

Quadro 1 - Ordem de Exportação no Mato Grosso do Sul por Município<sup>16</sup>

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>EXPORTAÇÃO (em dólares)</b>
Três Lagoas	645.128.151
Campo Grande	412.626.713
Corumbá	400.208.386
Dourados	244.402.426
Maracaju	194.814.389

Segundo o IBGE<sup>17</sup>, sete cidades do Mato Grosso do Sul estão entre as 100 cidades com maior PIB agropecuário no Brasil. São elas: Rio Brilhantes (26<sup>a</sup>), Corumbá (34<sup>a</sup>),

<sup>13</sup> Semac. Disponível em: <<http://www.semac.ms.gov.br>>. Acesso em: 25 de junho 2013.

<sup>14</sup> Setor Primário: produção animal e vegetal. Setor Secundário: atividades industriais. Setor Terciário: atividades de comércio e serviços.

<sup>15</sup> Desempenho da Balança Comercial de Mato Grosso do Sul/2012. Disponível em: <<http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/seprotur/index.php?inside=1&tp=3&show=960>>. Acesso em: 15 de maio 2013.

<sup>16</sup> IBGE. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 20 de junho 2013.



Maracaju (38<sup>a</sup>), Sidrolândia (73<sup>a</sup>), Costa Rica (78<sup>a</sup>), Dourados (84<sup>a</sup>) e Ponta Porã (97<sup>a</sup>). O quadro abaixo explicita esses valores:

Quadro 2 – Ordem do PIB Agropecuário do Mato Grosso do Sul por Município

POSIÇÃO	CIDADE	ARRECADAÇÃO (reais)
26 <sup>a</sup>	Rio Brilhantes	299.553.000
34 <sup>a</sup>	Corumbá	276.548.000
38 <sup>a</sup>	Maracaju	265.937.000
73 <sup>a</sup>	Sidrolândia	190.933.000
78 <sup>a</sup>	Costa Rica	183.158.000
84 <sup>a</sup>	Dourados	177.141.000
97 <sup>a</sup>	Ponta Porã	169.370.000

Os principais produtos exportados no Estado em 2012<sup>18</sup> foram:

Quadro 3 – Produtos Exportados no Mato Grosso do Sul em 2012

PRODUTOS	VALOR (dólares)	PARTICIPAÇÃO
Grãos de Soja	714.548.280	16,96%
Açúcar Bruto	701.530.814	16,65%
Carne Bovina	532.999.288	12,65%
Pasta de Madeira	435.433.277	10,34%
Milho	420.856.124	9,99%
Minério de Ferro	343.935.896	8,16%
Carne de Frango	257.873.177	6,12%
Farelo de Soja	132.716.388	3,15%
Óleo de Soja	119.044.351	2,83%
Couro	96.031.177	2,28%
Algodão	56.549.865	1,34%
Papel e Artigos de Papel	47.668.570	1,13%
Bebidas	44.869.473	1,07%
Carne Suína	41.511.649	0,99%
Produtos Origem Animal (bexiga, tripas)	38.009.577	0,90%
Açúcar Industrializado	25.599.659	0,61%
Carne de Outros Animais Salgada	18.699.958	0,44%
Sementes Forrageiras	16.641.882	0,40%
Carne industrializada	16.601.437	0,39%

A pecuária no Mato Grosso do Sul volta-se principalmente para o gado de corte. É uma pecuária extensiva, com acentuada concentração nos médios e grandes estabelecimentos. A quantidade de carne bovina exportada no primeiro trimestre de 2013 teve um aumento de

<sup>17</sup> Terra economia. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/economia/infograficos/pib-agropecuario>>. Acesso em: 20 de junho 2013. A primeira cidade na lista é Sorriso, Mato Grosso, com R\$ 791.159 milhões. O Estado do Mato Grosso é o que mais tem cidades na lista, com 24. Entre as dez primeiras, seis são mato-grossenses.

<sup>18</sup> IBGE. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 18 de maio 2013.

27,4% em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo o quarto Estado que mais exportou. Neste período foi o segundo Estado que mais abateu cabeças de gado: cerca de 1.100.000.

Segundo o IBGE<sup>19</sup>, 16% da população do Estado (351.785 pessoas) mora no campo, sendo que 84% (1.904.819 de pessoas) mora em áreas urbanas. O Instituto também calculou o número de pessoas que trabalham em estabelecimentos agropecuários no fim de 2012: 211.193 (157.644 homens e 53.549 Mulheres).

No acumulado dos meses de janeiro a novembro de 2012, a Balança Comercial do Estado apresentou um crescimento de 5,63% das exportações, se comparado ao mesmo período de 2011. Produtos como soja, açúcar bruto, carne bovina e pasta de madeira mantiveram os índices de desempenho.

O Estado pode ser dividido nas seguintes regiões:

Quadro 4 – Regiões do Mato Grosso do Sul<sup>20</sup>

<b>REGIÃO</b>	<b>PRINCIPAIS CIDADES</b>	<b>CULTURAS</b>
NORTE	Coxim São Gabriel do Oeste	São Gabriel do Oeste tem a suinocultura mais forte do Estado. Coxim atua na pecuária e sojicultura.
CENTRO	Campo Grande Terenos Sidrolândia	Produção diversificada, cinturão verde, produção leiteira e de grãos (soja e milho). Sidrolândia 73º maior PIB agropecuário do País (4º do Estado).
SUL	Maracaju Dourados Nova Andradina Ponta Porã	Região de Agricultura entrecortada pela pecuária. Maracaju é o 38º maior PIB agropecuário do País (3º do Estado) e Dourados, 84º (6º do Estado). Nova Andradina se destaca por abrigar muitos pequenos produtores, com agricultura diversificada. Ponta Porã faz divisa com o Paraguai e tem uma forte produção agrícola e pecuária.
LESTE	Três Lagoas Águas Claras	Pecuária de corte, reflorestamento com eucalipto - produção de carvão, papel e celulose.

<sup>19</sup> Ibge. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ms&tema=censodemog2010>>. Acesso em: 19 de maio 2013.

<sup>20</sup> Quadro montado com informações da Seprotur-MS. Disponível em: <<http://www.seprotur.ms.gov.br>>, IBGE. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>, Semac-MS. Disponível em: <<http://www.semec.ms.gov.br>> e Grupo Retis/UFRJ. Disponível em: <<http://www.retis.igeo.ufrj.br>>. Acesso em: 19 de maio 2013.

<b>REGIÃO (continuação)</b>	<b>PRINCIPAIS CIDADES</b>	<b>CULTURAS</b>
OESTE	Aquidauana Corumbá Ladário Miranda	Região do Pantanal - pecuária de corte extensiva. Minério de ferro (a segunda maior jazida do Brasil) e de manganês (a maior do Hemisfério Sul). Destacam-se ainda calcário, granito e o mármore, próximos a Aquidauana. Corumbá faz fronteira com a Bolívia. E abriga o Porto Fluvial, um dos maiores portos de rio do País com a presença da Marinha do Brasil. Tem turismo de pesca e ecoturismo.

A economia rural, que passa por mutação e adaptação, é influenciada por vários fatores. Para Mario Otávio Batalha (1997), a produção agrícola trabalha com diferentes setores e recebe interferência em vários ramos. Setores como o social, de infraestrutura, institucional, tecnológico, ambiental, econômico e legal. Segundo o autor, para que um produto chegue ao consumidor final, é necessário haver uma larga produção, que passa pelo mercado, onde vira produto de matéria prima, volta ao mercado, e por último é industrializado e preparado para a distribuição.

O crescimento e sistematização da produção rural justifica cada vez mais o investimento que é feito no jornalismo em agronegócio. Há cada vez mais um aumento da facilidade de contato entre o mundo rural e o mundo urbano. O campo também está mais receptivo. Com a chegada da energia elétrica, em lugares distantes e o aumento do uso de antenas parabólicas, o campo se tornou um espectador e consumidor em potencial.

A comunicação com as pessoas do meio rural deve levar em conta toda essa evolução, o espectador, por exemplo, pode tanto usar foice e enxada quanto operar máquinas computadorizadas e plantar sob a orientação de GPS<sup>21</sup> (geo-posicionamento por satélite). Morar tanto no campo, quanto nas grandes metrópoles. Essas mudanças foram percebidas por pesquisadores como Silva e Ferreira (2012), que traçaram um panorama da atividade do Jornalismo especializado em Agronegócio no Brasil hoje. Segundo os eles,

As mídias estão diversificando o espaço da informação e proporcionando leituras sobre assuntos específicos. E o jornalismo especializado com a temática rural cada vez mais ganha seu espaço. Textos simples e completos facilitam o entendimento de produtores rurais e empresários do agronegócio brasileiro, como também esclarecem dúvidas dos futuros negociadores e de curiosos em obter novos conhecimentos sobre o assunto. Esta atividade está movimentando o mercado e

<sup>21</sup> Sistema de posicionamento global, popularmente conhecido como GPS é um sistema de navegação por satélite que fornece a um aparelho receptor móvel a posição do mesmo.

criando novas áreas de atuação, em diferentes meios de comunicação. (SILVA; FERREIRA, 2012, p. 1)

Para os autores, mais do que ocupar um espaço repleto de oportunidades em vários meios de comunicação, o jornalismo rural precisa trabalhar principalmente na atualização do produtor rural e do leitor em geral por causa da importância desse setor para o rumo econômico e social do País. Inclusive pelo fato do público estar cada vez mais amplo e “aculturado”.

O jornalismo especializado no agronegócio está cada vez mais modificando o cenário da comunicação nacional. Antes, somente aqueles que se consideravam produtores rurais eram informados por este campo da comunicação. Porém, o agronegócio foi ganhando espaço e este jornalismo começou a acolher todos os públicos com uma linguagem fácil. Temos, então, um novo leitor, não mais considerado ignorante e com poucas informações. O produtor rural não é mais visto como um caipira que desconhece os meios tecnológicos e não entende a relativa importância das mídias. Este caipira da zona rural se tornou um grande empresário gerenciador de um dos grandes capitais econômicos do país. (SILVA; FERREIRA, 2012, p. 3)

Conhecer a realidade rural, o seu significado para o País e mediar essa informação com eficácia para a sociedade são atribuições do profissional de comunicação que cobre esse segmento. Em um Estado como o Mato Grosso do Sul, em que o agronegócio tem grande interferência na economia, há conseqüentemente uma maior necessidade dos veículos de informação nessa área.

Com isso, é relevante notar a forma como o meio rural é noticiado na região. Em decorrência dos fatos apontados acima, tornou-se questionamento do trabalho saber como o meio rural de Mato Grosso do Sul é representado na televisão regional.

O telejornal MS Rural, da TV Morena, foi escolhido por fazer parte da rede de maior expressão local e ser o programa rural de maior tradição na televisão aberta do Estado, há mais de 28 anos no ar. Sendo um importante representante no contexto rural do Mato Grosso do Sul. Essa pesquisa se faz relevante também, pois considera a mídia como um local de representação. Parte-se do entendimento que a mídia é uma produtora de representações com foco na realidade local (econômica e social). Neste contexto, a investigação das representações sociais na indústria da mídia regional adquire relevância para esta dissertação.

Sabe-se que o imaginário das pessoas está acostumado a criar imagens a respeito das situações. Imagens essas muitas vezes distorcidas pela ignorância ou informações equivocadas. Um exemplo é quando o homem da cidade julga equivocadamente o meio

rural: muitas vezes cria a ideia do homem ignorante e analfabeto, que faz trabalhado manual e recebe pouco. É a tradição do peão de fazenda, chamado de “xucro”. É nesse contexto que o Jornalismo Rural tem servido como um intermediário entre as notícias do campo e os espectadores.

A presente pesquisa foi delineada da seguinte forma: a coleta de dados foi feita por meio de registro audiovisual do telejornal rural. A amostra é composta por quatro programas, exibidos em dois meses aleatórios (setembro e novembro de 2012), totalizando 18 reportagens. O tempo de programação analisado totalizou uma hora, 15 minutos e 35 segundos. A Análise de Conteúdo (AC) foi a metodologia usada, tendo como base os autores Herscovitz (2007), Bauer e Gaskell (2002) e Bardin (2004). Esse método foi considerado o mais adequado para esta pesquisa, pois utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. O objetivo da análise é compreender a produção das mensagens jornalísticas, recorrendo a indicadores quantitativos e qualitativos.

Apesar do pequeno número de bibliografia dedicada ao assunto de telejornalismo Rural, algumas publicações sobre Comunicação e Jornalismo Rural foram usadas como base de tópicos desta dissertação, tais como as de Wilson da Costa Bueno, Bordenave (1988), Braga (2000) e Callou (2001).

O objetivo da pesquisa é o de observar o conteúdo da produção jornalística do MS Rural, fazendo um estudo detalhado das pautas tratadas. E também detalhar como o meio rural sul-mato-grossense é apresentado no programa: desenvolvido, em desenvolvimento ou estagnado? Quem é o homem do campo que aparece nas reportagens (fontes usadas)? Como é visto a atuação de Governos no setor? Quais as culturais mais divulgadas e de quais cidades? Fomentar a pesquisa acadêmica que trata do jornalismo rural. Também são objetivos da dissertação: elaboração de pesquisa que pretende servir como sugestão de reflexão na editoria rural - abordagem, seleção e composição de pautas. E para que o público especializado saiba em detalhes qual a imagem que o telejornal está construindo para sua audiência.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro contextualiza o jornalismo rural como um jornalismo especializado e que faz parte da comunicação rural. Aborda o meio rural como objeto de estudo e detalha sua atuação nos veículos de comunicação do Brasil e do Mato Grosso do Sul.

O capítulo dois trata da influência da televisão e do telejornalismo ao retratar a realidade. Mostra detalhes da história e da produção jornalística da TV Morena e do programa MS Rural.

No terceiro e último capítulo, os procedimentos metodológicos são explicitados, a Análise de Conteúdo referenciada e a produção jornalística do MS Rural analisada de acordo com a metodologia.

## 2. JORNALISMO RURAL

### 2.1. Jornalismo especializado

A segmentação do jornalismo por áreas não é algo muito antigo no Brasil, em razão da pouca idade da imprensa no cenário nacional. Teóricos da comunicação defendem que a especialização dos conteúdos indica questões de consumo, método e linguagem. Lustosa (1996) aponta a especialização do trabalho jornalístico como uma consequência lógica da divisão do trabalho nos veículos de comunicação. Ele relaciona e destaca a especialização como algo anterior ao jornalismo e que estaria tendo, na comunicação, uma oportunidade para se manifestar.

Assim como pode ser visto no desenvolvimento do ensino de Medicina, em que a especialização tem tomado caminhos cada vez mais permanentes, o jornalismo também tem se direcionado nesse rumo. Mesmo numa profissão que exige tanto conhecimento geral de seus integrantes, a necessidade de ser especialista em determinado assunto é uma exigência cada vez maior da modernidade. A formação do jornalista para o mercado de trabalho impõe atualmente uma especialização de conhecimento cada vez maior.

Nilson Lage classifica as editorias como divisões de áreas de atividade de interesse jornalístico e entende que, a partir desse raciocínio, pode-se fazer uma reflexão mais geral sobre o significado da especialização. Defende que as redações divididas em editorias pressupõem áreas com conhecimentos específicos, e que não há necessidade de “transformar especialistas em jornalistas”. *“O trabalho do jornalista não poderia ser transferido ao especialista, pois cabe ao jornalista, como agente do público, relatar sobre as coisas do mundo com critérios do senso comum, o que não faria o especialista.”* (LAGE, 2005, p. 109)

Ele exemplifica destacando que um professor de primeiro grau não precisa ser criança para comunicar-se com seus alunos. Em termos de formação, Lage também defende que é mais “produtivo” e “econômico” para a sociedade que o jornalista se especialize (e não o especialista se torne jornalista).

O pensamento de Lage reforça a ideia de que um conhecimento jornalístico próprio, passando pelo senso comum e científico, ajuda a esclarecer a questão da especialização dentro da profissão. Juarez Bahia (1990) concorda com isso e afirma que seja qual for a seção do meio jornalístico, quem deve compor a “literatura técnica do produto a ser comunicado” é um “especialista treinado em notícias”. O profissional especializado deve

então estar preparado com as informações de acordo com a especialidade tratada, conhecimento técnico e sua experiência.

Para Tavares (2009, p. 6), a Teoria da Cognição reforça que não é preciso saber tudo para falar sobre um assunto.

A Teoria da Cognição sustenta que, para transmitir o conhecimento de algo, é preciso entender esse algo – isto é, construir um modelo mental dele. Um modelo mental é uma estrutura incompleta, aproximada e referida a um contexto cultural que é o acervo da memória. Isto significa que um repórter de política nacional, por exemplo, não precisa ser um cientista político [...], mas deve dispor do máximo de informações sobre a história recente, a organização do Estado e a natureza dos fatos políticos.

A especialização jornalística prova que para se produzir uma notícia é preciso estar ciente de quais etapas e por quais processos ela passa. Quais contextos e ambientes da elaboração, quem é o profissional que a produz. E não somente a notícia deve ser estudada, mas também uma série de universos temáticos, de questões técnicas e de público. O jornalismo, quando é separado com a intenção de atingir determinado público específico, com uma mensagem temática e diferenciada, reforça mais seu conceito de especializado.

Para os autores Pereira e Pereira (2009, p. 14) *“nessa perspectiva, enquanto o jornalismo de assuntos gerais desloca-se do particular para o coletivo, o especializado parece realizar o caminho do particular para o particular.”* E isso acontece por causa da especialidade da especialização que limita e diferencia o campo de atuação. Seguindo as definições de Pereira e Perreira, o jornalismo rural assim se define como especializado, por ser detentor de uma informação particularizada que procura atingir um público específico. Ele tem seu próprio objeto de observação e divulgação, sendo bastante diferenciado das demais formas de jornalismo (policial, político e esportivo). E mesmo com suas particularidades, se aproxima muito de algumas editorias como jornalismo ambiental, científico e econômico (muitas vezes é definido como produto dos mesmos).

## 2.2. Jornalismo Rural

Segundo conceitos pertinentes, resumidos por Wilson da Costa Bueno<sup>22</sup>, o jornalismo rural pode ser denominado jornalismo em agribusiness. O que é uma denominação moderna

---

<sup>22</sup> Comunicação Empresarial. Disponível em: <[www.comunicacaoempresarial.com.br/comunicacaoempresarial/conceitos/jornalismoagrobusiness.php](http://www.comunicacaoempresarial.com.br/comunicacaoempresarial/conceitos/jornalismoagrobusiness.php)>. Acesso em: 20 de dezembro de 2012.



do jornalismo agrícola e compreende o trabalho jornalístico voltado ao negócio rural e veiculado em diferentes meios de comunicação.

Segundo Bueno, ele é praticado tanto por meios de comunicação quanto por empresas que trabalham no agronegócio, produtores agropecuários, institutos e empresas de pesquisa, como a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

O jornalismo centrado na divulgação da pesquisa agropecuária existe há mais de um século em nosso país, ressaltando-se a contribuição pioneira de alguns veículos, como o Balde Banco e A Lavoura, dentre as revistas tradicionais, o suplemento agrícola do Estado de São Paulo e mais recentemente o programa Globo Rural, importante escola do jornalismo em Agribusiness do País. A revista Globo Rural, também da Rede Globo, merece também ser citada pela contribuição relevante ao debate e à divulgação da ciência e da tecnologia e da cultura rural brasileira. (Comunicação Empresarial. Disponível em: <[www.comunicacaoempresarial.com.br/comunicacaoempresarial/conceitos/jornalismoagrobusines.php](http://www.comunicacaoempresarial.com.br/comunicacaoempresarial/conceitos/jornalismoagrobusines.php)>. Acesso em: 20 de dezembro de 2012)

O pesquisador afirma que o jornalismo em agribusiness evoluiu do antigo conceito, que se limitava a abranger e a divulgar o trabalho “dentro da porteira”, (pesquisa agrônômica produzida por engenheiros agrônomos), para tratar a questão do agribusiness em sentido amplo. Hoje, o agronegócio é visto claramente trabalhando todo o processo de comunicação do agronegócio, incluindo o “antes e o depois da porteira”, (pesquisa agropecuária, fornecedores de insumos agrícolas e sistema de distribuição dos produtos agropecuários).

Juan Díaz Bordenave (1988) aponta a relação e diferença que existe entre Comunicação e jornalismo rural. Bordenave, no papel de ajudar no desenvolvimento da interação homem da cidade com homem do campo, mostrou as particularidades nos códigos de comunicação utilizados pelas comunidades rurais afirmando que era impossível falar em comunicação para o público rural, sem levar em conta as características de determinadas regiões do Brasil e de sua população, uma comunicação regionalizada que considerasse a diferença de culturas, hábitos e costumes das populações rurais.

Bordenave conceitualiza (1988, p.8):

A comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura ou interessados no melhoramento da vida rural.

Comunicação Rural faz parte de um contexto muito amplo no Brasil e está relacionada intimamente com a ferramenta utilizada pelo Ministério da Agricultura para,

mediante a Extensão Rural<sup>23</sup> e Difusionismo<sup>24</sup> falar com o homem do campo. Era uma maneira de formação urbana de técnicos agrícolas e repasse de tecnologia, cuja função era levar conhecimento técnico ao homem do campo e apoiá-lo no seu cotidiano.

Fez parte de um pacote agrícola americano de tecnologia, exportado para o Brasil nos anos 50/60, conhecido como Revolução Verde, o qual veio carregado de ideologia e destinado à formação de hábitos de consumo no produtor rural, para aqui estabelecer um mercado de insumos agrícolas, que estavam em plena difusão nos países do primeiro mundo, sob um discurso oficial de ajuda internacional, apoio profissional e repasse de tecnologia. (BRAGA, 2000, p.1)

Segundo Bordenave (1988, p.3), essa ideia de Comunicação ainda permaneceu por um bom tempo. Ele constatou que a Comunicação Rural, em seu aspecto conceitual, ainda poderia ser usada para definir *"a tradicional Informação Agrícola, a qual consistia na difusão unilateral de informações, normas e recomendações técnicas do Governo para os agricultores"*.

Isso o levou a formular um novo conceito, que define Comunicação Rural como o *"conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural"*.

Dentro dessa conceituação, no Brasil, a Comunicação Rural sempre esteve mais restrita aos técnicos em agricultura, sendo orientada para ser empregada nos movimentos de difusão agropecuária.

Para os técnicos do setor agrícola a comunicação foi o fator principal na mudança do ambiente rural. Como afirmou Silveira (1994, p. 43): *"a comunicação foi concebida como instrumental de persuasão, que garantiria a mudança de comportamento dos agricultores no sentido de adotar novas tecnologias"*.

Tanto é que na década de 30, sociólogos americanos estudaram as mudanças de conceitos culturais e os problemas originados na aceitação de inovações na agricultura. Esses estudos serviram como base da comunicação com o ruralista, que teria sua filosofia exportada posteriormente para a América Latina.

---

<sup>23</sup> Era formada por um grupo de técnicos agrícolas e veterinários vinculados às secretarias de agricultura, cuja função era levar conhecimento técnico ao homem do campo e apoiá-lo em seu cotidiano.

<sup>24</sup> O Difusionismo surgiu nos Estados Unidos, em 1940, voltado para a difusão de inovações tecnológicas no campo. Historicamente, o difusionismo apresenta três versões que contemplam desde a simples transmissão de mensagens até a comunicação com e entre todos os níveis de um país em processo de desenvolvimento agrícola.

Também segundo Carvalho (2001, p.19-21), a Comunicação Rural foi a principal ferramenta comunicacional usada pela Extensão Rural para a difusão de inovações no meio rural. Os extensionistas assumiram a comunicação no processo de difusão das novas técnicas disseminando um pacote tecnológico tendo como ênfase os ideais de modernização da agricultura.

Sobre o histórico de pesquisa em Comunicação Rural, feito por Angelo Callou (2001), e apresentado na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), pode-se perceber que os avanços na área, no plano teórico, não foram tão significantes, a julgar pelos *papers* apresentados no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação Rural. O autor defende que nada de muito novo foi dito sobre Comunicação Rural após Luis Ramiro Beltrán, Juan Diaz Bordenave e João Bosco Pinto.

A realidade atual, entretanto, tem sido um pouco diferente. O interesse e o crescimento na área rural têm aumentado. A maneira como as informações são divulgadas também.

A Comunicação Rural do terceiro milênio vem com amplo suporte tecnológico e cibernético, distanciada da percepção da maioria do campesinato brasileiro. Caberá ao Comunicador Rural filtrar o útil e desprezar o inútil para o meio, o que, obviamente, exigirá desse profissional algum conhecimento técnico do meio. (BRAGA, 2000, p.3)

A Comunicação Rural se utiliza de diversos meios para cumprir sua missão e o Jornalismo Rural faz parte disso. Segundo Braga (2000, p.2), o Jornalismo, dessa forma, serve para:

(...) participar da diminuição do abismo comunicacional com o ruralista e da divulgação das coisas do campo. O Jornalismo, como guardião da liberdade e dos direitos da sociedade, deve lembrar que, mesmo nos “cafundós” de nossos sertões, vivem brasileiros com os mesmos direitos da população urbana. Desde os tempos sesmarias, o Brasil vem obtendo destaque no mercado internacional por meio dos produtos agrícolas, iniciando pelo açúcar do Nordeste, no período colonial, e, no período imperial, o café brasileiro correu o mundo. Hoje, o Brasil, dono da mais rica biodiversidade do planeta, desperta a cobiça internacional e assusta o mundo com o seu potencial de produção de bois, suínos, frangos, suco cítrico, frutas, flores, plantas medicinais, aromáticas e soja.

Nesse meio, o jornalismo rural tem buscado cumprir seu papel dentro das regras comuns ao jornalismo especializado, caracterizando-se assim por tratar de tema específico. Como define Tavares (2009, p.115):

(...) pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. 1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc).

Segundo o autor, a especialização jornalística está atrelada à ideia do tratamento em profundidade, nos meios de comunicação, de um determinado campo do conhecimento. Jornal especializado possui um referente temático, sendo os temas sua autêntica “razão de ser”. O Jornalismo Rural predomina então como sendo especializado muito mais pelos conteúdos do que pelo método de trabalho.

Segundo Abiahy (2005, p. 26), a especialidade no Jornalismo ajuda com um maior conteúdo informativo e ao mesmo tempo trabalha com um discurso mais adaptado ao seu receptor. Para isso é necessário que o profissional atenda essa forma mais aprofundada de passar a notícia. A especialização ajuda na valorização de temas antes considerados de pequena relevância.

Abiahy (2005, p.5) afirma também que a especialização é consequência de uma sociedade que busca seus interesses individuais e de uma mídia que procura atender essa demanda, no caso de público com interesse em informações rurais.

(...) as escolhas individuais prevalecem sobre o engajamento com a coletividade, faz sentido que a informação procure atender às especificidades ao se dirigir aos públicos diferenciados. É neste panorama que o perfil do jornalista sofre alterações, as publicações passam a dedicar-se mais a informação personalizada, portanto o jornalismo especializado tende a se desenvolver cada vez mais. [...] podemos considerar que as produções segmentadas são uma resposta para determinados grupos que buscavam, anteriormente, uma linguagem e/ou uma temática apropriada ao seu interesse e/ou contexto.

A diferenciação entre Comunicação Rural e Jornalismo Rural passa então pelo campo da atuação de cada uma. A primeira se define como mais abrangente (uma troca de informações com e sobre o homem do campo de forma genérica), tendo o Jornalismo Rural como contribuição. Os dois parecem ter objetivos semelhantes, mas o Jornalismo se limita a trabalhar dentro de seus limites e práticas.

Com maior atenção da mídia em temas rurais, a presença de pautas relacionadas a esse assunto leva então o profissional da área (jornalista rural) a estar preparado para trabalhar com informações que são extremamente específicas. Esse profissional rural precisa estar ciente da evolução dos modos de produção no campo, os fertilizantes, agrotóxicos e

máquinas. Saber também da especialização pela qual as fazendas passam, semelhante ao que ocorreu com as indústrias devido ao crescimento do capitalismo.

A mídia rural precisa considerar que a tecnologia se faz cada vez mais presente no meio agrário, com maquinários modernos e setores da produção computadorizados. O jornalismo precisa retratar as políticas públicas no meio rural, que interferem muito no setor, pois, os agropecuaristas têm prestado mais atenção à política agrária dos Governos, que podem muito bem prejudicá-los ou beneficiá-los. As medidas econômicas adotadas pelos governantes dizem respeito a vários setores que interessam ao produtor. O mercado interno também tem condições de estar sempre em pauta por causa da sua notória produção.

O jornalismo rural deveria cumprir então sua missão de retratar a realidade agrária em sua totalidade, não deixando brechas, para não prejudicar aqueles que necessitam das informações para continuar trabalhando no ramo.

Para que se possa exercer a profissão com dignidade, o jornalista precisa ser alguém que escreve e edita informações com competência. E como em qualquer meio profissional, no jornalismo rural também é necessário que os envolvidos tenham ciência com que estão trabalhando. Entender o conteúdo do que é noticiado, as ferramentas e técnicas a serem usadas, o público alvo, todos esses detalhes não podem passar despercebidos pelos responsáveis pela divulgação comunicacional. Segundo Carvalho (2009, p. 02), todas essas atribuições são imprescindíveis ao profissional de comunicação que cobre o segmento da economia nacional.

Conhecer a realidade rural, o seu significado para o País, e mediar essa informação com eficácia para a sociedade, transferir para a sociedade rural os conhecimentos originados nas universidades, decodificados e em linguagem jornalística, são o que o setor espera do comunicador especializado (às universidades cabe a missão de prepará-los).

Um dos objetivos dos cursos de Jornalismo é o de preparar os futuros comunicadores para saberem trabalhar em diferentes áreas de conhecimento em contextos exigidos pela modernidade. No caso da editoria rural (muito visada devido à importância da economia rural para o País), ela se caracteriza por uma particularidade, que é a de trabalhar com um público muitas vezes avesso ao assunto. Isso exige do profissional amplo conhecimento e sabedoria para transformar a informação atrativa e acessível a todos. É o que expõe Melo (1993, p. 78):

(...) trata-se de um desafio a ser enfrentado pela comunidade universitária da comunicação social, na medida em que o Brasil permanece com um perfil econômico marcado pela produção agropecuária, fonte significativa da sua pauta de exportações. Estimulado por essa conjuntura favorável à economia rural, que moderniza intensamente, e que o mercado nacional de *mass media* ou de comunicação empresarial tem aumentado sua participação em programas, veículos ou mensagens dirigidos ao campo. Necessita, portanto, o mercado internacional de pessoal qualificado para exercer atividades profissionais nesse segmento da vida nacional e carece de conhecimento científico para obter um desempenho eficaz, contribuindo assim para transformar o sistema produtivo, aumentar a sua rentabilidade e lograr melhor eficiência operacional.

A Comunicação Rural na atualidade tem se destacado cada vez mais com a mesma tecnologia presente em outras editorias, e com isso corre o risco de se distanciar da maioria da população do campo. Cabe então ao jornalista rural filtrar o que é útil para o meio e divulgar da maneira mais compreensível possível, dentro das possibilidades tecnológicas, o que exige desse profissional apurado conhecimento do ramo. As linguagens técnicas e urbanas também devem ser decodificadas para serem aproveitadas ao máximo dentro das porteiras pelo consumidor final. Como defende Bordenave (1982, p. 20):

Comunicação Rural é processo maior do que uma informação rural [...] motivo pelo qual ela não é simples nem fácil, e requer cuidados na linguagem que deve ser apropriada para evitar a descomunicação com uma comunidade rural.

Ser jornalista no século XXI, período marcado pela globalização e pela era digital, é muito diferente do que em outros períodos da história. Tanto a evolução da imprensa, quanto a invenção e desenvolvimento rápido da *internet*, marcam essa mudança no mundo comunicacional. A informação está cada vez mais democratizada, devido ao domínio da tecnologia. No entanto isso também gera um excesso de informações, que muitas vezes tem seu conteúdo caracterizado mais pela presença de entretenimento do que jornalismo. O jornalista então tem incorporado as inovações no seu exercício profissional. Segundo Traquina (2005), a globalização tem afetado a identidade do trabalho jornalístico. Além dela, essas novas características da profissão também são resultados da ligação que se tem com a sociedade na qual se está inserido. E todas essas características estão fazendo parte do trabalho jornalístico rural também.

No meio desse ambiente globalizado e moderno, o comunicador rural também deve entender dos vários assuntos em pauta, como produção agropecuária, economia rural, criação de animais, políticas agrárias, vida do homem no campo e também biodiversidade, transgênicos, biocombustíveis. Assim como deve estar apto para informar, alertar e discutir a

situação do meio ambiente atual. Desse profissional será cobrado que saiba, por exemplo, a diferença entre mudança genética e melhoramento genético.

O professor Wilson Bueno, por exemplo, cita em sua página da *internet*, os assuntos imprescindíveis no âmbito dessa editoria:

Biopirataria, Biodiversidade, Agricultura familiar, Agricultura orgânica, Agrotóxico, Biossegurança, Clima/ Mudança Climática, Desenvolvimento sustentado, Educação ambiental, Gestão ambiental, História da Agricultura, Jornalismo em Agribusiness, Marketing Rural, Pesquisa agropecuária, Transgênicos, Sociologia Rural, Sem terra e Reforma agrária. (Comunicação Rural. Disponível em: [www.comunicacaorural.com.br](http://www.comunicacaorural.com.br). Acesso em: 16 de agosto de 2010)

É necessário também que a imprensa especializada saiba investigar e dar um posicionamento sobre as consequências do aumento da produção de alimentos devido ao crescimento populacional mundial. Questões como modificação genética de alimentos e sua interferência na saúde humana, desmatamento ambiental, uso de agrotóxicos danosos a saúde. O jornalista cujas funções profissionais estejam ligadas à comunicação rural precisa cumprir seu papel social em despertar a consciência da sociedade sobre a responsabilidade de certas práticas.

Assim como são mantidas a técnica e a estética nessa produção jornalística, a ética, como em qualquer ramo do jornalismo, deve fazer parte desse trabalho, com um olhar crítico para as notícias divulgadas. Propagandas de produtos e a vinculação de matérias que trarão algum dano ao meio ambiente não podem fazer parte desse trabalho jornalístico.

O jornalista rural muitas vezes trabalhará como um tradutor. Ou seja, os fatos e dados rurais que serão repassados ao público precisam ser primeiramente entendidos pelos jornalistas, esses por sua vez fazem o trabalho de adaptar antes da divulgação. Por isso o jornalista precisa estar familiarizado com o assunto.

Para o contato com as fontes, também é necessário que a pauta tenha sido detalhadamente estudada, assim as entrevistas serão mais bem aproveitadas. O profissional da comunicação também precisa estar ciente de todo o emaranhado de organizações, empresas, grupos e pessoas envolvidas nesse ramo: Governo, empresários, grandes e pequenos produtores, sindicalistas, consumidores. Diferente do que os espectadores pensam, a complexidade pela qual esse jornalista passa é igual ou maior do que em outras editorias.

Um outro fator é comentado por Fátima Feliciano:

Por muitos anos tivemos em cena o jornalismo rural – aquele que se aprendia na faculdade, que noticiava/ensinava ao agricultor uma nova técnica agrícola ou a fazer torta de abóbora na safra. Mas, no geral, esse tipo de jornalismo não se posicionou muito em relação a temas agrários polêmicos, tais como reforma agrária, por exemplo, principalmente em tempos bichudos de ditadura militar. Acredito que nunca foi tão complicado cobrir a área de meio ambiente nas redações de jornais, revistas, rádios e TV. Não exatamente pela imensa quantidade de matérias a serem escritas, mas pela inexorável dificuldade de se posicionar a respeito. (Observatório da imprensa. Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/perplexidade\\_diante\\_de\\_tantas\\_escolhas](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/perplexidade_diante_de_tantas_escolhas). Acesso em: 20 de maio de 2013).

Feliciano deixa claro, no Observatório de Imprensa, que o que torna tão particular e desafiador o jornalismo rural é o fato do profissional ter que lidar com questões polêmicas (ou evita-las). Essa é uma questão importante, pois é realmente complicado para os profissionais lidarem com assuntos delicados para o público rural. É cômodo não se posicionar e evitar demonstrar a responsabilidade, muitas vezes custosa, do produtor rural frente a certos assuntos.

O jornalista rural precisa saber que não é só a informação específica que diferencia seu trabalho do de outras editorias. Na verdade, sua missão é muito maior do que parece. Ao divulgar dados sobre o mundo do campo, o profissional contribui de maneira vital na sustentação básica da sociedade. Isso reforça o quão importante é essa Comunicação na relação social.

### **2.3. O meio rural nos veículos de comunicação e como objeto de estudo**

Culau (2006) fez em sua dissertação de mestrado um importante registro da Comunicação Rural durante a história. Ela escreveu que em 1899, quando se reorganizou o Serviço Agrônomo do Estado de São Paulo, a Secretaria da Agricultura já distribuía publicações sobre o setor. Em 1907, a Secretaria circulou 28 folhetos e oito periódicos. Em 1917, foram distribuídas cerca de 400 mil publicações destinadas ao meio rural.

Detalhando conforme as décadas, Culau (2006) afirma que o apogeu da informação agrícola foi nas décadas de 40 e 50 quando o Ministério da Agricultura possuía o Serviço de Informação Agrícola que difundia informações governamentais relacionadas com a atividade rural. Em 1958, também a rádio rural. A comunicação rural fortificou-se na década de 50 e 60. Em 1967 acontece o primeiro seminário no Brasil sobre comunicação, difusão, inovação e adoção de práticas agrícolas. A partir deste período aumentou a preocupação de estudar a comunicação coletiva e de preparar os agentes de comunicação.



A preocupação na década de 1970 foi com a ampliação da ação dos meios às zonas rurais. O Estado formou agentes comunicacionais que se apropriassem da linguagem e dos canais tradicionais de comunicação usados pela população. O importante era integrar os homens rurais (considerados atrasados tecnologicamente) à comunidade nacional.

A partir dos anos de 1980 houve um *boom* de mensagens para o meio rural nos meios de comunicação. A oferta de informações aumentou consideravelmente, diminuindo a distância entre o meio rural e o meio urbano.

Na televisão pode-se observar vários programas destinados ao meio rural. No ano de 1989, a Televisão Bandeirantes possuía quatro programas deste tipo. Na Globo havia o “Som Brasil” desde 1981 e o programa “Globo Rural”, veiculado desde 1980. Segundo seu editor, Humberto Pereira, em 1984 este último programa atingia dez milhões de pessoas. O Globo Rural surgiu quando foi detectada a existência principalmente no Estado de São Paulo de quatro milhões de aparelhos receptores de TV no meio rural e mais de 300 potenciais anunciantes de adubos e implementos agrícolas. No rádio, meio de comunicação já característico de regiões mais isoladas, surgem muitos programas destinados unicamente à informação rural. Um exemplo é o programa “Porteira Aberta” reproduzido em várias emissoras e patrocinado pelo Banco do Brasil para divulgar o crédito rural. (CULAU, 2006, p.35)

Mesmo com o alto índice de analfabetismo a produção rural impressa também teve seu espaço, principalmente, entre os agricultores com grande poder aquisitivo. Foram criados também vários jornais e suplementos para este público. A revista “Globo Rural” tinha uma tiragem perto de 300 mil exemplares, em 1989. Em 1996 surgiu o Canal Rural, atingindo produtores que possuísem antenas parabólicas por todo o território nacional.

É nesse contexto que se desenvolveu a chamada comunicação rural, termo utilizado na maioria das vezes para designar as ações comunicativas que têm como objetivo intervir de alguma forma entre a população rural, mudando seus hábitos, técnicas de trabalho ou levando informações sobre a atividade agrícola.

O pesquisador em Jornalismo de Agribusiness, Wilson Bueno<sup>25</sup>, lista as principais divulgações jornalísticas na área rural até hoje (de cobertura abrangente ou com foco específico). Algumas delas foram listadas abaixo:

---

<sup>25</sup> Agricoma. Disponível em: <[www.agricoma.com.br](http://www.agricoma.com.br)>. Acesso em: 29 de maio 2013.

Quadro 5 – Principais mídias rurais no Brasil

<b>MÍDIA</b>	<b>ENDEREÇO ELETRÔNICO</b>
Revista Comunicação em Agribusiness & Meio Ambiente	<a href="http://www.agricoma.com.br/agricoma/revista">www.agricoma.com.br/agricoma/revista</a>
Agroanalysis	<a href="http://www.agroanalysis.com.br">www.agroanalysis.com.br</a>
Globo Rural	<a href="http://revistagloborural.globo.com">http://revistagloborural.globo.com</a>
Panorama Rural	<a href="http://www.panrural.com.br">www.panrural.com.br</a>
Revista DBO	<a href="http://www.portaldbo.com.br">www.portaldbo.com.br</a>
Dinheiro Rural	<a href="http://revistadinheirorural.terra.com.br">http://revistadinheirorural.terra.com.br</a>
A Granja	<a href="http://www.agranja.com">www.agranja.com</a>
AgriNova	<a href="http://www.agrinovasementes.com.br">www.agrinovasementes.com.br</a>
Avicultura Industrial	<a href="http://www.aviculturaindustrial.com.br">www.aviculturaindustrial.com.br</a>
Revista da Terra	<a href="http://www.revistadaterra.com.br">www.revistadaterra.com.br</a>
Safra – Revista do Agronegócio	<a href="http://ww.revistasafra.com.br">ww.revistasafra.com.br</a>
Fazendeiro	<a href="http://www.fazendeiro.com.br">www.fazendeiro.com.br</a>
Leite Brasil	<a href="http://www.leitebrasil.org.br">www.leitebrasil.org.br</a>

Outro programa televisivo segmentado bastante estudado é o Globo Rural. Iesposti (2009), por exemplo, em “A grande-reportagem na televisão brasileira: um estudo do Globo Rural”, discute os aspectos teóricos e culturais da grande-reportagem na televisão brasileira sob o olhar do programa, tentando descobrir de que forma o Globo Rural elabora sua produção de sentido em comparação ao jornalismo convencional. Seixas (1989) preferiu tratar o rural no programa, de uma maneira mais geral. Prezou pela construção simbólica do conhecimento científico e tecnológico com o objetivo de desvendar a estrutura de interesses que fundamenta a padronização desse programa de televisão.

Wilson Bueno<sup>26</sup> destaca os principais periódicos científicos na área de Ciências Agrárias que estão presentes no Portal de Periódicos da Capes. Para ele, essas publicações contribuem com o trabalho do homem do campo, aqui elencadas algumas delas:

<sup>26</sup> Agricoma. Disponível em: <[www.agricoma.com.br](http://www.agricoma.com.br)>. Acesso em: 20 de maio 2013.

Quadro 6- Lista de publicação científica em Ciências Agrárias

<b>PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA</b>	<b>ENDEREÇO ELETRÔNICO</b>
Revista digital de Comunicação em Agribusiness e Meio Ambiente	<a href="http://www.agricoma.com.br/agricoma/revista.htm">www.agricoma.com.br/agricoma/revista.htm</a>
Agricultura em São Paulo	<a href="http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/asp.php">www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/asp.php</a>
Pesquisa Agropecuária Brasileira – PAB	<a href="http://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab">http://seer.sct.embrapa.br/index.php/pab</a>
Boletim do Instituto de Pesca	<a href="http://www.pesca.sp.gov.br/publicacoes.php">www.pesca.sp.gov.br/publicacoes.php</a>
Mundo Agrário – Revista de Estudos Rurais	<a href="http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=1515-5994&amp;lng=es&amp;nrm=iso">www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=1515-5994&amp;lng=es&amp;nrm=iso</a>
Agricultura Tropical	<a href="http://www.revistas.ufg.br/index.php/pat">www.revistas.ufg.br/index.php/pat</a>
Revista Brasileira de Agrociência	<a href="http://www.ufpel.tche.br/faem/agrociencia">www.ufpel.tche.br/faem/agrociencia</a>
Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental	<a href="http://www.agriambi.com.br">www.agriambi.com.br</a>
Revista Brasileira de Fruticultura	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0100-2945&amp;lng=en&amp;nrm=iso">www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0100-2945&amp;lng=en&amp;nrm=iso</a>
Revista Brasileira de Sementes	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0101-3122&amp;lng=en&amp;nrm=iso">www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0101-3122&amp;lng=en&amp;nrm=iso</a>
Revista Ciência Agronômica	<a href="http://www.ccarevista.ufc.br/seer/index.php/ccarevista">www.ccarevista.ufc.br/seer/index.php/ccarevista</a>
Revista Universidade Rural Série Ciências da Vida	<a href="http://www.ufrj.br/editora/RCV/RCV%20index.htm">www.ufrj.br/editora/RCV/RCV%20index.htm</a>
BioTerra - Ciências da Terra	<a href="http://www.realbiologica.com.br/bioterra">www.realbiologica.com.br/bioterra</a>
Revista de Ciências Agrárias	<a href="http://www.agraria.pro.br/sistema/index.php?journal=agraria">www.agraria.pro.br/sistema/index.php?journal=agraria</a>
Revista de Economia e Sociologia Rural	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0103-2003&amp;lng=en&amp;nrm=iso">www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0103-2003&amp;lng=en&amp;nrm=iso</a>
Revista de Política Agrícola	<a href="http://www.embrapa.br/publicacoes/tecnico/revistaAgricola">www.embrapa.br/publicacoes/tecnico/revistaAgricola</a>

É evidente o aumento da pesquisa em Jornalismo Rural e em informações agrárias. Com o aumento e fortalecimento do setor na economia e na mídia, pesquisadores da Comunicação têm se dedicado mais ao assunto nos últimos anos.

E esse estudo de jornalismo rural se faz importante atualmente pela força que seu objeto de observação tem no mundo e em especial no Brasil. O País, predominantemente agrário, por mais que tenha se desenvolvido em diversos outros setores, sempre teve essa área muita forte – passando por mudanças em termos econômicos, sociais e comunicacionais. Como descreve Correa (1998, p.13):

(...) o crescimento da industrialização brasileira tomou um novo impulso nos anos cinquenta com a internacionalização da economia iniciada por Juscelino Kubitschek. Mas o rural continua presente em todos os setores da sociedade, não só pela origem da massa populacional recém-emigrada para a cidade, como na própria visão de mundo das pessoas. No campo ainda se verificava o latifúndio como fonte de poder da oligarquia, as relações de trabalho baseadas na dependência familiar e uma grande defasagem tecnológica. Defasagem que levou o Estado no período desenvolvimentista a modernizar o meio rural com a utilização da ciência aplicada e sua difusão, visando permitir aos produtos agrícolas brasileiros ganhar em competitividade no mercado internacional.

Segundo Reis e Braga (2012), o agronegócio é fundamental para a economia brasileira, pois tem grande representatividade no PIB e expressiva contribuição às exportações de commodities e produtos agroindustriais. Atualmente, o Brasil exporta para 180 países, caminhando rumo a conquista de novos mercados e com a possibilidade de se tornar uma liderança mundial no agronegócio.

Um levantamento da Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA) informou que o agronegócio gera US\$ 6,5 trilhões ao ano e, no Brasil, são cerca de R\$ 350 bilhões. De acordo com esses números pode-se levar em conta a produção das lavouras e da pecuária, no entanto o destaque econômico para o agronegócio no Brasil veio após o enfrentamento e adesão das tecnologias com o beneficiamento do que o campo produzia. (REIS; BRAGA, 2012, p.5)

Com o crescimento e desenvolvimento tecnológico da comunicação, os interessados em informações ligadas ao campo puderam cada vez mais ter suas necessidades supridas. Essa expansão do jornalismo rural pode ser comprovada no exemplo do Canal Rural, como defende o diretor César Freitas. A emissora, com sede em Porto Alegre, tem se consolidado como um meio especializado no mercado comunicacional a cada ano. O canal pertence ao Grupo RBS<sup>27</sup> com programação 24 horas por dia, transmitindo todos os detalhes da agricultura e pecuária (há 16 anos), além de acompanhar festas e leilões ao vivo. Opera por meio de televisão paga.

O Canal Rural está em expansão, assim como o mercado rural. O veículo, curiosamente, tende a acompanhar seu segmento. Novas tecnologias e técnicas agropecuárias estão a todo o momento sendo criadas e modificadas, e o papel do canal acaba sendo fundamental para o desenvolvimento e crescimento dos que vivem desse tipo de negócio. Além da competência de todos os que trabalham no veículo, essa seria a explicação para tanta audiência. A maioria dos telespectadores do Canal Rural (94%) o assiste por antena parabólica. E 68%, dos 62 milhões de telespectadores que recebem o Canal Rural em suas casas, assistem os programas todo o dia. (Cirio. Disponível em: <<http://mauriciocirio.blogspot.com.br/2008/04/jornalismo-rural-mercado-em-expansao.html>>. Acesso em: 15 de julho de 2012).

Em entrevista<sup>28</sup> coletiva a alunos de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica, Cesar Freitas afirma que o compromisso do canal é com o jornalismo e prestação de serviço à sociedade agrícola. Nos últimos anos, entretanto, com o aumento da audiência, houve uma dedicação especial também ao entretenimento.

---

<sup>27</sup> Empresa de comunicação presente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, afiliada a Rede Globo. Possui emissoras de rádio, TV, jornais e portais de internet.

<sup>28</sup> Cirio. Disponível em: <<http://mauriciocirio.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 de maio 2013.

Na Rede Globo de Televisão, emissora com a maior média de audiência do Brasil, a editoria rural está presente praticamente diariamente, com Globo Rural, que estreou em 1980, sob o comando de Carlos Nascimento, apresentado de segunda à sexta (às 5h55, horário de Brasília) e domingo (às 8h).

Algo que também reforça a importância do jornalismo rural são os estudos que foram feitos nos últimos anos sobre o assunto. A tese apresentada por Geraldo Bueno de Carvalho na Universidade Federal de Viçosa (2001), Pós-Graduação em Extensão Rural, corrobora com isso. Carvalho se comprometeu em analisar a importância do jornalismo rural nas escolas de comunicação social do Vale do Paraíba e a possibilidade de se aprofundar estudos de jornalismo rural nas universidades vale-paraibanas. Para ele, as escolas de comunicação social vale-paraibanas deveriam intervir e assumir o seu papel de formar profissionais de comunicação para atuar nesse setor e conscientizar-se de que, ao apoiar à agropecuária, estarão contribuindo para o desenvolvimento nacional.

Ele ressaltou a importância do jornalismo rural na comunicação de massa, por ser a população rural agente passivo dos meios de comunicação.

A comunicação de massa, como a entendem hoje seus estudiosos, desenvolveu-se através do tempo, celeremente para o estágio atual. O aparecimento do processo comunicativo com o homem do campo no Brasil se deu na década de 50, surgiu como processo de persuasão e convencimento do público rural alvo de um processo de difusão de tecnologia promovido pelo Estado com a finalidade de desenvolver o setor rural. (CARVALHO, 2001, p. 6)

No Brasil, a influência ideológica do mundo rural sobre a mídia e sobre o ensino de Jornalismo nas Universidades ficou conhecida como Revolução Verde. Os profissionais dos meios de comunicação passaram cada vez mais a se dedicar às informações rurais, que eram possibilitadas por incentivo e desenvolvimento da tecnologia, cada vez mais ao alcance de todos, incluindo os ruralistas. O mercado de trabalho exigia pessoal qualificado para exercer atividades profissionais nesse segmento comunicacional.

A diversidade rural em um país das dimensões do Brasil impõe ao comunicador tratamento adequado às regionalizações e às diferenças culturais. As escolas que se propuserem a transigir nos meandros da comunicação rural não devem esquecer as especificidades locais. Pois os perfis do produtor rural revelam necessidades informacionais bastante próprias. (CARVALHO, 2001, p.13)

Para Carvalho, jornalistas com conhecimento agropecuário podem melhorar a atitude de se olhar o rural. Eles têm participação ativa no processo de desenvolvimento do setor estratégico na conjuntura alimentar de um povo e no desenvolvimento de um país. Segundo

esse trabalho, a análise da mídia rural deve levar em conta essa importância do profissional, que trabalhará sempre com a existência da dicotomia do campo: “cultura camponesa” e “alta tecnologia”.

Pimenta (2006) cita o fato dos temas rurais serem cada vez mais pautados na mídia, mesmo em Estados tão urbanizados. Levando cada vez mais em conta um público que se modernizou.

No Brasil, um dos campos em que a ciência e a tecnologia estão presentes em destaque é o agronegócio. Em muitos Estados brasileiros, como São Paulo, por exemplo, o agronegócio é um importante gerador de pautas e cada vez mais tende a estar atrelado à ciência e à tecnologia já que o homem do campo não é mais como o Jeca Tatu criado por Monteiro Lobato como ser matuto, ignorante, e sim um cidadão moderno que vive em busca de novas tecnologias e soluções para suas propriedades. O fazendeiro é hoje um empresário do campo e a fazenda é sua empresa. (PIMENTA, 2006, p.1-2).

Foi o começo do jornalismo rural, voltado não somente para aqueles que entendem do assunto, mas para todos, sem restrições. De acordo com Cardoso e Prado (2008), o jornalismo de agronegócio evoluiu muito nos últimos anos, já que deixou de ser ligado somente a coisas que acontecem dentro de uma propriedade rural, e hoje começou a ligar o agronegócio em todos os sentidos da cadeia produtiva.

A comunicação com agentes do mesmo setor é essencial para os produtores rurais que buscam informação e novas tecnologias. A mídia, em especial a televisão por seu poder de abrangência, tem papel relevante em levar para os agentes do agronegócio informação sobre o meio em que atuam e sobre o cenário nacional e internacional do setor agropecuário. Com essa necessidade de informação especializada, cresce no Brasil o número de editorias voltadas para o setor rural. (CARDOSO; PRADO, 2008, p.1)

Somando-se a isso, Dalmo da Silva (2002) analisa criticamente a transformação dos modelos de comunicação, enquanto instrumentos da divulgação de informações no setor agropecuário. Para o autor, o setor não pode mais ignorar a Informática e a Tecnologia.

Atender as novas demandas dos usuários da Rede, tornou-se, para todos os setores do agronegócio, além de um gigantesco desafio, uma questão de sobrevivência institucional, num contexto onde o processo de mundialização transformou a informação - e seu manejo- em moeda mais forte. (SILVA, 2002, p.2)

Dalmo da Silva é exemplo de pesquisador que se dedica a estudar a notícia on-line e também o impacto da internet no agronegócio. Dessa forma, pode-se notar que os estudos na área do jornalismo rural no Brasil perpassam os diferentes tipos de meio de divulgação. É o

que faz Silva (2005). A pesquisadora realizou uma pesquisa de mestrado na qual o objetivo central foi entender a dinâmica de agentes do agronegócio na busca por informação. Levando-se em conta a hipótese de que o uso eficientemente combinado dos meios pode melhorar o nível de informação do público e contribuir para o seu desenvolvimento. Fez-se então um exame da inter-relação entre os meios tradicionais de divulgação (jornais impressos) e os *on-line* (novos). Entre outros resultados, soube-se que a internet, para este público, é o meio mais utilizado e preferido para a obtenção de informações agropecuárias, sendo também o que mais ganhou importância no período de 2000 a 2004.

Um relevante estudo também foi feito por Xavier (2007), “O rural na Veja: linguagem imagem e poder.” Em sua dissertação ela analisa e interpreta a imagem do meio rural brasileiro veiculado pela mídia, especificamente, a revista Veja, considerada a revista semanal de maior circulação nacional. O objetivo foi verificar a imagem do rural mostrada a um público heterogêneo e não necessariamente vinculado ao meio rural. A pesquisa tem como pressuposto o importante papel dos meios de comunicação de massa que lidam com a informação jornalística na tarefa de mediar as concepções de realidade. Os dados depreendidos do estudo mostraram a mídia como um instrumento de mediação de sentido e poder socialmente legitimado, capaz de informar e formar a partir dos enquadramentos que produz sobre o meio rural.

Pesquisas que relacionam o rural com o telejornalismo também tem tido destaque, pois o espaço do agricultor na televisão está cada vez maior. O jornalismo rural tem ocupado horários consideráveis na maioria dos canais brasileiros, seja na televisão aberta ou fechada. Na Academia, o telejornalismo especializado em agronegócio também tem tido seu espaço aumentado.

Ferreira e Silva (2012), em artigo apresentado ao Intercom, mostram que inclusive empresas públicas como a Embrapa estão dando destaque para divulgações eletrônicas. Como no programa Dia de Campo, que existe há mais de dez anos. Trata-se de um programa produzido pela própria Embrapa. A sede das gravações fica em Brasília e o programa, com o fim de auxiliar o produtor, aborda diversos temas como agroenergia, agricultura e agroindústria, passando pela aquicultura, segurança alimentar, meio ambiente, pecuária e nanotecnologia. Os questionamentos do telespectador podem ser enviados pelo site do programa como também por telefone ou carta. Tudo para facilitar a comunicação entre o programa e o telespectador. Como afirmam as autoras:

(...) a cada semana, um tema diferente é apresentado no Dia de Campo na TV e tudo conta com uma participação muito ativa por parte dos produtores rurais, pesquisadores e envolvidos. [...] O objetivo do programa Dia de Campo na TV deixa claro sua intenção totalmente comunitária, que visa nada mais do que a transmissão de uma informação simples e acessível para diversos públicos. A Embrapa também quer que suas pesquisas sejam discutidas de forma simples e objetiva e que se torne importante a descoberta de novas medidas, e que tal descoberta faça a diferença na rotina agrícola de produtores rurais e empresários do ramo. Além de temas principais e entrevistas no estúdio com convidados, também são produzidos quadros com inúmeros assuntos. (SILVA; FERREIRA, 2012, p. 8)

O Canal Rural tem sido repetidamente usado como objeto de pesquisa no assunto. Como no caso de Culau (2006), em “O canal rural no espaço agrícola de Cruz Alta”, que avaliou a operacionalização do Canal Rural como veículo de comunicação e extensão rural, e o quão pouco esses temas têm sido explorados pelo Canal Rural para contribuir no desenvolvimento agrícola. Verificou-se que a mudança ocorrida no modo de transmissão do Canal Rural trouxe prejuízos a propagação de seu conteúdo sendo responsável pela diminuição de sua abrangência e também por distanciar-se dos seus objetivos originais.

Seguindo uma linha semelhante, Lisiane Cardoso e Mônica Prado (2008), em “Canal Rural: O telejornal *Rural Notícias* como fonte de informação para o produtor do Distrito Federal”, abordam como o produtor rural do Distrito Federal utiliza o telejornal *Rural Notícias*, do Canal Rural, como fonte de informação e entretenimento no dia-a-dia, quais assuntos os interessam mais e se eles interagem com o programa. O foco da pesquisa foram os produtores rurais que possuem TV por assinatura ou antena parabólica já que o Canal Rural não é transmitido em TV aberta. A pesquisa concluiu que o produtor rural do Distrito Federal é um consumidor ativo de informação ligada à sua atividade e que as aproveita para melhorar a sua competitividade e produção.

#### **2.4. A mídia sul-mato-grossense e o meio rural**

Antes de observar como é o jornalismo rural na televisão regional, é importante destacar o histórico da imprensa do Mato Grosso do Sul e o uso que foi feito dela na divulgação de informações sobre o meio rural durante a história.

O desenvolvimento dos veículos de comunicação em Mato Grosso do Sul<sup>29</sup> se relaciona com a atração que o Estado estimulava em muitos agricultores e empresários, a partir dos anos 70, devido as suas riquezas naturais. Os agrupamentos populacionais, as

---

<sup>29</sup> Os dados históricos da imprensa sul-mato-grossense detalhados aqui são baseados na publicação de Soares (2001) e Martins (1999).



idades e os aspectos econômicos possibilitaram a criação de várias empresas, entre elas, as de comunicação de massa: jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Isso prova que o jornalismo em Campo Grande é decorrente do processo de urbanização.

O Estado de Mato Grosso do Sul foi criado em 11 de outubro de 1977, pelo presidente Ernesto Geisel pelo Decreto-Lei número 31. Campo Grande, com uma população acima de 200 mil habitantes, tornou-se a capital.

Desde sua implantação efetiva em 1979, o Estado vem experimentando um acelerado crescimento nos aspectos econômicos e sociais e a mídia sul-mato-grossense também passa por expressivo avanço, tornando-se um importante polo de comunicação no País.

Segundo apanhado histórico feito por Martins (1999), o primeiro jornal publicado na região sul da Província de Mato Grosso foi o *Iniciador*, publicado na cidade de Corumbá, em 1877. Em Campo Grande, o primeiro jornal foi *O Estado de Mato Grosso*, do juiz Arlindo Gomes de Andrade, datado de 1913. Outros jornais que surgiram na região na época foram: *A Ordem*, *O Sul*, *Rui Barbosa*, *A Nota*, *Guarani*, *O Correio do Sul*, *Jornal do Comércio*.

Durante o século outros jornais foram criados em alguns municípios, mas a maior concentração de empresas jornalísticas encontrava-se em Campo Grande. No início dos anos 80 existiam três emissoras de rádio AM (Educação Rural, Difusora e Cultura), dois jornais diários (*Correio do Estado* e *Diário da Serra*) e uma emissora de televisão (TV Morena). Entre todos os outros municípios, apenas Corumbá contava com outro canal de televisão, a TV Cidade Branca, inaugurada em 1970.

As mídias sul-mato-grossenses foram usadas para integrar o homem do campo à realidade social, informá-lo e até mesmo formá-lo. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a Rádio Educação Rural<sup>30</sup> que foi implantada em Campo Grande em 11 de outubro de 1977. Desde seu início, esteve ligada à religião católica. Foi criada pelo primeiro bispo de Campo Grande, Dom Antônio Barbosa, que via no rádio um meio de comunicação para levar as palavras da Igreja às paróquias do interior do Estado (cidades como Água Clara, Camapuã, Coxim, Paranaíba, Sidrolândia, Terenos e Três Lagoas).

A autorização para funcionamento da rádio foi dada pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek, que permitiu a construção da emissora de 100 watts de potência em ondas tropicais. O que ajudou na autorização foi a explicação dada por Dom Antônio ao

---

<sup>30</sup> As informações históricas contidas nesse tópico foram tiradas de CALAZANS, M. C.; CHRISTOFARI, F. R.. *580 am - Da rádio educação rural a Imaculada Conceição*. Campo Grande: Universidade Anhanguera-Uniderp, 2009.

presidente sobre a necessidade de alfabetizar as pessoas do campo e da periferia das cidades por intermédio do rádio.

Em 1960, ele criou as Escolas Radiofônicas, conhecidas como Escolas de Base, unidades de ensino gratuitas responsáveis pela alfabetização de inúmeras pessoas do campo e da cidade antes da criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), como contam Calazans e Christofari (2009, p. 41):

(...) bases escolares com 10 a 15 alunos eram montadas geralmente em fazendas, onde se podia sintonizar a Rádio Educação Rural. Dessas bases uma pessoa alfabetizada participava de um treinamento em Campo Grande, na volta auxiliava os alunos em uma sala simples, que tinha apenas uma lousa e um rádio sobre a mesa. O ensino era transmitido pela rádio e o aluno que participou do treinamento ajudava a alfabetizar os demais colegas da base.

O fim das Escolas Radiofônicas aconteceu com a criação do Mobral. Mesmo com isso, o nome da emissora permaneceu, assim como o seu objetivo de informar a população e promover a educação no Estado, seguindo os valores da Igreja Católica. Com o passar dos anos, a emissora foi se igualando às rádios comerciais comuns, com programas educativos e de evangelização mais curtos.

Sem os meios de comunicação modernos (telefone, televisão ou *internet*), nos anos 60 o rádio foi o principal meio de comunicação entre a população que morava em Campo Grande e nas fazendas do interior do então Estado de Mato Grosso. Por ser em ondas tropicais, sua sintonia melhorava à medida que se distanciava da emissora. Nas fazendas, as pessoas recebiam notícias de seus familiares e o mesmo acontecia com quem estava nas cidades. A programação era variada, mas permaneceu sem grandes modificações nos seus 50 anos de existência. Entre as principais características estavam à predominância de músicas sertanejas, noticiários, comentários e programas de esporte.

O programa de maior sucesso da rádio, no ano de 1990, foi Integração Capital Interior, cujo objetivo era integrar os municípios de Mato Grosso do Sul com a capital Campo Grande.

A Hora do Fazendeiro foi um dos programas de maior audiência da emissora. Ele era direcionado a prestação de serviço de utilidade pública permitindo a comunicação entre o homem do campo e o da cidade. Seu primeiro apresentador foi Ailton Guerra. O programa durante muito tempo foi a única comunicação que o homem do campo tinha com a cidade. Sua credibilidade era considerada alta e o público fiel. Sua frase marcante e muito repetida pelos ouvintes era “Quem ouvir, favor avisar”.

A Voz do Produtor também teve serventia no campo. Com a iniciativa da Famasul<sup>31</sup> (Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul), o radiojornal levou informação para o público rural em 44 municípios. Sua estrutura aglutinava agendas, cotações, músicas e informações sobre o manejo no campo. Ele foi criado em 2002, se manteve no ar por quatro anos. No início de 2013 a Federação repaginou o programa e o disponibilizou gratuitamente no site<sup>32</sup> da Famasul.

Conforme explica Soares, após a criação do Estado do Mato Grosso do Sul em 1977:

(...) surgiram mais sete emissoras de televisão (todas com transmissão em canal aberto): quatro em Campo Grande, uma em Dourados, uma em Três Lagoas e outra em Ponta Porã. Em Campo Grande, existiam ainda mais três canais por cabo (um comunitário, um universitário e um legislativo para transmitir informações da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal de Campo Grande). Além dos canais de TV, foram criadas, só em Campo Grande, cinco emissoras de rádio FM, duas rádios AM, treze jornais semanais, quatro jornais impressos diários, dois *sites* de notícias na *Internet* e duas revistas mensais. Nos outros municípios, também surgiram jornais impressos, emissoras de rádio e *sites* de notícias. (SOARES, 2001, p. 03)

As principais mídias televisivas do Mato Grosso do Sul, que se desenvolveram foram a TV Morena e a TV MS. A TV Morena surgiu antes da divisão do Estado. Foi criada em 1965, durante o período de expansão das televisões regionais, na capital e no interior. A TV Mato Grosso do Sul (TV MS) recebeu a outorga de concessão em 24 de janeiro de 1986 por meio do decreto nº 92.331, assinado pelo Presidente da República, José Sarney e o Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. A concessão da TV MS é conseguida em uma época de distribuição intensa de canais de rádio e televisão no País. O telejornal MS em Manchete surge pela primeira vez na grade da emissora, no dia 28 de abril de 1987. A TV MS permaneceu como afiliada da Rede Manchete de fevereiro de 1987 até outubro de 1995, quando a emissora passou a transmitir o sinal da Rede Record.

Todos esses dados provam que o processo jornalístico em Campo Grande acompanhou as transformações empresariais. A cada mudança de proprietários, os dirigentes implementavam inovações. A mão de obra usada nesses veículos foi marcada, a partir dos anos 70, por pessoas que se agregaram e se profissionalizaram no ramo, além de um pequeno número de jornalistas graduados em outros Estados brasileiros (SP, RJ, RS e MG). A vinda

---

<sup>31</sup> A Federação representa os interesses dos produtores e dos sindicatos rurais de Mato Grosso do Sul.

<sup>32</sup> Famasul. Disponível em: <[www.famasul.com.br/radio](http://www.famasul.com.br/radio)>. Acesso em: 01 de julho 2013.

desses profissionais foi motivada pelo surgimento do novo Estado. Eles acreditavam que teriam melhores oportunidades de trabalho.

Segundo o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Mato Grosso do Sul, haveria uma melhor representação da classe se a maioria dos profissionais fossem filiados. Segundo o sindicato, até hoje 615 profissionais se filiaram. Número total, que inclui inadimplentes.

Na televisão local, o primeiro programa rural segundo Sandim (2003) foi o TV no Campo, apresentado na TV Campo Grande (SBT). Com um período de apresentação curto (de 1981-1983). No entanto o MS Rural, da TV Morena, é o telejornal especializado em rural mais tradicional atualmente no Estado (tendo sido originado em 1984).

Atualmente, os meios de comunicação urbanos começaram a valorizar cada vez mais as informações do campo, devido à importância moderna que a economia rural passou a ter no Estado. Os veículos televisivos de comunicação do Mato Grosso do Sul têm servido para contribuir na divulgação das informações rurais com programas específicos para essa editoria.

Atualmente no Estado, destacam-se no sistema de televisão<sup>33</sup>: TV Imaculada Conceição (canal 15) – fundada em 2003; TV Guanandi (canal 13) – fundada em 1989; TV MS (canal 11) - fundada em 1987; TV Brasil Pantanal (canal 4) - fundada em 1984; TV Campo Grande (canal 8) - fundada em 1980; TV Morena (canal 6) - fundada em 1965.

Dessas televisões atualmente quem possui telejornais específicos voltados ao homem do campo é TV Morena, com MS Rural (1984) e a TV MS, com o Record Rural (2008).

---

<sup>33</sup> Portal de Mídia. Disponível em: <[www.portaldemidia.ufms.br](http://www.portaldemidia.ufms.br)>. Acesso em: 05 de julho 2013.

### 3. A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO NO MEIO RURAL

#### 3.1. A influência da televisão e do telejornalismo

O contato que o receptor tem com a televisão nunca é inofensivo. Coutinho e Pereira (2013, p.3) trabalham essa ideia.

A televisão abrange um amplo conjunto de eventos audiovisuais em que a imagem e o som são constituídos e transmitidos de um local para o outro, enunciados apresentados ao espectador de forma variável e infinita, dentro de uma esfera de intencionalidades.

Para as autoras, é no telejornal da programação televisiva que acontece a enunciação a respeito dos eventos de interesse público. Diversos sujeitos falantes se sucedem, mediados pela edição, que estabelece quem fala e quando fala. Essas vozes expõem o discurso em relação aos fatos narrados.

A compreensão da enunciação como o ato de realização de um enunciado, segundo Fechine (2008, p.51) faz emergir a significação decorrente de uma manifestação, que pode ser verbal, visual, audiovisual, entre outras. No meio televisivo, *“a enunciação pode ser tratada como a instância lógica de organização do discurso que subentende qualquer objeto de transmissão”*.

A televisão tem toda uma representação também pelo que conquistou com sua forma de ser, como o período curto que exige para se produzir e transmitir as informações. Nesse meio, o tempo é algo extremamente raro. Infelizmente, minutos preciosos são empregados para dizer coisas sem relevância social. Assim, assuntos fúteis se tornam importantes na medida em que ocultam outros preciosos. Pois o que importa é aparecer na telinha, se não apareceu é por que não é relevante. E como apresenta Serva (2005, p. 247), esse poder midiático passa a fazer parte do processo do fazer jornalístico:

(...) a mídia de massa seleciona e processa informação para torná-la disponível o mais depressa possível. Essa seleção lhe dá o controle do fluxo de informação que circula pela sociedade. Os pontos de controle estão em todos os níveis, indo do repórter que seleciona os fatos, ao editor de vídeo que deixa uma parte desse material no chão da sala de corte. [...] Em nenhuma outra parte este progresso da seleção é tão dramático como na atividade jornalística.

Ou seja, os responsáveis pela veracidade dos fatos são os apressados jornalistas: não há mais pessoas para atestar ou controlar o que foi investigado. Eles dão a primeira palavra e

a palavra final. Ramires (2009, p.3, tradução nossa) reforça essa limitação ao descrever esse tipo de rotina.

Rigor profissional, monitoramento de leitores e seus simpatizantes, e especialmente a supervisão cuidadosa de revisores, editores e diretores de redação e filtros normalmente disponíveis para assegurar a eficácia do controle.

Ou seja, o espectador precisa confiar praticamente em tudo o que ele assiste. E torcer para que os profissionais envolvidos realmente cumpram a missão de obter e trabalhar com as informações da maneira mais rigorosa possível. Por isso, como detalha Serva (2005, p. 98), a mídia pode omitir, sonegar, saturar ou neutralizar as informações. E é impossível que não ocorra isso. Mesmo sem intenção manipuladora. Assim, por exemplo, *“a ausência de conhecimento de uma informação pelo receptor, por omissão, submissão, sonegação, saturação ou ainda redução, pode fazer com que uma história complexa se torne um caso de maniqueísmo”*. A interpretação e reação do receptor sempre será baseada no fato que é contado por alguém e lapidado por outro antes de se divulgar.

O autor também defende que o mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos (mundos). Influências essas que ocorrem desde o processo de construção da notícia, no dia a dia do trabalhador, até a divulgação. Essa influência atua de forma mais intensa quando é um jornalismo de televisão.

Outra questão que permeia o fazer jornalístico na televisão é a atenção dada aos índices de audiência. Com o fortalecimento do modelo capitalista de fazer TV, a audiência tornou o verdadeiro juízo de valor, convencionada como o único sucesso comercial. Perder um ponto do índice de audiência, em certos casos, é a pior coisa que se pode ocorrer em uma emissora. O lucro é algo que tem se tornado cada vez mais o combustível e o objetivo dos programas, sejam os de entretenimento ou jornalístico. E isso afeta muito a qualidade do material produzido, como comenta Amaral (1996, p.31): *“A história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX já demonstra que a imprensa se tornou manipulável à medida em que se comercializou”*. Quando passou a estar em jogo o interesse próprio das empresas de rádio e TV, as promessas públicas de isenção e equidade foram deixadas de lado.

Mesmo que necessárias, as pressões do mercado sobre o jornalismo televisivo se mostram cada vez mais preocupantes. Pois como afirma Bourdieu (1997), o índice de

audiência também contribui para exercer sobre o consumidor, supostamente livre e esclarecido, as pressões fortes do mercado, que não têm nada de expressão democrática.

Vale destacar a supremacia da televisão ao exercer a comunicação sobre outras mídias a partir dos anos 70. Sua predominância pode ser percebida no fato dela conseguir reunir em uma única oportunidade diante de um telejornal, em horário nobre, mais pessoas do que todos os jornais do Brasil conseguem. Por isso, quem aparece na televisão tem seu trabalho teoricamente mais reconhecido. Aparecer na TV é algo que todos almejam como o objetivo profissional. Como descreve Bourdieu (1997, p.71):

(...) há recuo progressivo do jornalismo de imprensa escrita com relação a televisão: o fato de que os jornalistas conferem maior valor ao fato de ser empregado também pela televisão (e também, evidentemente, de ser visto na televisão, o que contribui para lhes dar valor em seu jornal: um jornalista que quer ter peso deve ter um programa de televisão).

Realmente o crescimento da mídia eletrônica foi meteórico e passou a ser questionado quanto isso foi bom para a qualidade das informações. A forma como a TV é feita traz reflexões importantes. E dentro do contexto televisivo está o telejornal e sua importância ao retratar a realidade.

É fato que a maioria das pessoas usa o meio televisivo como fonte de informação sobre a realidade. São estas imagens construídas e divulgadas pelos telejornais que serão traduzidas como “verdade” pelo imaginário coletivo.

O telejornal, por ser um produto da televisão, deve ter o mesmo cuidado dos estudos acadêmicos que focam o meio televisivo. Sua importância, por ser usada para retratar o mundo com seriedade, exige que seu conteúdo seja analisado com um cuidado ainda maior. Como afirma Roger Silverstone (p.22, 2002), é *“através das lentes múltiplas dos textos escritos, dos audiotextos e dos textos audiovisuais, o mundo é apresentado e representado: repetida e interminavelmente”*. E segundo Sousa (p.122, 2005), *“Os meios jornalísticos mediatizam o nosso conhecimento das realidades que não conhecemos e propõem-nos, logo à partida, determinadas interpretações para essas mesmas realidades.”*

De acordo com Wolf (2005), a noticiabilidade incita os meios de comunicação a abordarem determinado assunto que vai ganhar a difusão das ideias e, conseqüentemente, aumentar a sua importância, além de colocar em discussão o que se acha importante. Os critérios são divididos de acordo com a importância e com o interesse da notícia. *“Não se pode explicar a seleção apenas como escolha subjetiva do jornalista (mesmo que motivada*

*profissionalmente), mas é necessário vê-la como um processo complexo” (WOLF, 2005, p. 255).*

Adelmo Genro Filho, em “*O Segredo da Pirâmide*”, admite que o Jornalismo pode ser entendido como uma forma de conhecimento da realidade. Usa-se de princípios da filosofia para a conceitualizar o Jornalismo como “uma forma social de conhecimento”.

Para os autores Bauer, Gaskell e Allum (2002) os dados formais reconstruem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um determinado grupo. Ou seja, a mídia (jornal, rádio ou televisão) representa de determinada maneira o mundo para o conjunto de pessoas que se informa por ela. Dessa forma os telejornais transmitidos pelo MS Rural podem se tornar indicadores desta visão de mundo.

### **3.2. TV Morena**

A publicação de Toniazzo (2007) traz informações preciosas a respeito da origem e da rotina da empresa TV Morena, rede de televisão com maior expressão na região. A empresa comunicacional divide-se em três afiliadas: TV Morena Campo Grande, TV Cidade Branca, em Corumbá, e TV Sul América, em Ponta Porã. É afiliada à Rede Globo de Televisão, pertencente ao grupo da Rede Mato-grossense de Televisão. Foi a primeira emissora de televisão do antigo Estado de Mato Grosso, fundada no projeto liderado por Eduardo Elias Zahran que abandonou a ideia de construir somente uma repetidora e construiu uma geradora de imagens. A emissora foi criada em 1965, numa década que ocorreu a expansão de muitas televisões regionais.

A família Zahran estava se estabelecendo como um grupo empresarial distribuidor de gás no Centro-Oeste, quando se candidatou para por em funcionamento o primeiro canal de televisão de Mato Grosso. A concorrência pela concessão foi disputada por dois grupos: o liderado pela família Zahran e outro ligado a Rede Tupi de televisão. O presidente Castelo Branco assinou a autorização para funcionamento da TV Morena, pelo Decreto nº 56.977, de 19 de outubro de 1965. No dia 24 de dezembro, o Correio do Estado publicou uma manchete na primeira página, dizendo que naquele dia seria inaugurada a TV Morena. O título da matéria foi “Estará no ar hoje a TV Morena com programação normal”.

A TV Morena iniciou suas transmissões exibindo programas de duas emissoras de São Paulo. Segundo Soares (2005), o telejornalismo foi um produto que nasceu junto com a emissora. O primeiro telejornal da TV Morena foi o “Notícias do Dia”, apresentado pela primeira vez em 27 de dezembro de 1965. O “Notícias do Dia” era um telejornal com



edições diárias de 25 minutos, veiculado de segunda a sexta-feira, com uma estrutura que apresentava blocos de notícias internacionais, nacionais e locais intercalados por intervalos comerciais.

A TV Morena teve um único telejornal até 1967 “*que foi o segundo noticiário de televisão apresentado em Mato Grosso. Nesse período inicial dos anos 70, a TV Morena ainda não estava ligada a um sistema de rede nacional. A emissora retransmitia programas da TV Tupi (novelas, filmes)*” (SOARES, 2005, p. 122).

Com o tempo, os telejornais foram reformulados em função da estruturação da empresa e do contrato de afiliação com a Rede Globo, a partir de 1976. No dia 3 de janeiro daquele ano, a programação da TV Morena passou por mudanças: começou a apresentar uma edição telejornalística às 12 horas (o Jornal do Meio Dia). O Jornal Nacional começou a ser transmitido ao vivo, via Embratel, às 18h45.

No lugar do Notícias do Dia entrou o Jornal da Verdade, que passa a ser apresentado às 20h50. Nesse período ocorrem algumas mudanças. A principal delas é a produção de mais reportagens externas. A utilização do equipamento de vídeo teipe facilita esse trabalho. A estrutura das reportagens era a mesma apresentada por outros telejornais: imagens cobertas com texto narrados em off e inclusão de entrevistas para complementar o material. Nessa ocasião, Pio Lopes (2001) transforma-se no repórter de vídeo mais conhecido do Estado. O principal telejornal da emissora, o Jornal de verdade, permanece com este nome até 1979, quando passa a se chamar Jornal das Sete. Em janeiro de 1983, dentro de uma nova estruturação da Globo, começam a ser vinculados em cada Estado, os telejornais regionais que antecedem a novela ou o Jornal Nacional. Em Campo Grande, a TV Morena inicia a veiculação do MS TV 1ª Edição e 2ª Edição. Nessa fase, o telejornalismo da TV Morena passa a contar com jornalistas de outros Estados e implanta definitivamente o modelo e o padrão determinado pela Globo. (SOARES, 2005, p. 123)

Em janeiro de 1983, dentro de uma nova estruturação da Rede Globo, começam a ser veiculados em cada capital, os telejornais regionais. Em Campo Grande, a TV Morena inicia a veiculação do MS TV 1ª edição e 2ª edição. Nessa fase, o telejornalismo da TV Morena implanta definitivamente o padrão determinado pela Rede Globo.

TV Morena permanece 24 horas no ar, totalizando 1440 minutos diários de exibição de programas. A produção diária de jornalismo da emissora está em torno de 90 minutos. A programação local produz: Telejornais - Bom Dia MS (segunda a sexta-feira), MSTV – 1ª Edição desde 1984 (segunda a sábado), MSTV – 2ª Edição desde 1983 (segunda a sábado), telejornal esportivo - Globo Esporte desde 1970 (segunda a sábado) e entretenimento - Atualidades desde 2000 e Meu Mato Grosso do Sul desde 2012 (sábados). Na editoria rural,

a emissora produz o MS Rural (sábados). Atualmente a emissora usa o slogan “Junto com você”.

Segundo Toniazzo (2007, p. 185), “*desde a primeira pesquisa de opinião realizada em Campo grande, em 1986, os resultados apontaram a preferência do público pela programação da TV Morena.*” . Segundo a autora, na cidade somente a TV Morena contrata pesquisa.

A família Zahran também possui mais quatro emissoras de televisão no Estado do Mato Grosso, segundo Toniazzo (2007): A TV Centro América – canal 4, em Cuiabá; TV Centro América Sul – canal 10, em Rondonópolis; TV Centro América Norte – canal 11, em Sinop e a TV Terra – canal 13, em Tangará da Serra.

### 3.3. Programa MS Rural

O telejornal local MS Rural é considerado um dos pioneiros no setor, em nível estadual e até nacional. Ele segue o modelo do programa Globo Rural, transmitido para todo o Brasil pela Rede Globo nas manhãs de segunda à sexta-feira e aos domingos. Segundo Nunes (2011), o programa nacional estreou em 1980 com a apresentação de Carlos Nascimento, sendo o primeiro do gênero. Retrata o universo do campo, apresentando notícias que interessam ao agricultor, como a previsão do tempo, eventos sobre agropecuária, receitas e dicas de tratamento de espécies animais e vegetais. Os apresentadores do telejornal foram: Néelson Araújo, Helen Martins, Ana Paula Campos, Vico Iasi, Priscila Brandão. A transmissão acontece aos domingos, às 8h, e de segunda a sexta-feira, às 6h10. O programa diário tem duração de 30 minutos e o dominical 55 minutos. Foi criada também em 1985 a revista Globo Rural, distribuída até hoje.

Segundo o professor Marcelo Cancio Soares<sup>34</sup>, que participou junto de Osmar Bastos na elaboração do MS Rural, a ideia de criação foi apresentada no início da década de 80 aos diretores da TV Morena, Jorge e Fábio Zahran. Naquela época existiam matérias rurais nos telejornais regional, mas eram poucas. Os envolvidos sentiram a necessidade de se fazer um programa específico.

Após aprovado, o telejornal passou a ser exibido em julho de 1984, aos domingos; sendo apresentado por Osmar Bastos. As reportagens eram feitas por Amauri Ceni e Marcelo Cancio (repórteres), Sigfleid Nowak (cinegrafista) e José Lairson (motorista). Essa equipe

---

<sup>34</sup> Em entrevista concedida dia 30 de julho 2013, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

produzia, gravava e editava as matérias. Com o tempo, houve a contratação de uma produtora e o programa passou a receber jornalistas de outros telejornais da emissora.

O programa tinha uma boa audiência na década de 80 e 90, tanto de telespectadores rurais quanto urbanos. Isso se deve muito ao fato de que na época as pessoas contavam com menos opções para se informar (não havia internet e TV a cabo) e os únicos canais abertos na televisão regional eram a TV Campo Grande e TV Morena.

Marcelo Cancio, que também apresentou o programa, trabalhou nesse telejornal específico durante cinco anos, produzindo no total cerca de 800 matérias. Segundo ele desde o início havia uma boa produção – com material suficiente, carro e até avião fretado para as reportagens. As matérias eram maiores que nos outros telejornais e havia também notas, boletins e uma sessão de cartas (nelas, os produtores rurais escreviam suas dúvidas ou relatavam um problema rural, o telejornal então consultava especialistas sobre o assunto).

As fontes usadas eram do Banco do Brasil (financiamento rural), Secretaria de Agricultura, Iagro, Conab, Empaer, Agraer<sup>35</sup>. As informações eram noticiadas de maneira didática, para ajudar quem tinha problema, divulgavam também curiosidades do campo e novidades que poderiam ser usadas na produção.

As cidades visitadas eram de todo o Estado. Matérias eram feitas até mesmo nas localidades mais longes – Mundo Novo, Ponta Porã, Corumbá. Os assuntos tratados eram diversos (morango, pinha, mandioca, ovinos, caprinos); tentava-se mostrar um pouco de tudo, mesmo que soja e pecuária se destacassem mais.

Várias matérias foram exibidas em cadeia nacional, no Globo Rural. Ligadas à cana-de-açúcar, leite (de vacas americanas importadas), assoreamento no Pantanal e desmatamento. A intenção do programa era atingir o público rural ao máximo, não somente o grande produtor. Por isso a linguagem era simples, com pouco tecnicismo.

Ao comparar o meio rural divulgado no programa da época, com o atual, Marcelo Cancio acredita que antes a tecnologia no campo aparecia pouco, as pessoas eram mais ignorantes, tinham pouca informação importante, principalmente em relação a higiene. Notícias sobre melhoramento genético e pesquisas rurais tinham menos frequência. Hoje as políticas públicas também alcançam mais o fazendeiro, uma vez que a eletricidade está mais presente no meio rural, possibilitando maior acesso a televisão e a internet.

---

<sup>35</sup> Iagro - Agência Estadual Defesa Sanitária Animal e Vegetal. Conab - Companhia Nacional de Abastecimento. Empaer - Empresa de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural do Estado. Agraer - Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural

Segundo a TV Morena, o MS Rural é transmitido em rede aberta há 29 anos. Dirigido por Alfredo Singh. A primeira transmissão foi em julho de 1984. Osmar Bastos foi quem mais apresentou o programa, de 1984 a 2008. Bastos também é o idealizador do jornal. Ele é veterinário formado na USP (Universidade de São Paulo). Atualmente, é apresentado por Edevaldo Nascimento e Priscila Sampaio. O programa é exibido sábado, às 8h e reapresentado domingo, às 6h, algumas vezes tem seu horário adiantado ou atrasado devido a transmissão de treinos de Fórmula 1.

O telejornal é dividido em blocos que abordam aleatoriamente as matérias, não sendo subdivididas em sessões. Periodicamente, são feitas séries de reportagens especiais com um tema determinado. As notícias são disponibilizadas em vídeo, na íntegra, no site da emissora na *internet*. Como fontes são usados agricultores, pecuaristas, silviculturistas, criadores de animais, trabalhadores rurais, donos de laticínios, pessoas relacionadas ao campo em geral.

A estrutura do programa é detalhada abaixo:

Quadro 7 - Estrutura do programa MS Rural

<b>ESTRUTURA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>EQUIPE</b>	Um ou dois apresentadores Repórteres de outros telejornais da emissora (sem número exato de repórteres)
<b>PERIODICIDADE</b>	Semanal - Sábados às 8h Reprise aos domingos às 6h
<b>DURAÇÃO</b>	Média de 35 minutos

Dentro do tradicional processo da comunicação (emissor, meio, mensagem, receptor), esta análise está focada especificamente no emissor, na produção, no caso o MS Rural, da emissora TV Morena, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O objeto de estudo foi claramente definido como a produção do conteúdo jornalístico.

O programa tem sua importância no histórico da imprensa sul-mato-grossense, pois durante anos divulgou o homem do campo no Estado do Mato Grosso do Sul. O programa norteia sua pauta à diversificação da agropecuária, valorizando e educando as boas práticas no campo e incentivando a adoção de novas tecnologias. A cultura regional, com ênfase para as receitas culinárias, tem sido destaque nas edições divulgadas, assim como o enfoque econômico também é muito explorado.

Os repórteres são os mesmos que trabalham nos jornais diários da emissora, de diferentes filiais da TV Morena. Para citar alguns: Alexandre Cabral, Priscilla Bitencourt,

Maurimar Franco, Osvaldo Nóbrega, Renato Rosa, Carina Urbanin, Angela Schafer, Liziane Zarpelon.

Quadro 8 - Histórico de apresentadores do MS Rural

<b>ANO</b>	<b>APRESENTADORES</b>
1984 - 2002	Osmar Bastos
2002 – 2004	Osmar Bastos e Ana Volpe
2004 - 2008	Osmar Bastos
2008 - 2010	Ellen Genaro
2010	Ginez César e Elisângela Marques
2010	Camila Caires
2010 - 2011	Edevaldo Nascimento e Camila Caires
2012 e 2013	Edevaldo Nascimento e Priscilla Sampaio

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1. Análise de Conteúdo

Para saber como o setor rural é retratado no MS Rural, nesta pesquisa optou-se pela AC (Análise de Conteúdo). Ela foi adotada como metodologia, por se apresentar como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Podendo ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critério de noticiabilidade e agendamentos. Servindo para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, identificando elementos típicos e exemplos representativos. Além de descrever sistemática, objetiva e quantitativamente o conteúdo obtido.

Segundo Herscovitz (2007, p.124), a AC é amplamente empregada nos vários ramos das ciências sociais empíricas. Sendo ela uma ajudante no entendimento sobre *“quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens”*. Para a autora,

(...) a identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequência do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e dos públicos aos quais se destina). (HERSCOVITZ, 2007, p. 127)

Levou-se em conta que essa metodologia,

(...) pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que descrevem os significados aparente ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados. (HERSCOVITZ, 2007, p.127)

Seguindo a recomendação de Herscovitz (2007), esta pesquisa considerou como unidade de registro o texto inteiro (com o conjunto de frases).

Segundo Bauer (2002, p 193):

(...) os procedimentos da AC reconstróem representações em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. Procedimentos sintáticos se enfocam os transmissores de sinais e suas inter-relações. A sintaxe descreve os meios de expressão e influência – como algo é dito ou descrito. A frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência. O frequente emprego de uma forma de palavras que não é

comum pode identificar um provável autor e determinado vocabulário pode indicar um tipo provável de público.

O presente trabalho construiu sua análise baseada na sugestão metodológica de Bauer (2002, p.215).

Passos na análise de conteúdo:

1. Seleção de textos específicos.
2. Amostra, caso existirem muitos textos para analisá-los completamente.
3. Referencial de codificação que se ajuste tanto às considerações teóricas, como aos materiais.
4. Definição explicitamente das regras de codificação.
5. Codificação de todos os materiais da amostra.
6. Construir um arquivo de dados para fins de análise estatística.

No quesito categorias e codificação, para o autor, *“embora o corpus de texto esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa”* (Bauer, 2002, p. 199).

Outros autores que tratam com propriedade da teoria da AC são Caregnato e Mutti (2005, p. 5).

A AC pode ser quantitativa e qualitativa. Existe uma diferença entre essas duas abordagens: na abordagem quantitativa se traça uma frequência das características que se repetem no conteúdo do texto. Na abordagem qualitativa se “considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem.

Para elas, a maioria dos autores refere-se à AC como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com palavras, permitindo a produção do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social.

Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, escolhendo uma expressão que as representem. Para Laurence Bardin, AC é:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens. (BARDIN, 2004, p.42)

A amostra da pesquisa é composta por quatro programas, exibidos em dois meses aleatórios de 2012: 1 e 8 de setembro (oito reportagens) e 3 e 10 de novembro (dez reportagens), num total de 18 reportagens. O tempo de programação analisado totalizou uma hora, 15 minutos e 41 segundos. A amostra foi considerada representativa, pois usou meses aleatórios e considerou no calendário selecionado meses que não fizessem parte do período ativo do calendário de produção agrícola, que poderiam interferir na programação ou nas pautas selecionadas.<sup>36</sup>

Para que a análise científica fosse credenciada e trouxesse resultados com a melhor interpretação de como o *MS Rural* representa o setor rural do Estado, foram realizadas análises quantitativa e qualitativa por meio da AC. Todos os programas foram gravados e transcritos, sendo cada matéria analisada individualmente. Foram contabilizadas as fontes, pautas e cidades visitadas.

#### **4.2. Categorias de análise do MS Rural**

Usando como base os teóricos citados, com ênfase para o trabalho de Bardin (2004), a AC foi aplicada no estudo das matérias do MS Rural por meio do método de dedução frequencial e análise por categorias temáticas, paralelamente.

O programa MS Rural foi escolhido por ser o telejornal específico em rural mais antigo transmitido na televisão local. Sua importância se justifica por ter a maior abrangência de público, fazendo parte da emissora com maior audiência no Estado.

Sendo que a primeira etapa consiste em enumerar a ocorrência de um mesmo signo linguístico (palavra) ou que se repetiu com frequência. O resultado se mensurou com descrições numéricas e tratamento estatístico. Os termos e frases usados nas categorias temáticas foram retirados de elementos da reportagem: frases dos apresentadores, dos repórteres e entrevistados, além dos créditos da tela.

A segunda etapa, análise por categorias temáticas, tentou caracterizar um segmento, criando uma classe de equivalência definida, a partir das significações de frases, em função de um julgamento. Foi feito um desmembramento do texto em unidades, construindo assim, categorias que emergiam do texto. Agrupamento em categorias baseado no que havia de comum. Procurou-se, durante a análise, agrupar textos que corroborassem com a

---

<sup>36</sup> Segundo a Embrapa, no Centro Oeste, as colheitas das culturas mais fortes acontecem no primeiro semestre (milho - fevereiro a junho; soja - janeiro a maio; cana de açúcar - abril a dezembro).



classificação: eles deveriam ter a mesma opinião sobre o assunto. Não poderia haver ao mesmo tempo outro trecho que discordasse. Foi dada ênfase no registro de mais de um trecho para reforçar a escolha.

Três grandes etapas foram seguidas, segundo a AC:

**1) Pré-análise** - fase de organização e contato com os documentos da coleta de dados, com vários procedimentos: leitura, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação.

**2) Exploração do material** - codificação, classificação e categorização a partir das unidades de registro.

**3) Tratamento de resultados e interpretação** - classificação dos elementos segundo suas semelhanças, em função de características comuns. É a fase de inferência e interpretação. Nesta etapa ocorre a condensação e o destaque das informações para análise; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

A partir dessas etapas e com o uso de senso de criatividade, intuição e crítica (como defendem os autores que deve existir) as categorias criadas a partir disso foram:

**a) Tempo da matéria** – com o fim de se observar a média de tempo dedicada às matérias em geral e para os assuntos específicos. Quais as maiores e menores reportagens. Foi desenvolvido também um quadro explicativo para classificar as matérias de acordo com sua duração:

Quadro 9 – Classificação por tempo

CLASSIFICAÇÃO	DURAÇÃO
CURTA	Até dois minutos
NORMAL	De dois a cinco minutos
GRANDE	Acima de cinco minutos

**b) Pautas** - quais são os assuntos tratados e com que frequência. As culturas mais noticiadas. As pautas foram elencadas em grandes temas:

Quadro 10 – Descrição das pautas

PAUTAS	DESCRIÇÃO
PECUÁRIA	Tratamento de bovinos, seja carne, leite ou derivados
AVICULTURA	Tratamento de todo tipo de ave
SUINOCULTURA	Porco
PISCICULTURA	Peixes e outros animais aquáticos

<b>PAUTAS (continuação)</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
OUTROS ANIMAIS	Qualquer tratamento de animais diferentes dos anteriores
SOJICULTURA	Cultivo e comercialização do complexo soja
CANA-DE-AÇÚCAR	Cana-de-açúcar e subprodutos
MILHOCULTURA	Milho e subprodutos
AGRICULTURA – OUTROS	Outras pautas dentro da agricultura
OUTRAS CULTURAS	Pautas rurais que se diferenciem das anteriores

**c) Situação do meio rural** – tópico mais relevante da pesquisa. Leva em consideração o aspecto tecnológico e o dinheiro movimentado em determinada cultura rural. As reportagens foram classificadas em setor “desenvolvido”, “em desenvolvimento” ou “atrasado”. Os textos comprobatórios avaliaram os adjetivos e/ou descrições usadas.

Quadro 11 – Classificação do setor

<b>SITUAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
DESENVOLVIDO	Setor com alta lucratividade, resultados muito positivos, setor consolidado, uso de tecnologia moderna. Setor pode melhorar, porém já é bem resolvido.
EM DESENVOLVIMENTO	Em processo, crescimento de áreas necessárias, com diversos desafios para se consolidar no setor.
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES	Setor estagnado, abandonado, com grande dificuldade, decadente.

**d) Locais visitados** – onde o programa mostra que as culturas são cultivadas no Estado do Mato Grosso do Sul.

**e) Entrevistados** - quem se manifesta nas reportagens. Quais as fontes e com qual grupo eles se caracterizam: “grande/médio produtor” (pecuarista, agricultor com funcionários e máquinas de manejo), “pequeno produtor” (produção para consumo próprio, sem funcionários), “empregado rural” (funcionário de produtores, gerentes) e “outros” (pesquisadores, médicos veterinários).

Quadro 12 – Classificação das fontes

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR	Extensa propriedade Muitos funcionários Grandes safras Uso de tecnologia na produção Grande retorno financeiro Presidente de associações patronal Exemplos: agricultor, pecuarista, diretor Famasul

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
PEQUENO PRODUTOR	Pequena propriedade Produtor trabalha diretamente Pouco ou nenhum funcionário Rentabilidade pequena ou para subsistência Exemplos: piscicultor, assentado
EMPREGADO RURAL	Funcionário do produtor rural Não dono do meio de produção Mora ou não no campo Trabalha ou não com o campo diretamente Exemplos: tratador, gerente
PESQUISA	Representantes de entidades que por meio de estudo e pesquisa investem na melhoria do setor rural. Exemplo: pesquisador, veterinário
GOVERNO	Representantes dos Governos Municipal, Estadual e Federal, Ministério Público, Fundações Públicas Exemplos: Ministro, fiscal receita Federal
OUTROS	Entrevistados fora das classificações anteriores Exemplos: caminhoneiro, comerciante

f) **Relação com governos** - separado em Municipal, Estadual e Federal. O tópico procurou mensurar se havia desses Governos (por meio de financiamento, projetos e leis) “apoio”, “abandono” ou “não cita”, conforme quadros abaixo.

Quadro 13 – Tipos de Governos

<b>GOVERNOS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
MUNICIPAL	Prefeitura e secretarias
ESTADUAL	Estado e secretarias
FEDERAL	Governo Federal e Ministérios

Quadro 14 – Participação dos Governos

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
APOIO	Quando participa financeiramente, por meio de políticas públicas e decretos de incentivo.
ABANDONO	Quando faz descaso, não contribui ou prejudica, havendo consequentemente reclamação por parte dos ruralistas.
NÃO CITA	Quando não fala nada dos Governos.

g) **Relação com outras entidades** - se os entrevistados ou seus respectivos setores são divulgados como parte ou relacionados a alguma entidade. Seja ela patronal, sindicalista, cooperativa ou de pesquisa. O objetivo é mensurar se a mídia mostra a atuação de outras entidades no meio rural. Saber se mostra relação ou uma organização coletiva em

determinado setor. O objetivo foi mensurar como a mídia mostra a força rural em termos coletivos.

Quadro 15 - Entidades

<b>ENTIDADES</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
COOPERATIVA	União de produtores numa mesma área de atuação que se unem para exercer atividade de mesmo fim de forma colaborativa. Exemplo de cooperativa: cooperativa de famílias do assentamento Itamaraty que atua na produção de leite.
PATRONAL	Representação da classe dominante dentro da meio rural. Exemplo: Aprosoja.
SINDICAL	Representação de empregados rurais. Exemplo: Federação Dos Trabalhadores da Agricultura no MS.
FINANCIAMENTO	Entidade especializada em empréstimos e financiamentos. Exemplo: bancos.
PESQUISA	Instituições que por meio de estudo e pesquisa invistam na melhoria do setor rural. Exemplo: Embrapa.

Esses seis tópicos foram selecionados, pois de maneira geral, sua análise resume satisfatoriamente vários pormenores da divulgação do meio rural. Além de serem tópicos possíveis de serem observados em uma matéria jornalística.

Eles demonstram quais assuntos o programa dá mais atenção, seja na escolha de pauta ou no tempo utilizado. Em quais cidades as matérias são feitas, quais homens do campo tem voz, como é mostrado a relação do meio com entidades (políticas, associações, entre outras) e a abordagem preferida pelo programa em cada cultura do setor.

### 4.3. Análise do MS Rural

Os quatro programas da amostra selecionada são compostos das seguintes matérias (a ordem numérica foi feita para representá-las nos outros tópicos da análise, não sendo necessário repetir o título de cada uma):

Quadro 16 - Matérias do MS Rural analisadas

<b>ORDEM</b>	<b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>1</b>	<b>Queimadas e estiagem castigam e causam prejuízos para pecuária do Pantanal</b>	Chamas destroem pastos e os prejuízos são inevitáveis para a pecuária da região do Pantanal. – Por Bruno Grubertt de Corumbá.
<b>2</b>	<b>Mesmo com uma das melhores safras, produtores de laranja não comemoram</b>	A safra da laranja foi uma das melhores dos últimos anos, mas produtores não comemoram por causa do baixo preço de venda da fruta. – Osvaldo Nóbrega de Dois Irmãos do Buriti.
<b>3</b>	<b>Produtores diminuem área cultivada da mandioca</b>	O baixo preço pago ao produtor está entre os principais motivos. – Por Liziane Zarpelon de Ivinhema.

<b>ORDEM (continuação)</b>	<b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>4</b>	<b>Produção do milho safrinha bate recordes em MS</b>	A colheita do milho safrinha deste ano chega a um patamar que ninguém podia imaginar. – Por Priscilla Bitencourt de São Gabriel do Oeste.
<b>5</b>	<b>Incrá apresenta planejamento para reforma agrária em Mato Grosso do Sul</b>	O novo projeto passa pelo Programa Brasil sem Miséria do Governo Federal, que pretende atingir, com o desenvolvimento no campo, localidades com dificuldades de gerar emprego e renda. – Por Alexandre Cabral de Campo Grande.
<b>6</b>	<b>MS integra cadeia da suinocultura em ciclos completos</b>	O Estado passou a integrar uma das cadeias mais completas do mercado: a criação de suínos em ciclos completos. – Por Priscilla Bitencourt de São Gabriel do Oeste.
<b>7</b>	<b>Colheita do milho safrinha está chegando ao fim em MS</b>	Mais de 95 % das áreas já foram colhidas. – Por Naurimar Franco de Ponta Porã.
<b>8</b>	<b>Congresso em Campo Grande discute medidas para combater ervas daninhas em lavouras</b>	As novidades da biotecnologia no manejo das plantas daninhas e os efeitos nas lavouras foram temas de debate realizado nesse congresso em Campo Grande. - Por Osvaldo Nóbrega de Sidrolândia e Campo Grande.
<b>9</b>	<b>Índios e produtores acompanham as discussões sobre regras de demarcação</b>	O assunto terras indígenas como destaque na Capital Federal. Índios e produtores acompanharam as discussões sobre as regras de demarcação de áreas no país. – Por Renato Rosa de Brasília.
<b>10</b>	<b>Nível do Rio Paraguai é preocupação para a Piracema em Corumbá</b>	A Piracema começa nessa segunda-feira. Serão quatro meses de descanso para a reprodução dos peixes. – Por Bruno Grubert de Corumbá.
<b>11</b>	<b>Controle de verminoses é o principal desafio para criação de ovinos</b>	Médicos veterinários dizem que a melhor forma de controle é a criação em confinamentos. Mas o custo elevado acaba inviabilizando a criação. - Por Carina Urbanin de Campo Grande.
<b>12</b>	<b>Assentados dobram produção de leite com mudança no manejo</b>	Produtores do assentamento Itamaraty, em Ponta Porã dobraram a produção de leite com as mudanças praticadas. – Por Naurimar Franco de Ponta Porã.
<b>13</b>	<b>Conheça um projeto que tem viabilizado a recuperação das RPPN</b>	Viabilizado a recuperação por meio de plantio de mudas, a avaliação topográfica e contagem de carbono nas florestas. – Por Alexandre Cabral de Corguinho.
<b>14</b>	<b>Produtores semeiam 75% da soja na safra 2012/2013 em MS</b>	Na região sul os produtores investiram em variedades precoces. Uma estratégia para ganhar tempo no cultivo do milho safrinha. – Por Naurimar Franco de Aral Moreira.

<b>ORDEM (continuação)</b>	<b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>15</b>	<b>Indústrias de MS importam soja da Bolívia</b>	Os preços atrativos e a demanda mundial pela soja fez com que os estoques diminuíssem nessa safra o que levou indústrias a importar soja da Bolívia. – Por Raphaela Potter de Corumbá.
<b>16</b>	<b>Nível baixo do rio Paraguai preocupa transportadores de carga</b>	O nível do rio Paraguai está um metro abaixo do previsto para a época. Situação que começa a preocupar as empresas que fazem o transporte de carga pela hidrovia. – Por Bruno Grubert de Corumbá.
<b>17</b>	<b>Oitava edição da Expoinel termina neste domingo</b>	Os melhores criadores, o que tem de excelência da raça nelore em nível nacional esteve presente na Feira, movimentando cerca de R\$ 10 milhões em negócios. – Por Rodrigo Grando de Campo Grande.
<b>18</b>	<b>Piscicultura é fonte de renda e inspiração para busca de novos mercados no Sul de MS</b>	A tecnologia a diferença na agricultura e na pecuária. No sul do Estado, a piscicultura se tornou fonte de renda e inspiração de busca de novos mercados. – Por Liziane Zarpelon de Dourados.

A análise<sup>37</sup> das matérias, anteriormente elencadas, gerou a composição das constatações abaixo.

a) **Tempo da matéria** - o tempo de cada matéria analisada foi registrado no quadro abaixo.

Quadro 17 – Tempo das matérias

<b>MATÉRIA</b>	<b>TEMPO</b>
<b>1</b>	3min29s
<b>2</b>	4min20s
<b>3</b>	3min47s
<b>4</b>	6min13s
<b>5</b>	4min24s
<b>6</b>	9min46s
<b>7</b>	2min15s
<b>8</b>	3min36s
<b>9</b>	1min57s
<b>10</b>	2min24s
<b>11</b>	4min34s
<b>12</b>	3min23s

<sup>37</sup> Para consulta mais detalhada, está disponível no apêndice a análise com os trechos selecionados das matérias.

<b>MATÉRIA (continuação)</b>	<b>TEMPO</b>
<b>13</b>	7min7s
<b>14</b>	2min16s
<b>15</b>	4min13s
<b>16</b>	2min40s
<b>17</b>	2min44s
<b>18</b>	6min17s

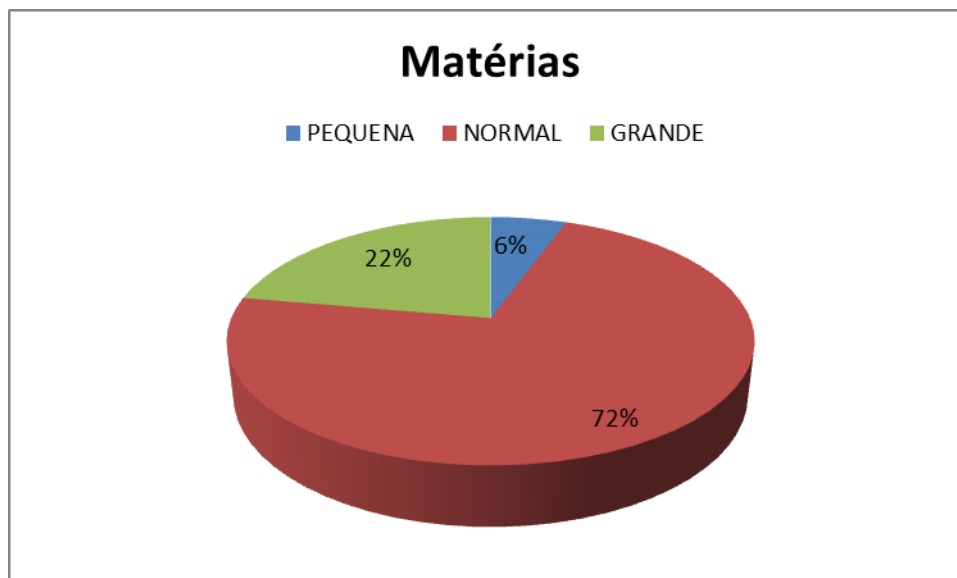
A média de tempo por matéria é de quatro minutos e 12 segundos. A matéria mais longa, “MS integra cadeia da suinocultura em ciclos completos”, durou nove minutos e 46 segundos. E a mais curta, “Índios e produtores acompanham as discussões sobre regras de demarcação”, durou um minuto e 57 segundos. De acordo com quadro criado, as matérias foram classificadas da seguinte forma:

Quadro 18 – Classificação das matérias pelo tempo

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>MATÉRIAS</b>
PEQUENA	9
NORMAL	1, 2, 3, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17
GRANDE	4, 6, 13 e 18

A maioria das matérias é considerada normal (13 matérias que equivale a 72%), em segundo lugar (com quatro matérias – 22%) as grandes matérias e por último uma matéria pequena (6%). Conforme gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Porcentagem de matérias por classificação de tempo.



Fonte: Elaborado pelo autor

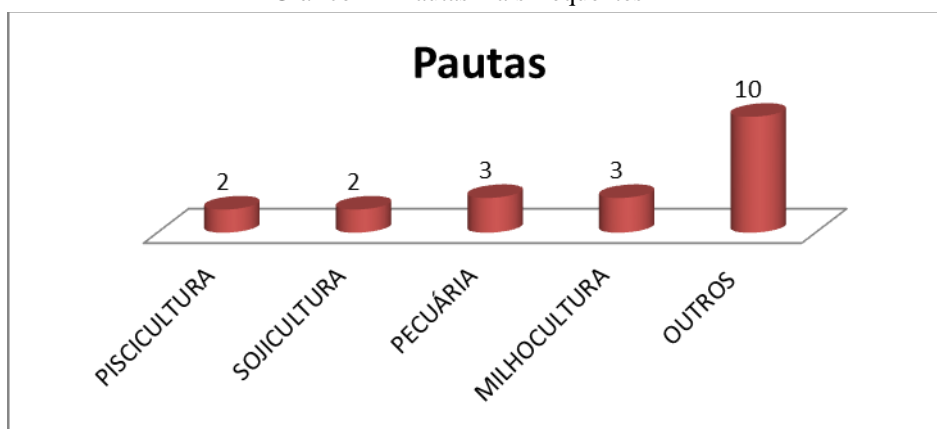
b) **Pautas** - os assuntos de cada matéria foram registrados no quadro abaixo:

Quadro 19 - Pautas

<b>MATÉRIA</b>	<b>PAUTAS</b>
<b>1</b>	pecuária e outros assuntos (queimadas)
<b>2</b>	agricultura (laranja)
<b>3</b>	agricultura (mandioca)
<b>4</b>	milhocultura
<b>5</b>	outros assuntos (reforma agrária)
<b>6</b>	suinocultura
<b>7</b>	milhocultura
<b>8</b>	outros assuntos (ervas daninhas)
<b>9</b>	outros assuntos (demarcação de terras)
<b>10</b>	piscicultura
<b>11</b>	ovinocultura
<b>12</b>	pecuária
<b>13</b>	outros assuntos (desenvolvimento sustentável)
<b>14</b>	sojicultura e milhocultura
<b>15</b>	sojicultura
<b>16</b>	outros assuntos (transporte fluvial)
<b>17</b>	pecuária
<b>18</b>	piscicultura

No apanhado das matérias analisadas, levando em consideração a “agricultura” e a “pecuária” de forma geral: a primeira (com seis matérias) teve mais frequência do que a segunda (com três matérias). Quando a agricultura é subdividida, a “milhocultura” é a mais noticiada (com três matérias), mesmo número da “pecuária”. A soja e a piscicultura estão logo atrás (cada uma com duas matérias).

Gráfico 2 – Pautas mais frequentes



Fonte: Elaborado pelo autor

Destaque para a presença de outros assuntos que estão em número elevado no gráfico pois conta com 10 diferentes assuntos das matérias. Alguns ligados a produção:



ovinocultura, suinocultura, mandioca, laranja. E assuntos não ligados a produção: transporte fluvial, desenvolvimento sustentável, demarcação de terras, ervas daninhas, reforma agrária, queimadas.

Levando em conta a análise do tempo (tópico anterior), pode se constatar ainda que entre as quatro grandes matérias, três delas tratam de seu próprio assunto apenas uma vez (reforma agrária, suinocultura e desenvolvimento sustentável). A última do grupo é sobre “milhocultura” (assunto com maior aparição da amostragem).

**c) Situação do meio rural** – a classificação e justificativa de cada matéria, segundo sua situação no meio rural está descrita no quadro elaborado.

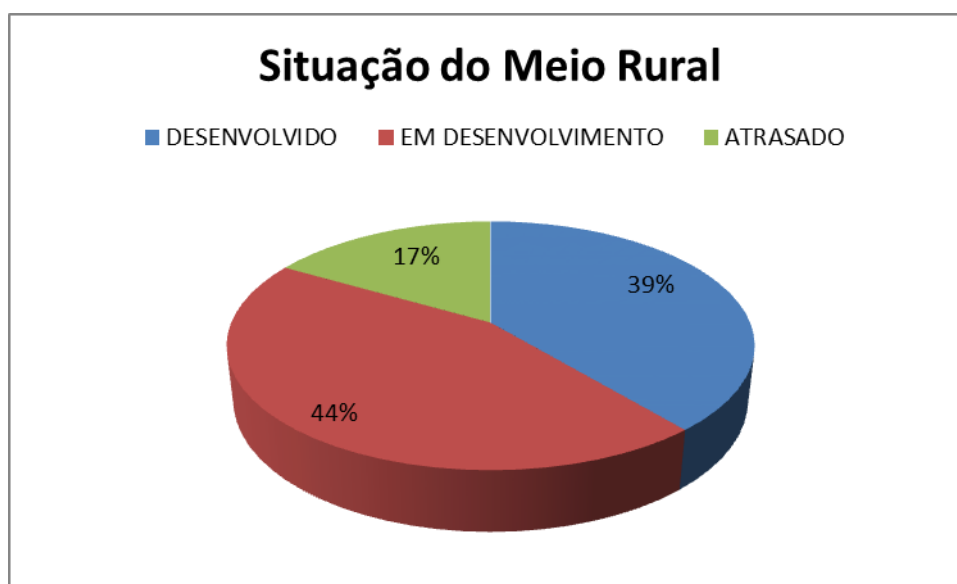
Quadro 20 – Situação do meio rural

MATÉRIA	CLASSIFICAÇÃO
1	<b>ESTAGNADO OU COM DIFICULDADE</b> Forma de manejo do gado está sendo prejudicial, há dependência exclusiva da meteorologia para resolver o problema, entrevistado pessimista em relação ao assunto.
2	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> Boa colheita, mas com problema na comercialização.
3	<b>ESTAGNADO OU COM DIFICULDADE</b> O setor teve uma redução na produção, é prejudicado pela concorrência e precisa ficar somente na expectativa de que o mercado melhore.
4	<b>DESENVOLVIDO</b> Os resultados superaram todas as expectativas otimistas dos agricultores que demonstram contentamento nas entrevistas. E os dados mostram que o setor é melhor do que nos anos anteriores. O setor, segundo a reportagem, está em excelente fase devido a sua tecnologia, cuidado com a terra e sorte com o clima.
5	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> Há intensa atuação do Incra na questão da reforma agrária, mas a questão está longe de ser sanada. Há pormenores a serem resolvidos e a reforma agrária pertence muito ao campo do planejamento.
6	<b>DESENVOLVIDO</b> A cultura se desenvolveu e atualmente está bastante organizada e estável, o ciclo completo é mostrado como uma forma evoluída de criação de suínos, gerando riqueza de maneira sustentável.
7	<b>DESENVOLVIDO</b> O setor teve muitos pontos positivos (com “boa produtividade” e preço que “superou as expectativas”) os produtores se manifestaram satisfeitos. Os dados provam a melhora em relação a anos anteriores e a boa colheita feita.
8	<b>DESENVOLVIDO</b> Incentivo e tecnologia maciçamente usados no desenvolvimento do setor. A realização do evento, de cunho internacional mostra a excelente atenção dada ao assunto. Reportagem mostra que as técnicas inovadoras de combate as ervas daninhas são usadas pelos produtores.

MATÉRIA (continuação)	CLASSIFICAÇÃO
9	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> Questão não está resolvida, mas tem a atuação de diversos interessados (Governo Federal). O Estado é um grande latifundiário, a matéria trata de maneira imparcial um assunto delicado e que costuma favorecer os produtores de terra.
10	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> Um período de dificuldade, pelo qual os pescadores e dependentes do transporte fluvial passam, e que as empresas e o Governo tentam se organizar para ajudar.
11	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> A criação de ovinos em confinamento é desenvolvida com o apoio de pesquisas da Embrapa para ajudar produtores a combater o problema de verminoses.
12	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> Assentados de uma associação conseguem dobrar produção de leite graças a tecnificação e acompanhamento periódico de técnicos e médicos veterinários. O setor melhorou a ponto de entrar no patamar de comercialização nacional e agora pretende se superar.
13	<b>DESENVOLVIDO</b> Matéria mostra exemplo de que as propriedades podem aliar extrativismo com agropecuária, agricultura e ecoturismo. Benefícios financeiros com conservação ecológica. Visto como “um projeto que precisa ser copiado”.
14	<b>DESENVOLVIDO</b> Mostra produção com crescimento de 100% e que as culturas são “muito rentáveis ao produtor”. A meteorologia também tem contribuído com isso.
15	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> Com a nova demanda (de importação de soja), os envolvidos estão aprendendo a lidar com os desafios, principalmente de regularização e fiscalização dos produtos na fronteira.
16	<b>ESTAGNADO OU COM DIFICULDADE</b> O transporte fluvial é prejudicado pela chuva. Os envolvidos tem prejuízos de receita, e são obrigados a torcer para que chova. O problema independe do setor produtivo, pois a chuva é um fator incontornável. A questão maior é como os envolvidos lidam com o problema.
17	<b>DESENVOLVIDO</b> A Feira recebe os melhores criadores e animais. Organizadores contam com alto lucro nas negociações da Feira.
18	<b>EM DESENVOLVIMENTO</b> O mercado está em crescimento, devido ao consumo maior. Mas a produção é “pequena” e por isso há necessidade de importação de pescados de outros países.

Conforme quadro elaborado, a maior parte das matérias tem um caráter positivo em relação ao meio rural. Segundo a análise, 39% das matérias dizem que o meio está desenvolvido (sete matérias), 44% em desenvolvimento (oito matérias) e 17% estagnado ou com dificuldades (três matérias).

Gráfico 3 – Situação do meio rural



Fonte: Elaborado pelo autor

A “Produção do milho safrinha bate recordes em MS” é um exemplo de matéria classificada como “desenvolvida”. Segundo ela, os resultados superaram todas as expectativas otimistas dos agricultores que exprimiram isso nas entrevistas. Os dados noticiados também mostraram que o setor apresentou melhor desempenho do que nos anos anteriores e está em excelente fase devido ao uso de tecnologia, cuidados especiais com a terra e sorte com o clima.

Em “Mesmo com uma das melhores safras, produtores de laranja não comemoram” a colheita é noticiada como tendo sido boa, mas com problema na hora da comercialização do produto, o setor enfrenta problemas, mas procura melhorar, por isso “em desenvolvimento”.

Um exemplo do setor “com dificuldades” pode ser constatado em “Produtores diminuem área cultivada da mandioca”. Na reportagem, o setor teve uma redução na produção anual, está prejudicado pela concorrência de outras culturas e precisa ficar somente na expectativa isolada de que o mercado melhore.

A milhocultura é classificada nas três matérias como “desenvolvida”. Levando em consideração os assuntos mais tratados (item “b”), a pecuária teve as três classificações. “Com dificuldade” (matéria 1) para lidar com a criação e as queimadas, “em desenvolvimento” (matéria 12) na produção de leite dos assentados e “desenvolvida” (matéria 17) na venda e exposição de animais em feira internacional.

A produção da soja é divulgada como “desenvolvida” e questões envolvidas a importação do produto ainda estão “em desenvolvimento”. Já a piscicultura está se desenvolvendo, seja na pesca ou na criação artificial de peixes.

Uma comparação pertinente pode ser feita entre a forma como as culturas são apresentadas e a situação do setor segundo a exportação divulgada pelo IBGE<sup>38</sup>. A mandiocultura, vista como estagnada, não é uma das maiores culturas no Estado, sendo muitas vezes vista como cultura de subsistência. Já o problema no transporte fluvial e as queimadas do Pantanal lidam com questões fora do controle do homem (clima), mas o problema pode ser resolvido ou amenizado com infraestrutura e técnicas de gestão de crise. Setores que lidam com o que foi considerado desenvolvido, como soja, milho e carne bovina, estão entre os cinco primeiros na lista dos mais exportado no estado em 2012.

Algumas culturas como laranja e piscicultura são consideradas em desenvolvimento porque no Estado são culturas pouco exploradas ainda, em comparação com outras regiões do País.

**d) Entrevistados** - foram 55 entrevistas, com a média de três delas por matéria, conforme quadro abaixo.

Quadro 21 - Entrevistados

<b>MATÉRIA</b>	<b>ENTREVISTADOS</b>
<b>1</b>	- tratador - pecuarista - pesquisador Embrapa Pantanal - dois gerentes de fazenda
<b>2</b>	- trabalhador rural - dois produtores de laranja
<b>3</b>	- produtor de mandioca - engenheiro agrônomo - técnico da Agraer
<b>4</b>	- presidente sindicato rural de São Gabriel do Oeste - três agricultores
<b>5</b>	- superintendente Incra/MS - assessor jurídico Famasul
<b>6</b>	- suinocultor - médico veterinário - desossador - presidente da Coasgo - gerente do frigorífico
<b>7</b>	- gerente da unidade - dois agricultores
<b>8</b>	- técnico agrícola - produtor rural - engenheiro agrônomo - doutor em manejo de ervas daninhas

<sup>38</sup> Consultar introdução deste trabalho.

<b>MATÉRIA (continuação)</b>	<b>ENTREVISTADOS</b>
<b>9</b>	- ministro da justiça - diretor Famasul - procurador de justiça/MS
<b>10</b>	- presidente associação empresas de turismo - pescador profissional - pesquisadora Embrapa Pantanal
<b>11</b>	- produtor de ovinos - pesquisador da Embrapa
<b>12</b>	- médica veterinária - responsável produção cooperativa - três assentados
<b>13</b>	- produtora rural - viveirista - coordenador do projeto - dois ecólogos
<b>14</b>	- dois agricultor - engenheiro agrônomo
<b>15</b>	- analista de mercado - fiscal federal agropecuário - inspetor chefe da Receita Federal - caminhoneiro
<b>16</b>	- gerente operacional - serviço de sinalização náutica - diretor de operações
<b>17</b>	- presidente Nelore/MS - criador - jurado
<b>18</b>	- diretor de agricultura - dois piscicultores - dois comerciantes

Os entrevistados foram classificados em seis categorias. Cada entrevistado foi contabilizado uma vez (mesmo que aparecesse outra vez na matéria).

Entre as fontes ouvidas, houve predominância da classe patronal (grandes e médios produtores rurais) em relação aos outros grupos. Esse grupo teve voz em 14 matérias, com 22 entrevistas. Em segundo lugar estão as fontes ligadas à pesquisa e instrução rural (15 entrevistas em 10 matérias).

Os empregados rurais se pronunciam em cinco matérias, com oito entrevistados. Suas sonoras servem para complementar ou dar ângulo diferente em um assunto de interesse do grande produtor rural (que aparece em todas essas matérias). Nenhuma matéria fala diretamente com o funcionário, com o fim de contribuir com seu trabalho.

Um exemplo disso pode ser notado na reportagem sobre a recuperação de reservas naturais dentro das propriedades rurais. O foco é que o proprietário pode aproveitar a

oportunidade para ter benefícios financeiros por conservar a natureza e ainda manter sua produção. A entrevista com um viveirista (pessoa que se ocupa de plantas) serve apenas para afirmar que seu trabalho de conservação é gratificante, por ajudar a recuperar uma área degradada.

Por último estão fontes ligadas ao governo e “outros” (quatro matérias cada). O pequeno produtor ficou com a última posição (com três matérias).

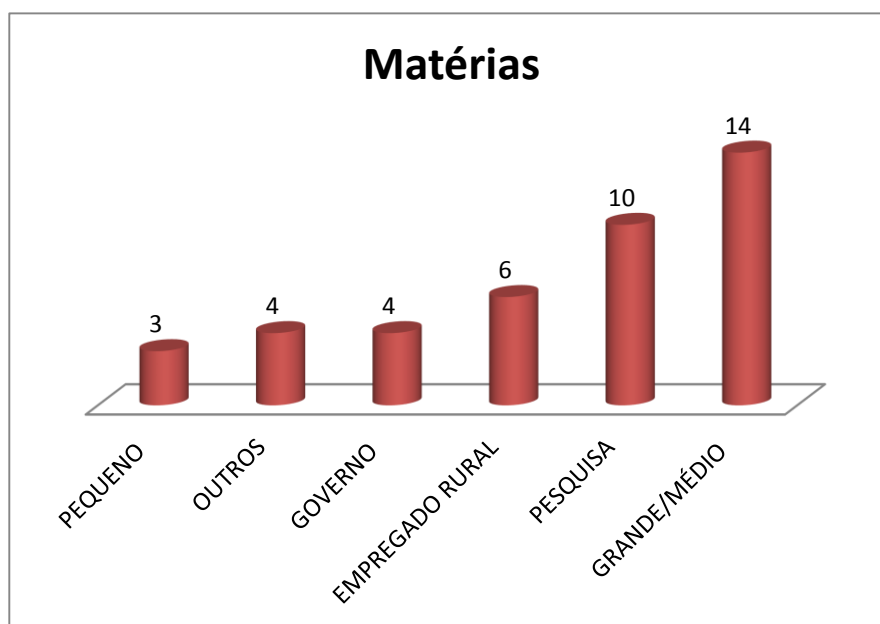
Quadro 22 – Grupos de entrevistados

<b>GRUPO</b>	<b>MATÉRIA</b>	<b>ENTREVISTADOS</b>
<b>GRANDE/ MÉDIO PRODUTOR</b>  - 14 matérias - 22 entrevistados	1	- pecuarista
	2	- dois produtores de laranja
	3	- produtor de mandioca
	4	- presidente sindicaro rural São Gabriel do Oeste - três agricultores
	5	- assessor jurídico Famasul
	6	- suinocultor - presidente da Coasgo
	7	- dois agricultores
	8	- produtor rural
	9	- diretor Famasul
	10	- presidente associação empresas de turismo
	11	- produtor de ovinos
	13	- produtora rural
	14	- dois agricultores
	17	- presidente Nelore/MS - criador
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>  - 3 matérias - 7 entrevistados	10	- pescador profissional
	12	- assentada - responsável produção cooperativa - dois assentados
	18	- dois piscicultores
<b>EMPREGADO RURAL</b>  - 5 matérias - 8 entrevistados	1	- tratador - dois gerentes da fazenda
	2	- trabalhador rural
	6	- gerente do frigorífico - desossador
	7	- gerente da unidade
	13	- viveirista

<b>GRUPO (continuação)</b>	<b>MATÉRIA</b>	<b>ENTREVISTADOS</b>
<b>PESQUISA</b>  - 10 matérias - 15 entrevistados	1	- pesquisador da Embrapa Pantanal
	3	- engenheiro agrônomo - técnico da Agraer
	6	- médico veterinário
	8	- técnico agrícola - engenheiro agrônomo - doutor em manejo de ervas daninhas
	10	- pesquisadora da Embrapa Pantanal
	11	- pesquisador da Embrapa
	12	- médica veterinária
	13	- coordenador do projeto - dois ecólogos
	14	- engenheiro agrônomo
	15	- analista de mercado
<b>GOVERNO</b>  - 4 matérias - 7 entrevistados	5	- superintendente Incra/MS
	9	- ministro da justiça - procurador de justiça/MS
	15	- inspetor chefe da Receita Federal - fiscal federal agropecuário
	16	- serviço de sinalização náutica - diretor de operações
<b>OUTROS</b>  - 4 matérias - 6 entrevistados	15	- caminhoneiro
	16	- gerente operacional
	17	- jurado
	18	- diretor de agricultura - dois comerciantes

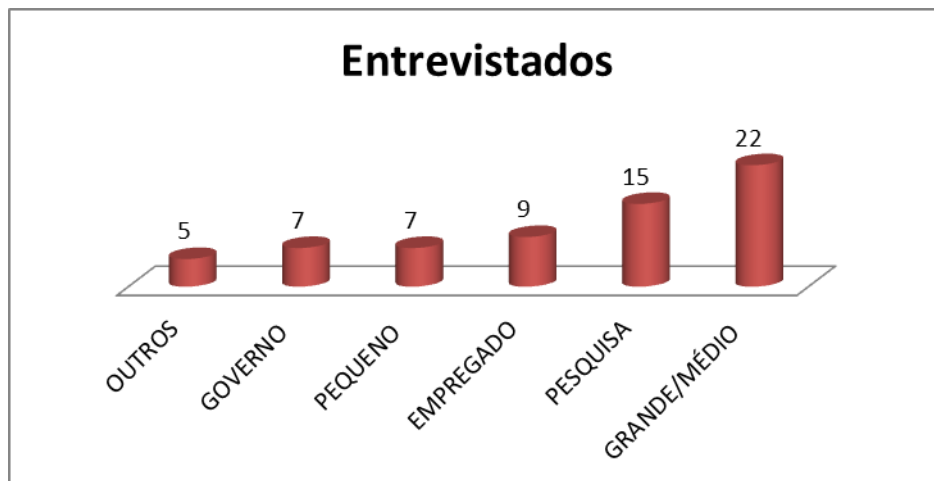
Os gráficos abaixo representam as constatações numéricas feitas.

Gráfico 4- Número de matérias, por grupo.



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 5 – Número de entrevistas, por grupo.



Fonte: Elaborado pelo autor

e) **Relação com Governos** – dividido em Federal (F), Estadual (E) e Municipal (M). O tópico procurou mensurar como as reportagens se referem a atuação desses Governos (por meio de financiamento, projetos e leis): “apoio”, “abandono” ou “não cita”. As matérias um, três, quatro, sete, oito, 11, 12, 14, 17 e 18 não citaram qualquer tipo de governo.

Quadro 23 – Relação com Governos

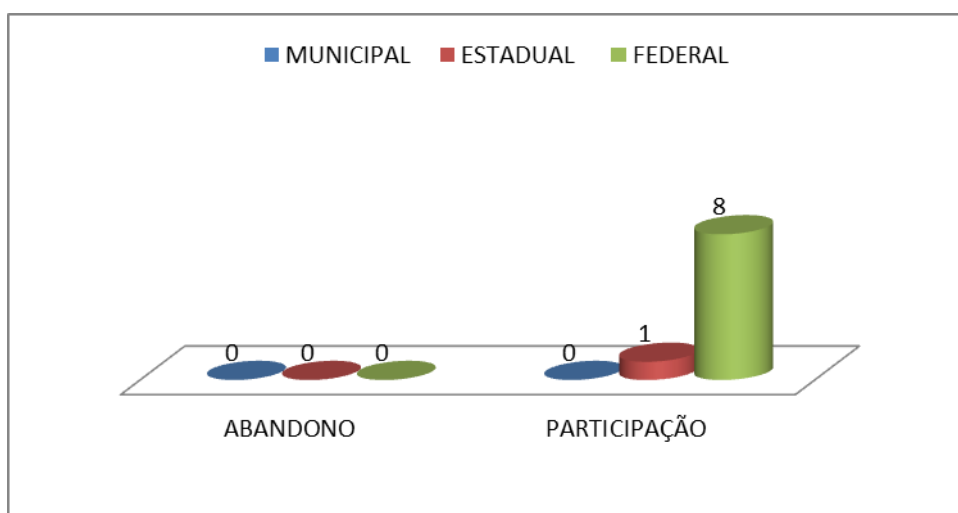
MATÉRIA	PARTICIPAÇÃO DOS GOVERNOS	
2	F	apoio
	E	-
	M	-
5	F	apoio
	E	-
	M	-
6	F	apoio
	E	-
	M	-
9	F	apoio
	E	-
	M	-
10	F	apoio
	E	-
	M	-
13	F	apoio
	E	-
	M	-
15	F	apoio
	E	apoio
	M	-
16	F	apoio
	E	-
	M	-



A constatação da atuação dos Governos no meio rural é de que o Município não é citado nenhuma vez (nem participando, nem atrapalhando ou sendo omissos). O mais citado, em oito matérias, das 18, é o Governo Federal, sempre com “apoio e participação”. Um exemplo é na matéria sobre a colheita da laranja. Nela é informado que o Ministério da Agricultura prorrogou dívidas, anunciou o preço mínimo, dando importante suporte ao setor.

O Governo Estadual é citado uma vez, como “apoiador” na reportagem “Indústrias de MS importam soja da Bolívia”. Nela, fiscais da Iagro (Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal), trabalham na fiscalização de lacres de cargas e colhendo amostras da soja.

Gráfico 6 - Interferência do Governo no setor rural



Fonte: Elaborado pelo autor

**f) Relação com outras entidades** - algumas matérias (com exceção da um, dois, oito, 10, 13, 14, 15, 16) citaram a relação entre entidades com setores do meio rural.

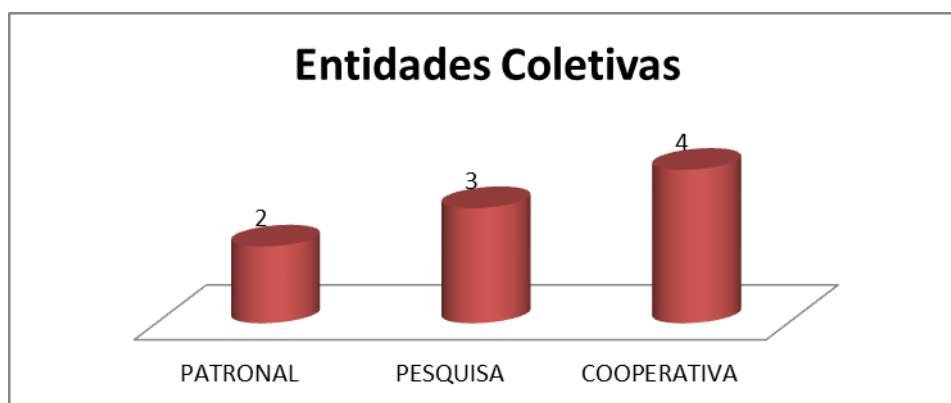
Quadro 24 – Relação com entidades

MATÉRIA	ENTIDADES
3	pesquisa
4	cooperativa
5	patronal
6	cooperativa
7	cooperativa
9	patronal
11	pesquisa
12	cooperativa
17	pesquisa

O objetivo era mensurar se as reportagens mostravam alguma representação ou associação. Para isso bastava uma simples citação na matéria.

Percebeu-se que as mais representadas foram as cooperativas dos produtores rurais e até de assentados (quatro matérias), seguida de setores ligados a pesquisa (três matérias) e patronais (duas matérias). As cooperativas servem para o fortalecimento de determinados setores: como milhocultura e suinocultura (matérias quatro e seis). Sindicatos que representem trabalhadores rurais não tiveram representação em nenhuma matéria.

Gráfico 7- Relação com outras entidades



Fonte: Elaborado pelo autor

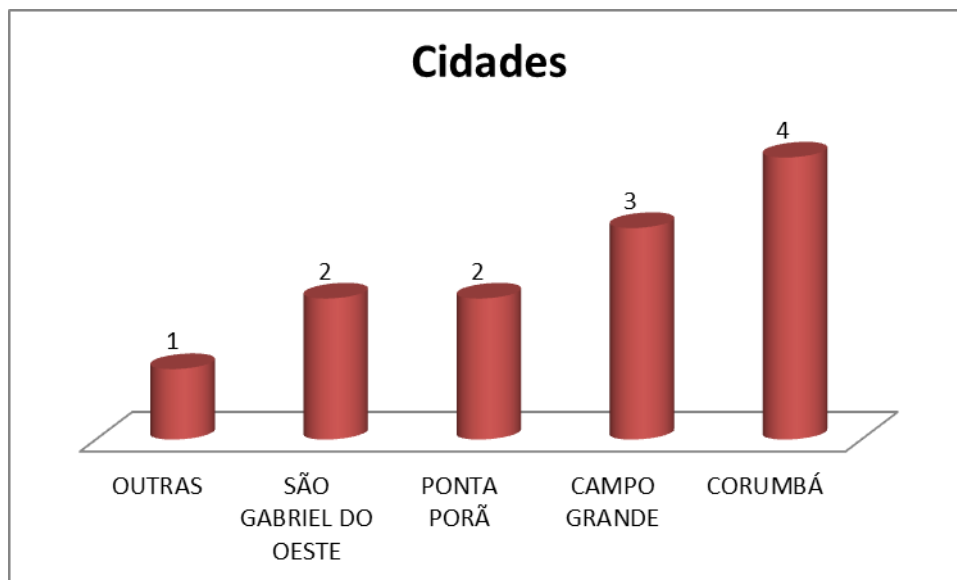
**g) Cidades visitadas** - as cidades usadas como cenário para a exposição dos assuntos foram discriminadas abaixo:

Quadro 25 – Cidades visitadas

MATÉRIA	CIDADE
1	Corumbá
2	Dois Irmãos do Buriti Cita: Terenos, Sidrolândia e Rochedinho
3	Ivinhema
4	São Gabriel do Oeste
5	Campo Grande Cita: regiões de Nova Andradina, Tacuru, Bataguassu
6	São Gabriel do Oeste
7	Ponta Porã. Cita: Antônio João
8	Sidrolândia
9	Brasília
10	Corumbá
11	Campo Grande
12	Ponta Porã
13	Corguinho
14	Aral Moreira
15	Corumbá
16	Corumbá
17	Campo Grande
18	Dourados

Corumbá (com quatro reportagens) foi a mais usada, seguida de Campo Grande (com três), Ponta Porã e São Gabriel (com duas) e todas as outras com uma apresentação.

Gráfico 8– Cidades visitadas



Fonte: Elaborado pelo autor

Os assuntos tratados em cada uma dessas cidades são elencados no quadro abaixo:

Quadro 26 – Cidades mais citadas e assuntos

CIDADE	ASSUNTO
Corumbá	Pecuária e queimadas Piscicultura Soja Transporte fluvial
Campo Grande	Reforma agrária Ovinocultura pecuária
Ponta Porã	Milho Pecuária (leite)
São Gabriel do Oeste	Suinocultura Milho

Um detalhe importante é que três matérias (dois, cinco e sete) contextualizam o assunto, citando também outras cidades como participantes de determinadas culturas. Isso contribui no sentido de mostrar ao público, por exemplo, que a produção de laranja (da matéria dois) não está restrita a Dois Irmãos do Buriti, mas é produzida também em Terenos, Sidrolândia e Rochedinho.

As análises das matérias podem ser resumidas da seguinte forma:

Quadro 27 – Quadro completo de análise

	TEMPO	SITUAÇÃO	ENTREVISTA	GOVERNO	ENTIDADE	CIDADE
1	N	EST	GRD EMP PEQ	-	-	Corumbá
2	N	EMD	GRD EMP	AF	-	Dois Irmãos do Buriti
3	N	EST	GRD PEQ	-	PESQ	Ivinhema
4	G	DES	GRD	-	COOP	São Gabriel do Oeste
5	N	EMD	GRD EMP PESQ GOV	AF	PATR	Campo Grande
6	G	DES	GRD EMP	AF	COOP	São Gabriel do Oeste
7	N	DES	GRD PESQ	-	COOP	Ponta Porã
8	N	DES	GRD GOV	-	-	Sidrolândia
9	P	EMD	GRD PEQ PESQ	AF	PATR	Brasília
10	N	EMD	GRD PESQ	AF	-	Corumbá
11	N	EMD	PEQ PESQ	-	PESQ	Campo Grande
12	N	EMD	GRD EMP PESQ	-	COOP	Ponta Porã
13	G	DES	GRD PESQ	AF	-	Corguinho
14	N	DES	PESQ GOV OUT	-	-	Aral Moreira
15	N	EMD	EMP GOV	AF AE	-	Corumbá
16	N	EST	GRD OUT	AF	-	Corumbá
17	N	DES	PEQ OUT	-	PESQ	Campo Grande
18	G	EMD	PEQ OUT	-	-	Dourados

**LEGENDA**

**TEMPO** – P = pequeno, N= normal, G = grande

**SITUAÇÃO** – EST = estagnado, EMD = em desenvolvimento, DES = desenvolvido

**ENTREVISTA** – GRD = grande/médio produtor, PEQ = pequeno produtor, GOV = governo, PESQ = pesquisa, OUT = outros

**GOVERNO** – AF = apoio federal, AE = apoio estadual

**ENTIDADE** – PESQ = pesquisa, COOP = cooperação, PATR = patronal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a tratar do meio rural no programa MS Rural. Para isso, se dedicou em contextualizar o assunto de maneira objetiva, visando analisar o objeto de estudo tendo uma base teórica importante. Como foi exposto, o Jornalismo Rural, que faz parte da Comunicação Rural, pretende divulgar informações importantes para a rotina no campo da forma mais adaptada possível.

O Mato Grosso do Sul, um dos Estados que mais arrecada com a economia rural no Brasil, tem uma necessidade visível de notícias sobre o agronegócio. E é dentro dessa demanda que o programa MS Rural, da TV Morena se insere, divulgando o meio rural para todo o Estado, há quase 30 anos. Muda apresentador e repórteres, mas a pauta maior continua sendo a mesma: o setor de onde se originam tantos produtos básicos e vitais para a sociedade, esteja ela no campo ou na cidade.

Partiu-se do entendimento que o MS Rural é uma produtor de representações da realidade (econômica e social). Neste contexto, investigou-se as representações criadas por ele. As 18 reportagens dos quatro programas analisados mostraram diversas características do meio rural exibido no telejornal. Por isso não faz sentido, com essa pesquisa, elaborar uma conclusão única. Na verdade destacar uma pluralidade delas é mais viável.

No trabalho realizado constatou-se que, baseado no quadro de classificação por tempo, a maioria das matérias (72%) têm uma média de duração entre dois e cinco minutos. 22% têm duração maior e apenas 6% pode ser considerada pequena. Isso mostra que o programa tem uma lógica de composição das matérias (e quando foge do costume, pende mais para reportagem grande, do que pequena). A menor reportagem registrada na amostra trata da demarcação de terra (um assunto isolado em meio a outros predominantes). Por outro lado, as matérias sobre produção agropecuária estão mais destacadas.

Constata-se que há uma grande variedade de repórteres trabalhando no programa. Nas 18 matérias analisadas, trabalharam 11 repórteres – sendo que cinco deles apareceram mais de uma vez. Desses cinco, dois deles apareceram três vezes cada – Bruno Grubertt em Corumbá e Naurimar Franco na região de Ponta Porã (as duas cidades são transmissoras regionais da TV Morena: TV Cidade Branca e TV Sul América). Priscilla Bitencourt fez duas matérias em São Gabriel do Oeste. Liziane Zarpelon duas na região de Dourados. E Osvaldo Nóbrega duas na região de Campo Grande. Dos outro seis repórteres que aparecem uma vez, quatro deles fazem reportagens na região de Campo Grande. Todos trabalham no jornalismo da emissora e não são exclusivos do MS Rural.

Entre os assuntos tratados mais de uma vez, os que tiveram destaque em matérias grandes foram o milho e a piscicultura. Isso era de se esperar sobre a milhocultura (5º produto mais exportado no Estado em 2012, segundo o IBGE). Porém, tanto o tempo quanto a quantidade de reportagens dedicados a piscicultura é de certa maneira surpreendente. Pois sua cultura não é tradicional no Estado, não tem uma alta arrecadação como a de outros produtos, não estando entre os 20 produtos mais exportados pelo Estado. O setor, que está em crescimento, tem diversos desafios antes de se consolidar.

É muito visível a predominância de matérias sobre agricultura, em relação à pecuária. Entretanto, quando se separa a agricultura em culturas individuais, a milhocultura é a que tem o mesmo número de matérias que a pecuária. Vale ressaltar que o milho durante a época da amostra, não estava em seu momento mais forte, na safra (mas em entressafra). Levando em consideração o calendário agropecuário da Embrapa, o programa dá ênfase a algumas culturas, mesmo elas não estando em período de colheita. No Centro-Oeste, as colheitas das culturas mais fortes acontecem no primeiro semestre (milho - fevereiro a junho; soja - janeiro a maio; cana de açúcar - abril a dezembro).

A repetição de matérias na pecuária estaria em conformidade com a força do setor que tem quatro ramificações entre os 20 produtos mais exportados do Estado (carne bovina e industrializada, couro, tripas). Porém vale destacar que o rebanho de corte já foi o maior do Brasil (hoje superado pelos estados de Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo), o que justificou a implantação da Embrapa Gado de Corte no Estado (em 1977).

A situação do setor rural no Estado é mais divulgada como “desenvolvida” (39% das matérias) e “em desenvolvimento” (44%). Dessa maneira, o MS Rural molda a reputação da editoria que divulga. Mostrando que a maior parte do meio rural sul-mato-grossense está melhorando, recebendo investimento e incentivo dos envolvidos e já tem quase metade das culturas bem desenvolvidas (milhocultura, suinocultura, combate a ervas daninhas, desenvolvimento sustentável, soja e pecuária). Mostra também que uma parcela pequena (17%) necessita se desenvolver muito, por estar estagnada (questão das queimadas, mandiocultura e transporte fluvial).

Há uma boa variação de cidades usadas para ilustrar os assuntos. Das 18 matérias, 11 cidades foram usadas para falar do meio rural (média de 1,6 por matéria).

Seguindo a divisão de culturas e características das regiões do Estado, descritas na introdução desta dissertação, pode-se fazer uma relação entre os assuntos tratados nas matérias e as cidades mais frequentes na amostra.

a) **Corumbá** - segundo o IBGE, o município de Corumbá figura como o 3º maior PIB do estado do Mato Grosso do Sul. A cidade tem o 34º maior PIB agropecuário do Brasil (2º do Estado, atrás apenas de Rio Brilhante). Sua economia é bastante diversificada, se destacando as atividades de mineração, comércio e serviços. É a última cidade brasileira antes do território boliviano, do qual se separa por fronteira seca. Entre os assuntos tratados a pecuária tem força no modo de criação extensiva, uma das principais fontes de renda na região. Piscicultura e transporte fluvial - a cidade é banhada pelo Rio Paraguai, pesca e turismo em virtude disso são fortes na cidade. Soja na fronteira - a matéria trata do transporte em a função do porto e da fronteira com a Bolívia. A cidade é rota de entrada e fiscalização de diversos produtos estrangeiros.

b) **Campo Grande** - a cidade, localizada em região de planalto abriga o aquífero Guarani em seu subsolo. Não se destaca na produção agropecuária como as outras cidades do interior, mas dá suporte comercial, administrativo e transporte para a área. Por ser capital do Estado, abriga a sede de diversos órgãos públicos e por isso discussões e decisões a respeito da Reforma agrária ocorrem na cidade. Há também uma facilidade em termos de criação de eventos em diversas áreas, como as feiras agropecuárias (Feira Expoinel). As culturas do município não tem uma predominância, são mais variadas que em outras cidades do Mato Grosso do Sul, por isso matérias como ovinocultura.

c) **Ponta Porã** - fica 350 quilômetros de distância de Campo Grande. Com cerca de 70 mil habitantes, faz divisa com o Paraguai, na cidade de Pedro Juan Caballero. Essa fronteira tem a atenção especial das polícias estadual, federal e forças armadas, devido aos altos índices de contrabando e tráfico de drogas na região. Sua economia se baseia basicamente em agricultura e pecuária. As matérias a respeito do milho e da produção de leite (pecuária) analisadas, mostraram isso.

d) **São Gabriel do Oeste** - a cidade localiza-se ao norte de Campo Grande, distante cerca de 137 km. Segundo o último censo 2011 do IBGE tem cerca de 23 mil habitantes. A cultura mais forte e notória do município aparece na matéria que explica a produção especial de ciclos completos na suinocultura. A cidade que também tem a cultivação de outros produtos foi usada para falar do milho. A cidade também é grande produtora de soja.

Analisando as cidades que mais frequentes no programa, é importante destacar que três delas (Corumbá, Campo Grande e Ponta Porã) abrigam as sedes jornalísticas da emissora TV Morena. O que facilita a produção da matéria.

O relacionamento entre o Governo Federal e o campo é mostrado de maneira positiva. Nenhuma crítica é feita. Toda vez que o Governo é citado, aparece como financiador e

ajudante do setor rural. Sendo que os setores os quais mais apoia são aqueles classificados como em desenvolvimento (cinco matérias), além de continuar auxiliando onde está desenvolvido (duas matéria) e trabalhando para melhorar um setor estagnado (uma matéria). O Governo Estadual, que é citado uma vez, aparece atuante na questão de fiscalização de cargas na fronteira de Corumbá. Pode-se perceber uma visão unilateral do relacionamento governo e meio rural. A esfera pública toda vez que é citada é como apoiadora, em nenhuma reportagem é falado da necessidade de maiores políticas públicas ou de maior atuação do poder público.

Levando em consideração as entrevistas, pode-se constatar um número bom de entrevistados, com uma média de três por matéria. Mesmo que o foco não esteja em todos as classes econômicas, pelo menos existe o costume de se consultar vários envolvidos no assunto. Os grupos em número total de entrevistados ou de aparição por matéria trazem a mesma conclusão: predominância da classe patronal (grandes e médios produtores rurais) em relação aos outros grupos. Esse grupo teve mais voz (14 matérias, 22 entrevistados) do que todos os outros, o número mais próximo é o de fontes ligadas a pesquisa (10 matérias, 15 entrevistas). Um exemplo dessa predominância pode ser constado na matéria 17, que fala de feira pecuária. Nenhum empregado ou pequeno produtor é entrevistado.

Fica claro também o pequeno espaço que tem no programa o pequeno produtor rural (3 matérias, 5 entrevistas), ele é menos ouvido, por exemplo, do que os empregados rurais (6 matérias, 9 entrevistas). Esses últimos servem mais para ilustrar o assunto tratado, visto que trabalham diretamente com as culturas e conhecem muito dos detalhes da produção. Mas nenhuma matéria é específica para o funcionário.

Essa predominância é reforçada se observarmos as citações feitas das entidades coletivas. A predominância é de cooperativas, que mostra a união de alguns setores da produção (milho, suíno e pecuária). É visto também o apoio direto das entidades de pesquisa em três setores (mandiocultura, criação de ovinos e desenvolvimento sustentável). A ausência de matérias ligadas ao sindicatos de trabalhadores rurais mostra que essa categoria não é mesmo o foco do programa.

A análise feita nesta dissertação mostra que o meio rural do Estado do Mato Grosso do Sul, apresentado pelo MS Rural, é de certa forma bem diverso. Algumas características, entretanto, são enfatizadas pela frequência com que o programa as divulga: agricultura mais ativa que a pecuária (ênfase para milhocultura); meio mostrado em boa situação (maior parte se desenvolvendo ou desenvolvido); as cidades mais destacadas são aquelas com maior força em suas culturas agropecuárias; o Governo Federal é visto com bons olhos, como um



parceiro de diversos setores; o homem do campo é mais divulgado como um grande/ médio produtor, tendo apoio de cooperativas e entidades patronais.

As conclusões expostas aqui servem também como sugestão de reflexão na editoria rural. Para que audiência e produtores tenham um estudo mais detalhado do programa, podendo observar características das reportagens muitas vezes despercebidas durante a produção e recepção. E avaliar abordagem, seleção e composição das pautas relacionadas ao homem do campo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIAHY, A. C. A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Portugal: BOOC, 2005.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvaldo J. de (Org.). **Quem tem medo da pesquisa empírica?** São Paulo: Intercom, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BATALHA, Mario Otavio. **Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil**. Viçosa: GEPAI; DEP; UFSCar; UFV, 1997.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Comunicação Rural: discurso e prática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, XI, 1988, Viçosa, **Trabalho apresentado em congresso**. Viçosa: UFV, 1988.

BOURDIEU, Pierre Félix. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta, 1997.

BRAGA, G. M.; CARVALHO, G. B. **O futuro da comunicação rural**. Taubaté: Revista de Ciências Humanas - UNITAU, 2000.

CALAZANS, M. C.; CHRISTOFARI, F. R. **580 AM: da rádio Educação Rural à Imaculada Conceição**. Campo Grande: Anhanguera-Uniderp, 2009.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. A pesquisa em comunicação rural na Intercom: 1991/2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, XXIV, 2001, Campo Grande, **Trabalho apresentado em congresso**. Campo Grande: Intercom, 2001.

CARDOSO, Lisiane; PRADO, Mônica. **Canal Rural: o telejornal Rural Notícias como fonte de informação para o produtor do Distrito Federal**. Brasília: UniCEUB, 2008.

CAREGNAT, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CARVALHO, Geraldo Bueno de. **Jornalismo rural na comunicação social do Vale do Paraíba, estado de São Paulo**. Viçosa: UFV, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHILLÓN, Albert. **El ‘giro lingüístico’ y su incidencia en el estudio de la comunicación periodística.** Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1998.

CIRIO. **Jornalismo rural é mercado em expansão.** Disponível em: <<http://mauriciocirio.blogspot.com.br/2008/04/jornalismo-rural-mercado-em-expanso.html>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL. **Jornalismo em agribusiness.** Disponível em: <<http://www.comunicacaoempresarial.com.br/comunicacaoempresarial/conceitos/jornalismo-agrobussines.php>>. Acesso em: 20 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **Mídia, agronegócio e insustentabilidade.** Disponível em: <[http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo\\_agrobusiness/artigo5.php](http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo_agrobusiness/artigo5.php)>. Acesso em: 20 outubro 2011.

COMUNICAÇÃO RURAL. **Comunicação rural online.** Disponível em: <[www.comunicacaorural.com.br](http://www.comunicacaorural.com.br)>. Acesso em: 16 ago. 2010.

CORREA, Wilson Fonseca. **Alô Pantanal: estudo sobre a relação entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá-MS.** 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo, 1998.

CORTEZ, Karine Arruda; MONTELLO, Marlise Vidal. **Noções de pecuária para jornalistas.** Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2003.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva; PEREIRA; Renata Venise Vargas. **A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação: em busca da identidade e aproximação com o telespectador.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, XXII, 2013, Salvador, **Trabalho apresentado em congresso.** Salvador: UFBahia, 2013.

CULAU, Denise de Castro. **O Canal Rural no espaço agrícola de Cruz Alta.** Santa Maria: UFSM, 2006.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Embrapa.** Disponível em: <<http://www.embrapa.br>>. Acesso em: 20 maio 2013.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FERREIRA, L. C. A.; SILVA, A. C. A. **Jornalismo no agronegócio: o campo em notícia.** In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, XVII, 2012, Ouro Preto - MG, **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012.

GLOBO RURAL. Globo Comunicações e Participações S.A. **Economia: agronegócios.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/agronegocios>>. Acesso em: 18 jul. 2012.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. **Estado de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <[www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/seprotur/index.php](http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/seprotur/index.php)>. Acesso em: 25 jan. 2013.

HERSCOVIT, Heloiza Gobspa. Análise de conteúdo em jornalismo. In: BENETTI, Márcia; LAGO, Claudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

IESPOSTI, Júlio César Degl'. **A grande-reportagem na televisão brasileira**: Um estudo do Globo Rural. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 out. 2012.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: UnB, 1996.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: SENAC, 2000.

MARTINS, Gerson Luiz. **O poder na indústria midiática de Mato Grosso do Sul**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1999.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Ministério da Agricultura**. Disponível em: <[www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br)>. Acesso em: 10 jan. de 2013.

MOURÃO, L. M. **O ensino de jornalismo rural nos cursos de comunicação social/jornalismo de Campo Grande - Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2010.

MS RURAL. TV Morena. Globo Comunicações e Participações S.A. **Produção do milho safrinha bate recordes em MS**. Campo Grande, 1 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/videos/mato-grosso-do-sul/ms-rural/t/edicoes/v/producao-do-milho-safrinha-bate-recordes-em-ms/2119276>>. Acesso em: 2 dez. 2012.

NUNES, Juliana Baptista. **Jornalismo em agribusiness e TV**: a expressividade do agronegócio e o aprofundamento das pautas no programa Globo Rural. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

FELICIANO, Fátima. **Perplexidade diante de tantas escolhas**. Campinas: Observatório da Imprensa, v. 15, n. 641, maio 2011. Disponível em: <[www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/perplexidade\\_diante\\_de\\_tantas\\_escolhas](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/perplexidade_diante_de_tantas_escolhas)>. Acesso em: 20 maio 2013.

PEREIRA, Michely R. M. M.; PEREIRA; Tiago Santos. **Segmentação e especialização**: modos de ver, entender e fazer jornalismo. Maringá: Centro Universitário de Maringá, 2009.

POPPER, K.; CONDRY, J. **Televisão**: um perigo para a democracia. Lisboa: Gradiva, 1995.

RAMIRES, Mario Marques. **Retórica y periodismo**: unas relaciones muy objetivas. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2009.

REIS, Tâmara; BRAGA, Claudomilson. Agronegócio, comunicação e mídia: o papel das relações públicas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, XIV, 2012, Campo Grande, **Trabalho apresentado em congresso**. Campo Grande: Intercom, 2012.

SANDIM, C. N. **Espaço agropecuário: jornalismo rural no rádio em campo grande**. Campo Grande: Universidade Anhanguera - Uniderp, 2003.

SEIXAS, Annick B.G. Scaillet. **O rural na Globo: a construção simbólica do conhecimento científico e tecnológico**. Viçosa: UFV, 1989.

SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: SENAC, 2005.

SILVA, Ana Paula da. **Da conversa na praça ao via satélite: a busca por informação agropecuária**. São Paulo: ECA - USP, 2005.

SILVA, Dalmo Oliveira. A era tecnológica e os desafios do jornalismo científico e da transferência de tecnologia em agropecuária. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org.). **Comunicação rural, tecnologia e desenvolvimento local**. Recife: Bagaço, 2002.

SILVEIRA, M. A. Rumos da pesquisa em comunicação rural: para onde ir? In: ARAÚJO, J.G.F. **I Seminário de Comunicação Rural: perspectivas atuais e futuras**. São Paulo: CECOR, 1994.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Marcelo V. C. **Telejornalismo descoberto: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional**. Campo Grande: UFMS, 2005.

SOUSA, J. Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TAVARES, F. M. B. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. [S. l.]: [s. n.], 2009.

TONIAZZO, Gladis Salete Linhares. **Caminhos da informação na rede mato-grossense de televisão**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Anhanguera - Uniderp, Campo Grande, 2007.

UNIVERSIDADE METODISTA. **Manual de redação: glossário**. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.

XAVIER, Kamilla Moreira. **O rural na Veja: linguagem, imagem e poder**. Viçosa: UFV, 2007.

## APÊNDICE

### 1. Transcrição

A transcrição do programa MS Rural, foi baseada nas matérias postadas no site da emissora, os títulos de cada matéria seguiram o padrão usado no site. Segundo a produção, todas as matérias são disponibilizadas após a reapresentação do programa no domingo. Os vídeos das reportagens contém “cabeça” e “nota retorno”. Não foi analisado: escalada, cumprimento dos apresentadores e o momento que é divulgado as cotações do mercado agropecuário.

Os números foram escritos por extenso. E as medidas abreviadas (Kg, Km). As entrevistas foram transcritas de maneira literal, com correção apenas de ortografia. O pronome de tratamento “Seu” foi transcrito como “Sr.”. Os termos e frases contabilizados na Análise de Conteúdo foram negritados.

As particularidades de cada texto foi classificado segundo sua modalidade<sup>39</sup>:

Quadro 28 – Classificação de texto em telejornalismo

CLASSIFICAÇÃO	DESCRIÇÃO
MATÉRIA	Informação audiovisual composta de texto narrado pelo repórter com imagens relacionadas complementado com gravação de entrevistas e aparição do repórter no vídeo. Também chamada de reportagem.
CABEÇA	É o lide da matéria. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter.
OFF	Texto feito pelo repórter com base nas imagens oferecidas pela equipe de reportagem.
PASSAGEM	É o momento que o repórter aparece na matéria falando para a câmera, dando informações sobre a matéria.
SONORA	São as entrevistas gravadas. Estão em ordem cronológica de aparição, mesmo quando se repete o entrevistado.
NOTA RETORNO	- Informação que é mostrada no telejornal logo depois de uma matéria. Complementa ou acrescenta informação complementar a reportagem. Lida pelo apresentador sem uso de imagem.

<sup>39</sup> Baseados no glossário de Heidy Vargas (Professora da Universidade Metodista). Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>. Acesso em: 2 de fevereiro 2013.

## 2. Análise

**1º DE SETEMBRO**  
**DURAÇÃO: 17min49s**  
**NÚMERO TOTAL MATÉRIAS: 4**

<b>MATÉRIA</b>	
<b>Queimadas e estiagem castigam e causam prejuízos para pecuária do Pantanal</b>	
<b>DURAÇÃO</b>	3min29s
<b>SITUAÇÃO DO SETOR</b>	
<b>DESENVOLVIDO</b>	
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>	
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>	X
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>	
<p><b>Off - Bruno Grubertt:</b> “A estiagem longa aumenta o risco de incêndios, o número de focos passou dos dois mil, só em agosto. <b>Quantidade 500% maior</b> do que as registradas por satélite no mesmo período do ano passado. O fogo já consumiu 100 mil hectares de vegetação, segundo o Ibama”.</p> <p><b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “A seca está castigando o Pantanal e a estiagem aumenta o risco de incêndios. O <b>Município lidera a lista de queimadas no país</b>”.  <i>– dados mostram que a situação piorou em relação aos outros anos.</i></p> <p><b>Off - Bruno Grubertt:</b> “A <b>explicação</b> para tanto incêndios para este ano pode estar na <b>estratégia montada pelos produtores para salvar o gado da cheia do ano passado</b>. Sem os animais em algumas envenadas, o pasto cresceu muito, secou e ficou vulnerável ao fogo”.  <i>– Forma de manejo do gado está sendo prejudicial, alternativas não estão sendo tomadas.</i></p> <p><b>Passagem - Bruno Grubertt:</b> “Para tentar fugir das áreas mais secas, já tem comitiva na estrada transferindo gado. E <b>produtor torcendo para a estiagem não prolongar</b> ainda mais”.  <i>– Há uma predominância na dependência da meteorologia para resolver o problema. Faltam fatores que contribuam com a situação.</i></p> <p><b>Sonora 1 - Cipriano dos Santos (tratador):</b> “está complicado, cara. Se não chover, daqui um mês vai parecer muita coisa”.  <i>– Entrevistado pessimista em relação ao assunto.</i></p>	
<b>FONTES</b>	
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - pecuarista	X
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>	
<b>EMPREGADO RURAL</b> - gerente da fazenda, tratador	X
<b>OUTROS</b> - pesquisador da Embrapa Pantanal	X

RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	X
RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES				
PATRONAL				
SINDICAL				
FINANCIAMENTO				
PESQUISA				
NÃO CITA			X	
PAUTA				
PECUÁRIA			X	
AVICULTURA				
SUINOCULTURA				
PISCICULTURA				
OUTROS ANIMAIS				
SOJICULTURA				
CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR				
MILHOCULTURA				
AGRICULTURA – OUTROS				
OUTROS ASSUNTOS - estiagem			X	
<p><b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>  <b>Título:</b> “Queimadas e estiagem castigam e causam prejuízos para <b>pecuária</b> do Pantanal”.</p> <p><b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “Chama também destroem os pastos e os prejuízos são inevitáveis para a <b>pecuária</b> da região”.</p> <p><b>Off - Bruno Grubertt:</b> “quase nenhuma área ficou alagada. O resultado fica visível no campo. <b>Mato muito seco e área sem pasto para o gado</b>”.</p> <p><b>Passagem - Bruno Grubertt:</b> “aí o <b>fogo</b> por menor que seja, pode se tornar um grande <b>incêndio</b> sem controle. <b>Colocando em risco as pastagens</b>, os animais e até as sedes das propriedades”.</p>				
CIDADES VISITADAS				
Corumbá				



MATÉRIA				
Mesmo com uma das melhores safras, produtores de laranja não comemoram				
DURAÇÃO		4min20s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO				
EM DESENVOLVIMENTO		X		
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “A safra da laranja é uma das melhores dos últimos anos e mesmo assim os produtores não comemoram, tudo por causa do preço da fruta”.</p> <p><i>- Por mais que em termos de colheita, o setor esteja bem positivo, alguns fatores, a se melhorar, ainda impedem o setor de comemorar totalmente.</i></p> <p><b>Off - Osvaldo Nóbrega:</b> “O problema é que nesta região de Mato Grosso do Sul não chove a mais de 30 dias. E a estiagem pode dificultar o crescimento da fruta.”</p> <p>“Irigar os pomares foi a solução encontrada por alguns produtores para manter a qualidade da laranja”.</p> <p>“Aqui em Mato Grosso do Sul a safra deste ano é considerada boa. Mas os produtores dizem que enfrentam algumas <b>dificuldades para vender laranjas</b>”.</p> <p><i>- A questão da laranja no campo está bem resolvida, o desafio está na comercialização.</i></p> <p><b>Nota retorno - Edevaldo Nascimento:</b> “O Ministério divulgou também uma normativa aumentando a exigência mínima de suco de laranja no néctar de 30 para 50%, Isso pode corresponder a um aumento de consumo interno de dez mil toneladas de suco por ano”.</p> <p><i>- O Governo tenta ajudar, parar resolver as pendências que impedem o setor de melhorar e deixar os produtores mais satisfeitos.</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR - produtor de laranja		X		
PEQUENO PRODUTOR				
EMPREGADO RURAL - trabalhador rural		X		
OUTROS				
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				X
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>				
<p><b>Nota retorno - Priscilla Sampaio:</b> “Para dar suporte ao setor, o Ministério da Agricultura prorrogou dívidas, anunciou o preço mínimo de R\$ 10,10 e agora deve anunciar leilões de</p>				

prêmios equalizador pago ao produtor rural, o Pepro”.	
<b>Nota retorno - Edevaldo Nascimento:</b> “O Ministério divulgou também uma normativa aumentando a exigência mínima de suco de laranja no néctar de 30 para 50%, isso pode corresponder a um aumento de consumo interno de dez mil toneladas de suco por ano”.	
<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	X
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS - laranja</b>	X
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “Mesmo com uma das melhores safras, produtores de <b>laranja</b> não comemoram”.	
<b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “a safra da <b>laranja</b> é uma das melhores dos últimos anos”.	
<b>Off - Osvaldo Nóbrega:</b> “horizontes tomados por <b>laranjais</b> , é assim no município de Dois Irmãos do Buriti”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Dois Irmãos do Buriti Citação: Terenos, Sidrolândia e Rochedinho.	

MATÉRIA			
<b>Produtores diminuem área cultivada da mandioca</b>			
<b>DURAÇÃO</b>		3min47s	
<b>SITUAÇÃO DO SETOR</b>			
<b>DESENVOLVIDO</b>			
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>			
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>		X	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>			
<p><b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “Aqui no Estado a produção de Ivinhema concentra a maior parte das lavouras, é uma cultura que produz o ano todo, mas <b>alguns fatores estão contribuindo para redução da área</b>”.</p> <p><b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “de 2010 para cá, a <b>área cultivada caiu mais de 50%</b>, o <b>baixo preço</b> pago ao produtor está entre os principais motivos”.</p> <p><b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “hoje a base é de R\$ 170. Mas já esteve pior. De 90% da minha produção eu vendia a R\$ 150. Segundo os especialistas o <b>preço tem influenciado na diminuição da área plantada</b>”.</p> <p><i>- Diminuição da plantação e do preço pago ao produtor.</i></p> <p><b>Sonora 3 - Valdeci Sebastião da Silva (Técnico da Agraer):</b> “produtores que dependem das áreas arrendadas para fazer o plantio da cultura, tem encontrado <b>algumas dificuldades</b>, até por conta da <b>concorrência que tem com a cana ou outras culturas</b>”.</p> <p><b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “esta fecularia recebe matéria prima de 40% dos produtores da região. A matéria prima gera subprodutos, como o amido usado na indústria farmacêutica e a goma usada na indústria culinária”.</p> <p><b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “nos últimos 3 anos a <b>fecularia foi obrigada a reduzir o processamento</b>. Tudo por causa da <b>queda na área plantada</b>. A expectativa é que o mercado volte a pagar melhor pela mandioca produzida no Estado. Garantindo dessa maneira o ciclo de prosperidade na região”.</p> <p><i>- O setor teve uma redução na produção, é prejudicado pela concorrência e precisa ficar somente na expectativa de que o mercado melhore.</i></p>			
<b>FONTES</b>			
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - produtor de mandioca		X	
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>			
<b>EMPREGADO RURAL</b>			
<b>OUTROS</b> - engenheiro agrônomo/ técnico da Agraer		X	
<b>RELAÇÃO COM O GOVERNO</b>		<b>M</b>	<b>E</b>
<b>APOIO</b>			
<b>ABANDONO</b>			
<b>NÃO CITA</b>		X	X

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>PESQUISA</b>	X
<b>NÃO CITA</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “O movimento que Josias vê no comércio foi comprovado por um levantamento da Embrapa. O sul-mato-grossense consome em média quase dois quilos de mandioca por semana”.	
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS - mandioca</b>	X
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “Produtores diminuem área cultivada da <b>mandioca</b> ”.	
<b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “nosso assunto agora é produção de mandioca”.	
<b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “foi na <b>mandiocultura</b> que o agricultor Josias de Souza viu a oportunidade de prosperar no campo”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Ivinhema	

MATÉRIA				
Produção do milho safrinha bate recordes em MS				
DURAÇÃO		6min13s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO		X		
EM DESENVOLVIMENTO				
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “A colheita do milho safrinha deste ano chegou a um patamar que nem ele poderia imaginar. Quem vê a lavoura assim, vistosa, já percebe que a produtividade está alta. O tempo ajudou, a chuva veio a contento e o produtor comemora o resultado”.</p> <p><b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “Sr. Pedro é apenas mais um entre muitos agricultores que comemoram os bons resultados. O levantamento da Conab apontou que a cultura foi a grande responsável pela alta safra de grãos no Estado. O aumento da produção foi de mais de 80% em relação ao ano anterior”.</p> <p><b>Julio Bortolini (Pres. Sind. Rural São Gabriel do Oeste):</b> “o que surpreendeu a safrinha foi que o ano agrícola correu tranquilo. As chuvas se alongaram, nós tivemos uma janela maior de plantio. E o tempo vinha indicando que o comportamento da chuva seria promissor para o ano. E o agricultor já tem uma agricultura bastante avançada em tecnologia, aproveitou o tempo e investiu maciçamente no milho e o resultado está aqui hoje: a colheita farta para o Município e o Estado”.</p> <p><b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “tecnologia, cuidado com a terra e sorte com o clima ajudaram a alcançar um resultado histórico na propriedade”.</p> <p><i>- Os resultados superaram todas as expectativas otimistas dos agricultores que demonstram contentamento nas entrevistas. E os dados mostram que o setor é melhor do que nos anos anteriores. O setor, segundo a reportagem, está em excelente fase devido a sua tecnologia, cuidado com a terra e sorte com o clima.</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR - agricultores		X		
PEQUENO PRODUTOR				
EMPREGADO RURAL				
OUTROS				
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO/PARTICIPAÇÃO				
ABANDONO/PREJUDICA				
NÃO CITA		X	X	X

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	X
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “Assim que deixa a lavoura o milho é despejado no caminhão. E segue pela estrada para o <b>armazém da cooperativa</b> . Aqui a carga se junta a muitas outras. A cada safra, 20 mil caminhões passam pela cooperativa. Que movimentam mais de um milhão de sacas de milho por ano”.	
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	X
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “Produção do <b>milho safrinha</b> bate recordes em MS”.	
<b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “Com esse entusiasmo que nós começamos a exibir a partir de hoje reportagens especiais que mostram a força do campo que move o potencial da indústria. Nós começamos com <b>a força do milho que nessa safrinha fez a alegria do produtor rural</b> ”.	
<b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “a <b>colheita do milho safrinha</b> deste ano chegou a um patamar que nem ele poderia imaginar”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
São Gabriel do Oeste	

**8 DE SETEMBRO**  
**DURAÇÃO: 20min1s**  
**NÚMERO DE MATÉRIAS: 4**

MATÉRIA			
<b>Incra apresenta planejamento para reforma agrária em Mato Grosso do Sul</b>			
<b>DURAÇÃO</b>		4min24s	
SITUAÇÃO DO SETOR			
<b>DESENVOLVIDO</b>			
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>		X	
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>			
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>			
<p><b>Cabeça - Princilla Sampaio:</b> “Depois de retomar os trabalhos de reforma agrária na semana passada. <b>O Incra apresentou um novo planejamento para adquirir terras e implantar famílias em Mato Grosso do Sul</b>”.</p> <p><b>Off – Alexandre Cabral:</b> “a Famasul quer saber se o Incra vai ter equipamentos e dinheiro para assentar as famílias e que no Estado existem muitas terras que podem ser compradas pelo Incra, evitando assim os longos processos de desapropriação”.</p> <p><b>Sonora 4 - Celso Cestari:</b> “a questão de implantação de água não será do Incra. Nós, através do Ministério da Integração Nacional, <b>as estradas nós realizaremos com os Municípios que receberam máquinas do PAC 2. As construções das moradias também não deverão ficar a cargo do Incra, mas do Ministério das Cidades, Minha Casa Minha Vida</b>”.</p> <p><b>Nota retorno - Edevaldo Nascimento:</b> “o Incra só deve concluir o trabalho de vistoria depois que a greve terminar e se não houver uma nova paralisação por outra medida judicial. Isso porque o <b>Ministério Público Federal recorreu da decisão da juíza de Naviraí. Que liberou a retomada dos processos de reforma agrária no Estado</b>”.</p> <p><i>- Há intensa atuação do Incra na questão da reforma agrária, mas a questão está longe de ser sanada. Há pormenores a serem resolvidos e a reforma agrária pertence muito ao campo do planejamento.</i></p>			
FONTES			
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b>			
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>			
<b>EMPREGADO RURAL</b>			
<b>OUTROS - assessor jurídico da Famasul, superintendente Incra/MS</b>		X	
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E
<b>APOIO</b>			X
<b>ABANDONO</b>			
<b>NÃO CITA</b>		X	X

<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b> <b>Cabeça - Prncilla Sampaio:</b> “Depois de retomar os trabalhos de reforma agrária na semana passada. <b>O Incra apresentou um novo planejamento para adquirir terras e implantar famílias em Mato Grosso do Sul</b> ”.	
<b>Off - Alexandre Cabral:</b> “o novo projeto passa pelo <b>Programa Brasil Sem Miséria do Governo Federal</b> . Que pretende atingir com o desenvolvimento no campo localidades com dificuldades de gerar emprego e renda”.	
<b>Passagem - Alexandre Cabral:</b> “neste novo plano de reforma agrária, <b>o Incra já vistoriou nove propriedades</b> ”.	
<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	X
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b> <b>Off – Alexandre Cabral:</b> “A Famasul quer saber se o Incra vai ter equipamentos e dinheiro para assentar as famílias e que no Estado existem muitas terras que podem ser compradas pelo Incra, evitando assim os longos processos de desapropriação”.	
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS – reforma agrária</b>	X
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b> <b>Título:</b> “Incra apresenta planejamento para <b>reforma agrária em Mato Grosso do Sul</b> ”.	
<b>Off - Alexandre Cabral:</b> “no mapa as regiões onde o Incra de Mato Grosso do Sul pretende implantar <b>novos assentamentos da reforma agrária</b> ”.	
“o novo projeto passa pelo programa Brasil Sem Miséria do Governo Federal. Que <b>pretende atingir com o desenvolvimento no campo</b> localidades com dificuldades de gerar emprego e renda”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Campo Grande Cita: regiões de Nova Andradina, Taquru, Bataguassu.	



MATÉRIA				
MS integra cadeia da suinocultura em ciclos completos				
DURAÇÃO		9min46s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO		X		
EM DESENVOLVIMENTO				
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “Foi buscando a excelência na produção que o Estado passou a integrar uma das <b>cadeias mais completas do mercado</b>, a <b>criação de suínos em ciclos completos</b>”.</p> <p><b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “a atividade encontrou em São Gabriel do Oeste tudo o que precisava para crescer. Hoje são abatidos por dia 2.200 suínos por dia no município. Para chegar até aqui foram longos anos no manejo”.</p> <p>“para diminuir ainda mais os custos e aumentar a lucratividade foi preciso fazer um <b>investimento ainda maior no município. A construção de um frigorífico de suínos.</b> Aqui são empregados mais de 1.200 trabalhadores”.</p> <p><b>Passagem 2 - Priscilla Bitencourt:</b> “há sete anos uma palavra mudou a suinocultura no Mato Grosso do Sul: a sustentabilidade. Esses são os biodigestores, eles recebem os dejetos dos suínos e os transformam em energia elétrica”.</p> <p><i>- A cultura se desenvolveu e atualmente está bastante organizada e estável, o ciclo completo é mostrado como uma forma evoluída de criação de suínos, gerando riqueza de maneira sustentável.</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR - suinocultor		X		
PEQUENO PRODUTOR				
EMPREGADO RURAL - gerente de Frigorífico,		X		
OUTROS - médico veterinário, desossador, presidente da Coasgo		X		
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				X
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>				
<p><b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “Em agosto, o Governo anunciou um pacote de medidas para ajudar os suinocultores no país. Entre elas a realização de leilões de escoamento do produto. O pagamento de preço mínimo por animal e o parcelamento das dívidas de custeio por até cinco anos. Foram liberados cinco milhões de reais para que os suinocultores possam refinanciar suas dívidas, junto ao setor privado no país, mudanças que deram novo impulso a uma atividade que já faz parte de uma tradição de São Gabriel do Oeste”.</p>				

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	X
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “O restante executam o que se chama de terminação. <b>Por meio da cooperativa os produtores recebem os suínos</b> pequenos e criam até a fase de abate. Para estes casos toda a alimentação é feita nesta fábrica. O controle do que é destinado aos suínos é rigoroso”.	
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	X
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “MS integra <b>cadeia da suinocultura</b> em ciclos completos”.	
<b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “O Estado passou a integrar um das cadeias mais completas do mercado, a <b>criação de suínos em ciclos completos</b> . Este é o tema da segunda reportagem especial em comemoração aos 28 anos do MS Rural”.	
<b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “a atividade encontrou em São Gabriel do Oeste tudo o que precisava para crescer. Hoje <b>são abatidos por dia 2.200 suínos por dia no Município</b> ”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
São Gabriel do Oeste	

MATÉRIA				
Colheita do milho safrinha está chegando ao fim em MS				
DURAÇÃO		2min15s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO		X		
EM DESENVOLVIMENTO				
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES				
<p><b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b></p> <p><b>Off - Priscilla Bitencourt:</b> “A colheita chegou ao fim com o agricultor satisfeito. Além da boa produtividade, o preço superou as expectativas. Hoje a saca de 60 kg está sendo comercializada aqui em Mato Grosso do Sul, há R\$ 25, 00. Quase 20% a mais do que no mesmo período no ano passado”.</p> <p><b>Sonora 2 - Volmir Berres (agricultor):</b> “eu acho que esse cenário é positivo, favorável. Uma vez que não tem nada que mostre que vai voltar, algum evento novo que possa mudar isso”.</p> <p><b>Off - Naurimar Franco:</b> “nos armazéns do Estado os estoques estão cheios. essa cooperativa reúne 500 produtores rurais de Antônio João e Ponta Porã. Aqui o grande volume de grãos aumentou a comercialização em 30 %”.</p> <p><b>Sonora 3 - Rogério Butzen (gerente da unidade):</b> “esse ano devido a safra ser bastante grande o que a gente precisou fazer foi retirar esses grãos. Entregar os contratos antecipados para gerar espaço para continuar recebendo e não ter o armazém aí lotado e não ter condições de atender o produtor”.</p> <p><i>- O setor teve muito positivos (com “boa produtividade” e preço que “superou as expectativas”) os produtores se manifestaram contentes. Os dados provam a melhora em relação a anos anteriores e a boa colheita feita.</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR - agricultores		X		
PEQUENO PRODUTOR				
EMPREGADO RURAL – gerente de unidade		X		
OUTROS				
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	X
RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES				
PATRONAL				
COOPERATIVA		X		
SINDICAL				
FINANCIAMENTO				
NÃO CITA				

<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b> <b>Off - Naurimar Franco:</b> “Nos armazéns do Estado os estoques estão cheios. <b>Essa cooperativa reúne 500 produtores rurais</b> de Antônio João e Ponta Porã. Aqui o grande volume de grãos aumentou a comercialização em 30%”.	
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	X
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b> <b>Título:</b> “Colheita do <b>milho safrinha</b> está chegando ao fim em MS”.	
<b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “a <b>colheita do milho safrinha</b> está chegando ao fim no <b>Mato Grosso do Sul</b> . Mais de 95% das áreas já foram colhidas”.	
<b>Off - Naurimar Franco:</b> “As máquinas trabalham para colher na <b>lavoura de milho</b> de João Cherin. Nesta safra o agricultor plantou 700 hectares”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Ponta Porã Cita: Antônio João	

MATÉRIA			
<b>Congresso em Campo Grande discute medidas para combater ervas daninhas em lavouras</b>			
<b>DURAÇÃO</b>		3min36s	
SITUAÇÃO DO SETOR			
<b>DESENVOLVIDO</b>			X
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>			
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>			
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>			
<p><b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “As ervas daninhas são grandes vilãs da lavoura e quando não combatidas podem comprometer plantações inteiras. Um congresso realizado essa semana em Campo Grande debateu o assunto com palestrantes de vários países”.</p> <p><b>Off - Osvaldo Nóbrega:</b> “As novidades da biotecnologia no manejo das plantas daninhas e os efeitos nas lavouras foram temas de debate realizado nesse congresso em Campo Grande. Quase 800 pessoas, entre técnicos e pesquisadores, estudantes e produtores rurais, acompanharam as palestras. Edivaldo Domingues Velini é <b>mestre e doutor em manejo de ervas daninhas. Ele destacou a importância das novas técnicas de prevenção e combate as plantas</b>”.</p> <p><b>Off - Osvaldo Nóbrega:</b> “em geral o controle das ervas daninhas nas lavouras é feito com produtos químicos. <b>Dependendo das doses e da intensidade das aplicações, os herbicidas também podem matar a lavoura, é aí que a biotecnologia passa a ser uma forte aliada do produtor.</b> Túlio optou pela soja e milho transgênicos. Segundo estudos as sementes alteradas geneticamente em laboratório são mais resistentes ao veneno”.</p> <p><b>Sonora 2 - Túlio Anziliero Basso (produtor rural):</b> “100% da área que eu planto é transgênico aqui, a semente geneticamente modificada ajudou muito a gente no controle. para eu possa aplicar o glifosato na planta sem matar a cultura que está nela. foi um passo muito grande dado na agricultura”.</p> <p><i>- Incentivo e tecnologia maciçamente usados no desenvolvimento do setor. A realização do evento, de cunho internacional mostra a excelente atenção dada ao assunto. Reportagem mostra que as técnicas inovadoras de combate as ervas daninhas são usadas pelos produtores.</i></p>			
FONTES			
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - produtor rural			X
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>			
<b>EMPREGADO RURAL</b>			
<b>OUTROS</b> - técnico agrícola, doutor em manejo de ervas daninhas, engenheiro agrônomo			X
RELAÇÃO COM O GOVERNO			M
<b>APOIO</b>			E
<b>ABANDONO</b>			F
<b>NÃO CITA</b>			X
			X
			X

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	X
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS – ervas daninhas</b>	X
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<p><b>Título:</b> “Congresso em Campo Grande discute medidas para <b>combater ervas daninhas em lavouras</b>”.</p> <p><b>Cabeça - Priscilla Sampaio:</b> “as <b>ervas daninhas são grandes vilãs da lavoura</b> e quando não combatidas podem comprometer plantações inteiras”.</p> <p><b>Off - Osvaldo Nóbrega:</b> “as <b>novidades da biotecnologia no manejo das plantas daninhas</b> e os efeitos nas lavouras foram temas de debate realizado nesse congresso em Campo Grande”.</p>	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Sidrolândia	

**3 DE NOVEMBRO**  
**TEMPO TOTAL: 19min25s**  
**NÚMERO TOTAL MATÉRIAS: 5**

MATÉRIA			
<b>Índios e produtores acompanham as discussões sobre regras de demarcação</b>			
<b>DURAÇÃO</b>		1min57s	
<b>SITUAÇÃO DO SETOR</b>			
<b>DESENVOLVIDO</b>			
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>		X	
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>			
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>			
<b>Off - Renato Rosa:</b> “A Funai deve apresentar o estudo antropológico para apontar se a área da disputa pelos produtores é indígena”.			
“nenhum produtor participou da audiência pública. As discussões apontaram que a melhor medida será a demarcação das áreas e indenizações dos agricultores. O desafio é conseguir os recursos necessários”.			
<b>Sonora 3 - Marco Antonio Delfino (Procurador de Justiça/MS):</b> “de um bilhão anualmente que permitiria num prazo médio de oito a dez anos que toda essa questão indígena, ela fosse equacionada”.			
<i>- A questão não está resolvida, mas tem a atuação de diversos interessados e é mediada pelo Governo Federal.</i>			
<b>FONTES</b>			
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - diretor da Famasul		X	
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>			
<b>EMPREGADO RURAL</b>			
<b>OUTROS</b> - líder indígena, ministro da justiça, procurador de justiça, presidente da Funai		X	
<b>RELAÇÃO COM O GOVERNO</b>		<b>M</b>	<b>E</b>
<b>APOIO</b>			X
<b>ABANDONO</b>			
<b>NÃO CITA</b>		X	X
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>			
<b>Off - Renato Rosa:</b> “Em Brasília os índios receberam a notícia que não seriam mais despejados da fazenda Cambara. O ministro da justiça anunciou a decisão do Tribunal Superior Federal”.			
<b>Sonora 1 – José Eduardo Cardoso (Ministro da Justiça):</b> “a melhor solução é circunscrever a permanência dos índios no espaço de um hectare, ou seja, mil metros quadrados. Até o término do procedimento administrativo em tramitação de demarcação das terras da região”.			
<b>Off - Renato Rosa:</b> ”a Funai deve apresentar o estudo antropológico para apontar se a área da disputa pelos produtores é indígena. Está fazendo todo o esforço para concluir esses estudos e apresentar esse relatório até daqui 30 dias”.			

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b> - diretor da Famasul	X
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>PESQUISA</b>	
<b>NÃO CITA</b>	
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b> – demarcação de terras	X
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “Índios e produtores acompanham as <b>discussões sobre regras de demarcação</b> ”.	
<b>Cabeça – Edevaldo Nascimento:</b> “essa semana o assunto terras indígenas foi destaque na Capital Federal. <b>Índios e produtores acompanharam as discussões sobre as regras de demarcação de áreas no país</b> ”.	
<b>Otoniel Nhandheru (Líder Indígena):</b> “o <b>jeito que foi encaminhado vai afetar todos os a demarcação da terra</b> , que a gente principalmente no Mato Grosso Do Sul”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Brasília	



MATÉRIA				
Nível do Rio Paraguai é preocupação na piracema em Corumbá				
DURAÇÃO		2min24s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO				
EM DESENVOLVIMENTO		X		
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Off - Bruno Grubertt:</b> “Mais da metade da tripulação desses barcos tem que ser dispensada nos períodos de piracema. Tempo de dificuldade também para os trabalhadores profissionais”.</p> <p><b>Sonora 1 - Joyce Carla Marques (Pres. Ass. Empresas de Turismo):</b> “nesta temporada de pesca as empresas estão se organizando para que se mantenham os funcionários trabalhando. Qualificando eles em pintura, marcenaria”.</p> <p><b>Passagem - Bruno Grubertt (Corumbá):</b> “neste período só permitido pescar a cota definida pela lei como subsistência para as famílias desses profissionais. <b>A principal fonte de renda passa a ser então o seguro defesa pago pelo Governo Federal.</b> Um salário mínimo em cada um dos quatro meses de piracema”.</p> <p><i>- “Um período de dificuldade”, pelo qual os pescadores e dependentes do transporte fluvial passam, e que as empresas e o Governo tentam se organizar para ajudar.</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR				
PEQUENO PRODUTOR - pescador profissional		X		
EMPREGADO RURAL				
OUTROS - pesquisadora Embrapa Pantanal, Pres. Ass. Empresas de turismo		X		
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				X
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>				
<p><b>Passagem - Bruno Grubertt (Corumbá):</b> “A principal fonte de renda passa a ser então o seguro defesa pago pelo Governo Federal. Um salário mínimo em cada um dos quatro meses de piracema”.</p>				
RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES				
PATRONAL				
COOPERATIVA				
SINDICAL				
FINANCIAMENTO				
NÃO CITA		X		

<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	X
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<p><b>Cabeça – Edevaldo Nascimento:</b> “A piracema começa nessa segunda-feira. Serão quatro meses de descanso para a reprodução dos peixes”.</p>	
<p><b>Off – Bruno Grubertt:</b> “o período coincide com as tradicionais chuvas de verão. Na piracema os peixes ficam mais vulneráveis porque sobem o rio em cardumes para se reproduzir nas áreas de corredeiras. Por isso é proibido pescar”.</p>	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Corumbá	

MATÉRIA				
Controle de verminoses é o principal desafio para criação de ovinos				
DURAÇÃO		4min34s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO				
EM DESENVOLVIMENTO		X		
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Passagem – Carina Urbanin (Campo Grande): “o controle das verminoses é um dos principais desafios para a criação de ovinos em todo país e pode causar a morte de até 40% de um rebanho e comprometer o ganho de peso dos outros 60%. O confinamento é tido como uma das principais soluções para isso, mas custa caro. Agora por meio de pesquisa a Embrapa daqui de Mato Grosso do Sul sugere um novo trato para esses animais”.</b></p> <p><b>Off – Carina Urbanin:</b> “toda estrutura tem custo elevado, cada ovino criado custa um real por dia. A pasto o animal custa em média dois reais por mês. Mas o produtor diz que os gastos acabam compensando. Ele explica que no sistema de confinamento o controle da verminose é mais eficiente”.</p> <p><i>- A criação de ovinos em confinamento é desenvolvida com o apoio de pesquisas da Embrapa para ajudar produtores a combater o problema de verminoses</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR - produtor de ovinos		X		
PEQUENO PRODUTOR				
EMPREGADO RURAL				
OUTROS - pesquisador da Embrapa		X		
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	X
RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES				
PATRONAL				
COOPERATIVA				
SINDICAL				
FINANCIAMENTO				
PESQUISA		X		
NÃO CITA				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>				
<p><b>Cabeça – Edevaldo Nascimento:</b> “Agora uma pesquisa da Embrapa conseguiu ótimos resultados com animais criados a pasto”.</p>				

<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS - ovinos</b>	X
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “Controle de verminoses é o principal desafio para <b>criação de ovinos</b> ”.	
<b>Cabeça – Edevaldo Nascimento:</b> “o controle das verminoses é a principal ação para a <b>criação de ovinos</b> ”.	
<b>Cabeça – Priscilla Sampaio:</b> “os médicos veterinários dizem que a melhor forma de controle disso é a <b>criação em confinamentos</b> ”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Campo Grande	

<b>MATÉRIA</b>				
<b>Assentados dobram produção de leite com mudança no manejo</b>				
<b>DURAÇÃO</b>		3min23s		
<b>SITUAÇÃO DO SETOR</b>				
<b>DESENVOLVIDO</b>				
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>		X		
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Passagem – Naurimar Franco (Ponta Porã):</b> “A <b>tecnificação do homem no campo tem trazido melhoras também na qualidade do leite.</b> Com muita dedicação, os produtores conseguiram alcançar um padrão para a <b>comercialização nacional.</b> O desafio agora é alcançar um nível ainda maior e conseguir exportar o produto”.</p> <p><b>Sonora 5 - Fernanda Lopes de Oliveira:</b> “hoje no Brasil, o número de selas somáticas ele é bem maior do que nos outros países. E o número de selas somáticas para exportação é abaixo de cem mil, então nós vamos tentar chegar nesse valor”.</p> <p><i>- Assentados de uma associação conseguem dobrar produção de leite graças a tecnificação e acompanhamento periódico de técnicos e médicos veterinários. O setor melhorou a ponto de entrar no patamar de comercialização nacional e agora pretende aumentar a comercialização.</i></p>				
<b>FONTES</b>				
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b>				
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>				
<b>EMPREGADO RURAL</b>				
<b>OUTROS</b> - assentada, médica veterinária, responsável produção cooperativa		X		
<b>RELAÇÃO COM O GOVERNO</b>		<b>M</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
<b>APOIO</b>				
<b>ABANDONO</b>				
<b>NÃO CITA</b>		X	X	X
<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>				
<b>PATRONAL</b>				
<b>COOPERATIVA</b>		X		
<b>SINDICAL</b>				
<b>FINANCIAMENTO</b>				
<b>NÃO CITA</b>				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>				
<p><b>Off - Naurimar Franco:</b> “Os produtores fazem parte da <b>cooperativa de famílias do assentamento Itamaraty.</b> A <b>associação</b> reúne 423 associados de leite, que recebem acompanhamento periódico de técnicos e médicos veterinários”.</p>				

<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	<b>X</b>
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título:</b> “Assentados dobram <b>produção de leite</b> com mudança no manejo”.	
<b>Cabeça – Edevaldo Nascimento:</b> “Produtores do assentamento <b>Itamaraty, em Ponta Porã dobraram a produção de leite</b> em comparação com o ano passado”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Ponta Porã	

MATÉRIA			
<b>Conheça um projeto que tem viabilizado a recuperação das RPPN's</b>			
<b>DURAÇÃO</b>		7min07s	
SITUAÇÃO DO SETOR			
<b>DESENVOLVIDO</b>			X
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>			
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>			
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>			
<p><b>Sonora 5 - Mariza Silva (Coord. do Projeto):</b> “O primeiro passo é o proprietário vislumbrar essa oportunidade. Enxergar a oportunidade dele ter benefícios por conservação. Aliando isso a sua produção. Ele pode continuar tendo gado de corte, de leite. Ele pode continuar com a agricultura. Ele pode optar por trabalhar com eco turismo. Tirar o seu sustento disso. <b>A gente tem vários exemplos disso, inclusive com propriedades que aliam extrativismo com agropecuária, agricultura e o ecoturismo, que é a principal fonte de renda desse local</b>”.</p> <p><b>Nota Retorno - Priscila Sampaio:</b> “um projeto que precisa ser copiado”.</p> <p><i>- Matéria mostra exemplo de que as propriedades podem aliar extrativismo com agropecuária, agricultura e ecoturismo. Benefícios financeiros com conservação ecológica. Visto como “um projeto que precisa ser copiado”.</i></p>			
FONTES			
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - produtora rural			X
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>			
<b>EMPREGADO RURAL</b> - viveirista			X
<b>OUTROS</b> - coord. do projeto, ecólogo			X
RELAÇÃO COM O GOVERNO			
	<b>M</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
<b>APOIO</b>			X
<b>ABANDONO</b>			
<b>NÃO CITA</b>	X	X	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>			
<p><b>Off – Alexandre Cabral:</b> “Mais dinheiro mesmo o dono da terra vai ter se entrar em um processo legal de registro feito por órgãos governamentais. Mesmo assim é uma indústria que rende muito dinheiro no mercado mundial. A coordenadora geral do projeto é a bióloga Mariza Silva que acredita que dentro de dois ou três anos os proprietários comecem a <b>receber dinheiro pelas áreas preservadas</b>”.</p> <p><b>Off – Alexandre Cabral:</b> “20 mil mudas já foram transplantadas para o campo. Em uma área que antes fazia barragem da água da chuva que descia dos campos. Outras 20 mil serão replantadas com a chegada das chuvas até o final desse ano. Com isso, a reserva de <b>biomassa da RPPN vai crescer e fazer com que o dono da terra possa receber um dinheiro por preservar</b>”.</p>			

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	X
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS – desenvolvimento sustentável</b>	X
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Cabeça – Edevaldo Nascimento:</b> “Você vai conhecer agora um projeto que tem viabilizado a recuperação por meio de <b>plantio de mudas</b> , a avaliação topográfica e até a contagem de carbono nas florestas”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Corguinho	



**10 DE NOVEMBRO**  
**DURAÇÃO: 18min20s**  
**NÚMERO TOTAL MATÉRIAS: 5**

MATÉRIA			
<b>Produtores semeiam 75% da soja na safra 2012/2013 em MS</b>			
<b>DURAÇÃO</b>		2min16s	
SITUAÇÃO DO SETOR			
<b>DESENVOLVIDO</b>			X
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>			
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>			
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>			
<p><b>Passagem – Naurimar Franco (Aral Moreira):</b> “Segundo o IBGE, um levantamento feito nos últimos cinco anos aqui em Aral Moreira mostra que <b>a produção dessa variedade cresceu em até 100%</b>. E hoje corresponde até 80% de toda área plantada”.</p> <p><b>Sonora 2 – Adriano Santana (engenheiro agrônomo):</b> “plantio do <b>milho safrinha</b>, que atualmente é uma <b>cultura muito rentável ao produtor</b>”.</p> <p><b>Sonora 3 - Claudio Fabres (agricultor):</b> “a expectativa está boa. A gente tem analisado o clima e procurado se informar a respeito do clima. <b>Tem se comentado que vai ser um ano bom para safra brasileira</b>, principalmente no sul, sul do Estado, acho que vai ser uma boa safra”.</p> <p><i>- Mostra produção com crescimento de 100% e que as culturas são “muito rentáveis ao produtor”. A meteorologia também tem contribuído com isso.</i></p>			
FONTES			
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - agricultor			X
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>			
<b>EMPREGADO RURAL</b>			
<b>OUTROS</b> - engenheiro agrônomo			X
RELAÇÃO COM O GOVERNO			
	<b>M</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
<b>APOIO</b>			
<b>ABANDONO</b>			
<b>NÃO CITA</b>	X	X	X
RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES			
<b>PATRONAL</b>			
<b>COOPERATIVA</b>			
<b>SINDICAL</b>			
<b>FINANCIAMENTO</b>			
<b>NÃO CITA</b>			X

<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	X
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	X
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Cabeça – Priscilla Sampaio:</b> “na região sul os produtores investiram em variedades precoces. Uma estratégia para ganhar tempo no <b>cultivo do milho safrinha</b> ”.	
<b>Off – Naurimar Franco:</b> “Já foram semeados até agora 75% dos <b>dois milhões de hectares destinados a cultura da soja no Estado</b> ”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Aral Moreira	

MATÉRIA				
<b>Indústrias de MS importam soja da Bolívia</b>				
<b>DURAÇÃO</b>		4min13s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
<b>DESENVOLVIDO</b>				
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>		X		
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>				
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Cabeça – Priscila Sampaio:</b> “os preços atrativos e demanda mundial pela soja fez com que os estoques diminuíssem nessa safra”.</p> <p><b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> aqui em Mato Grosso Do Sul, por uma possível <b>falta de matéria prima levou indústrias a importar soja da Bolívia</b>. Os primeiros carregamentos já chegaram ao Estado.</p> <p><b>Off – Raphaela Potter:</b> “o movimento na linha férrea e no porto seco de Corumbá tem sido intenso nos últimos dias. Somente esta semana 12 caminhões carregados com soja chegaram da Bolívia”.</p> <p><b>Off – Raphaela Potter:</b> “De acordo com o inspetor chefe da Receita Federal em Corumbá. A demora para a regularização do produto é pontual já que esse é um processo novo de importação. Com a chegada de novas cargas, a nacionalização do produto será realizada de maneira mais rápida”.</p> <p><i>- Devido a nova situação da soja no Estado, com a demanda por importação, os envolvidos estão aprendendo a lidar com os desafios e procurando melhorar, principalmente na regularização e fiscalização dos produtos na fronteira.</i></p>				
FONTES				
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b>				
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>				
<b>EMPREGADO RURAL</b>				
<b>OUTROS –</b> caminhoneiro, inspetor da Receita Federal, analista de mercado, fiscal federal agropecuário		X		
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
<b>APOIO</b>			X	X
<b>ABANDONO</b>				
<b>NÃO CITA</b>		X		

<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Off – Raphaela Potter:</b> “O grão só começou a ser importado após o <b>Ministério da agricultura</b> aprovar os critérios fito sanitários que são exigidos para a internacionalização da soja”.	
<b>“Fiscais do Mapa e da Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal, Iagro,</b> verificam os lacres das cargas e colhem amostras do grão. Que devem estar livres de restos vegetais, impurezas e materiais de solo”.	
<b>Passagem – Raphaela Potter (Porto Seco – Corumbá):</b> “Toda a carga é fiscalizada pela <b>Receita Federal e pelo Ministério da Agricultura</b> aqui no porto seco de Corumbá”.	
<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	X
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	X
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>INDÚSTRIAS DE MS IMPORTAM SOJA DA BOLÍVIA</b>	
<b>Cabeça – Priscila Sampaio:</b> “Os preços atrativos e demanda mundial <b>pela soja</b> fez com que os estoques diminuíssem nessa safra”.	
<b>Cabeça - Edevaldo Nascimento:</b> “aqui em Mato Grosso Do Sul, por uma possível falta de matéria prima, levou indústrias a <b>importar soja</b> da Bolívia. Os primeiros carregamentos já chegaram ao Estado”.	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Corumbá	

MATÉRIA				
Nível baixo do Rio Paraguai preocupa transportadores de carga				
DURAÇÃO		2min40s		
SITUAÇÃO DO SETOR				
DESENVOLVIDO				
EM DESENVOLVIMENTO				
ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES		X		
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>				
<p><b>Off – Bruno Grubertt:</b> “a embarcação é uma das que transporta cinco milhões de toneladas de produtos por ano pelo Rio Paraguai. Minérios de ferro e derivados de soja que saem do Brasil ou passam por aqui até chegar a outros países sul americanos. Mas essa movimentação está ameaçada. É que nos dez primeiros meses deste ano choveu pouco na região de Corumbá em Mato Grosso do Sul e em Cáceres no Mato Grosso. 50% menos que no ano passado. O nível do rio está baixo e já prejudica o transporte de produtos”.</p> <p>“É de se esperar que com a chegada dos ciclos de chuvas, especialmente a partir do mês de dezembro, a gente atinja um valor abaixo de um metro, mas que provavelmente volte a chover e o rio volte a subir. A gente não tem comando sobre isso, mas os dados históricos apontam que isso geralmente ocorre aqui na região”.</p> <p><b>Off – Bruno Grubertt:</b> ainda assim no cronograma das mineradoras há previsão de suspender o transporte pelo rio entre dezembro e janeiro. É a programação normal que leva em conta os dados históricos e os ciclos anuais de seca e cheia no Pantanal.</p> <p><b>Sonora 3 - Alexandre Campanha (diretor de operações):</b> “mas acaba tendo um impacto, porque como o nível do rio ficou muito baixo em 2012, a gente acabou perdendo o volume total transportado em hidrovia. nós planejamos em não fazer o volume, mas de uma certa forma você acaba tendo uma perda de receita”.</p> <p><i>- O transporte fluvial é prejudicado pela chuva. Os envolvidos têm prejuízos de receita, simplesmente são obrigados a torcer para que volte a chover.</i></p>				
FONTES				
GRANDE/MÉDIO PRODUTOR				
PEQUENO PRODUTOR				
EMPREGADO RURAL				
OUTROS - diretor de operações, capitão de sinalização náutica, gerente operacional		X		
RELAÇÃO COM O GOVERNO		M	E	F
APOIO				X
ABANDONO				
NÃO CITA		X	X	
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>				
<p><b>Off – Bruno Grubertt:</b> “Na área monitorada pela Marinha o comandante de serviço de sinalização garante que ainda há segurança para navegar. Há cinco anos, neste mesmo período, o nível da água estava mais baixo”.</p>				

<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>	
<b>PATRONAL</b>	
<b>COOPERATIVA</b>	
<b>SINDICAL</b>	
<b>FINANCIAMENTO</b>	
<b>NÃO CITA</b>	X
<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS – transporte fluvial</b>	X
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>	
<b>Título: “Nível baixo do Rio Paraguai preocupa transportadores de carga”.</b>	
<b>Sonora 3 - Alexandre Campanha (diretor de operações): “o nível do Rio Paraguai está um metro abaixo do previsto para a época. Situação que começa a preocupar as empresas que fazem o transporte de carga pela hidrovia”.</b>	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Corumbá	

<b>MATÉRIA</b>					
<b>Oitava edição da Expoinel termina neste domingo</b>					
<b>DURAÇÃO</b>		2min44s			
<b>SITUAÇÃO DO SETOR</b>					
<b>DESENVOLVIDO</b>			X		
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>					
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>					
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>					
<p><b>Sonora 1 – Guilherme Bumlai (Presidente Nelore/MS):</b> “Os melhores criadores, o que tem de excelência da raça Nelore em nível nacional está presente aqui em Campo Grande, neste momento. Isso para um criador obter um animal premiado é o reconhecimento de todo seu trabalho que ele realiza na sua propriedade. E esse melhoramento genético que vai produzir uma carne mais precoce, um animal de maior qualidade para o consumidor final”.</p> <p><b>Off – Rodrigo Grandó:</b> “em dez dias de feiras, os organizadores esperam cerca de R\$ dez milhões em negócios”.</p> <p><i>- A Feira recebe os melhores criadores e animais. Organizadores contam com alto lucro nas negociações da Feira.</i></p>					
<b>FONTES</b>					
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b> - presidente Nelore/MS, criador			X		
<b>PEQUENO PRODUTOR</b>					
<b>EMPREGADO RURAL</b>					
<b>OUTROS</b> - jurado			X		
<b>RELAÇÃO COM O GOVERNO</b>			<b>M</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
<b>APOIO</b>					
<b>ABANDONO</b>					
<b>NÃO CITA</b>			X	X	X
<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>					
<b>PATRONAL</b>					
<b>COOPERATIVA</b>					
<b>SINDICAL</b>					
<b>FINANCIAMENTO</b>					
<b>PESQUISA</b>				X	
<b>NÃO CITA</b>					
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>					
<p><b>Sonora 3 - Célio Arantes Heim (jurado):</b> “Inclusive isso temos conseguido há muito tempo e o Mato Grosso do Sul trabalha em centrais de disseminação, <b>Embrapa</b>, fomentando o trabalho de pesquisa. Criadores muito antigos que estão há 30, 40 anos no Estado”.</p>					

<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	X
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<b>AGRICULTURA - OUTROS</b>	
<p><b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>  <b>Cabeça – Priscilla Sampaio:</b> “termina neste domingo a oitava edição da Expoinel. A feira internacional do gado nelore trouxe novidades em 2012”.</p> <p><b>Passagem – Rodrigo Grando (Campo Grande):</b> “na pista alguns dos melhores animais do Brasil participam da Expoinel/MS. Mais de 50 expositores de vários Estados. Aqui os animais são avaliados em vários quesitos. Conformidade racial, carcaça, prumo. E isso conta pontos para o ranking nacional. Ter um animal bem rankiado significa mais visibilidade no mercado”.</p>	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Campo Grande	



<b>MATÉRIA</b>					
<b>Piscicultura é fonte de renda e inspiração para busca de novos mercados no sul de MS</b>					
<b>DURAÇÃO</b>		6min17s			
<b>SITUAÇÃO DO SETOR</b>					
<b>DESENVOLVIDO</b>					
<b>EM DESENVOLVIMENTO</b>		X			
<b>ESTAGNADO ou COM DIFICULDADES</b>					
<b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS E ANÁLISE:</b>					
<p><b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “A produção em 2009 foi de 12,5 toneladas de pescado, em 2010 esse valor subiu para 14.5 toneladas a <b>expansão do setor chamou atenção da indústria em Dourados um frigorífico de peixes apostou no potencial da região</b> o gerenciamento será em forma de cooperativa, (..) Deve gerar cerca de 1500 empregos diretos e indiretos. A expectativa é que tudo comece a funcionar já no ano que vem”.</p> <p><b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “o crescimento na produção de pescado está ligado também no mercado consumidor. A carne vermelha ainda é a preferência do sul-mato-grossenses, mas aos poucos o peixe está ganhando espaço em nossa mesa, não só pelo preço atrativo, mas também pelas vantagens nutricionais”.</p> <p>“de acordo com o Ministério da Pesca e Aquicultura, a <b>produção do Estado é muito pequena. Por isso ainda procuramos o produto em outros países</b>”.</p> <p><i>- o mercado está em crescimento, devido ao consumo maior. Mas a produção ainda é “pequena” e por isso há necessidade de importação de pescados de outros países.</i></p>					
<b>FONTES</b>					
<b>GRANDE/MÉDIO PRODUTOR</b>					
<b>PEQUENO PRODUTOR</b> piscicultor		X			
<b>EMPREGADO RURAL</b>					
<b>OUTROS</b> - comerciante, diretor de agricultura		X			
<b>FONTE:</b>					
<p><b>Passagem – Liziane Zarpelon (Dourados):</b> “por ano cada hectare produz por média cinco toneladas de pescado, com a mudança neste tipo de sistema a previsão é passar de pequeno produtor para médio, produzindo anualmente cerca de 30 toneladas por hectare”.</p>					
<b>RELAÇÃO COM O GOVERNO</b>			<b>M</b>	<b>E</b>	<b>F</b>
<b>APOIO</b>					
<b>ABANDONO</b>					
<b>NÃO CITA</b>			X	X	X
<b>RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES</b>					
<b>PATRONAL</b>					
<b>COOPERATIVA</b>					
<b>SINDICAL</b>					
<b>FINANCIAMENTO</b>					
<b>NÃO CITA</b>			X		

<b>PAUTA</b>	
<b>PECUÁRIA</b>	
<b>AVICULTURA</b>	
<b>SUINOCULTURA</b>	
<b>PISCICULTURA</b>	X
<b>OUTROS ANIMAIS</b>	
<b>SOJICULTURA</b>	
<b>CULTURA CANA-DE-AÇÚCAR</b>	
<b>MILHOCULTURA</b>	
<b>AGRICULTURA – OUTROS</b>	
<b>OUTROS ASSUNTOS</b>	
<p><b>TEXTOS COMPROBATÓRIOS:</b>  <b>Off - Liziane Zarpelon:</b> “É a tecnologia faz mesmo a diferença na agricultura, na pecuária e não só. No sul do Estado a <b>piscicultura</b> se tornou fonte de renda e inspiração de busca de novos mercados.”</p> <p>“neste local será construído uma estação experimental para a pesquisa em <b>piscicultura</b>. O projeto inovador está sendo desenvolvido há mais de dez anos”.</p>	
<b>CIDADES VISITADAS</b>	
Dourados	